

**A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO
SINTAGMA NOMINAL NA FALA
URBANA DE RIO BRANCO**

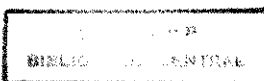
Por

Raimunda Coelho de Carvalho

**INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM/IEL
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS/UNICAMP**

Campinas

1997



046066

Raimunda Coelho de Carvalho

**A CONCORDÂNCIA DE NÚMERO NO
SINTAGMA NOMINAL NA FALA
URBANA DE RIO BRANCO**

**Dissertação apresentada ao Curso de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para a
obtenção do Título de Mestre em Linguística.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Luiza Braga**

**Unicamp
Instituto de Estudos de Linguagem
1997**

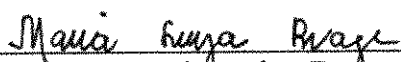
**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP**

C253q Carvalho, Raimunda Coelho de
Que autor é esse? / Raimunda Coelho de
Carvalho. - - Campinas, SP: [s.n.], 1997.

Orientador: Maria Luiza Braga
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Sociolingüística. 2. Língua Portuguesa - concordância.
I. Braga, Maria Luiza.

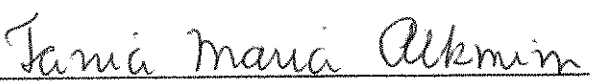
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos
da Linguagem. III. Título.



Profa. Dra. Maria Luiza Braga - Orientadora



Profa. Dra. Ângela Cecília de Souza Rodrigues



Profa. Dra. Tânia Maria Alkmin

Essa dissertação é dedicada

A meu pais, José (*in memoriam*) e Maria;

a meu marido, João;

a meus filhos, Marcelo e Ricardo,

com muito carinho.

Agradeço

a Deus, pela oportunidade de interação com os professores e com os colegas do Curso de Mestrado em Linguística;

à Professora Doutora Maria Luiza Braga, pela orientação segura, pela amizade cultivada e pela compreensão de minhas limitações em todos os momentos;

às Professoras Doutoras Maria Luiza Braga, Ângela Cecília de Souza Rodrigues e Tânia Maria Alkimin, componentes da Banca Examinadora, pela acurada leitura deste trabalho e pelas sugestões recebidas;

à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), particularmente ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), pela parceria com a Universidade Federal de Rondônia (UNIR) na promoção do Curso de Mestrado em Linguística;

aos Professores Doutores Bernadete Abaurre, Carlos Franchi, João Wanderley Geraldi, Maria Luiza Braga, Rodolfo Ilari, Sírío Possenti e Tânia Maria Alkimin, pelo pioneirismo e pelo desafio enfrentado na oferta do Curso de Mestrado em Linguística fora do Campus da UNICAMP;

ao Professor Lauro Julião de Sousa Sobrinho, Reitor da Universidade Federal do Acre, quadriênio 1993 / 1996, e sua equipe de trabalho, pelo apoio indispensável à participação no Curso de Mestrado em Porto Velho;

à Professora Doutora Maria Marta Pereira Scherre, pela cessão de parte da bibliografia específica, pela orientação sobre a utilização do Programa Computacional VABRUL, em Salvador / 1995, e, sobretudo, pelos valiosos ensinamentos adquiridos através do manuseio de sua Tese de doutoramento;

aos colegas do Curso de Mestrado, pelo companheirismo e pelas discussões enriquecedoras;

à caríssima colega e amiga Dinah de Araújo Rodrigues, pelo companheirismo, pelas frutíferas discussões e pelo apoio em todos os momentos desta caminhada;

ao Professor Doutor Vicente Cruz Cerqueira, Chefe do Departamento de Letras, pelo apoio e pelas discussões enriquecedoras;

à colega Clícia Cunha Gadelha, ex-Chefe do Departamento de Letras, pela solidariedade e pelo apoio amigo;

à colega Raimunda Miguéis Passos, pelo incentivo desde de 1982, quando orientou minha monografia no Curso de Especialização em Língua Portuguesa;

à colega e ex-professora Doutora Olinda Nogueira Asmar, pelo estímulo e apoio recebidos;

aos colegas do Departamento de Letras, pelo incentivo e pelo convívio cordial;

aos colegas Margareth Edul Prado de Souza, Laélia Maria Rodrigues da Silva e Luciano Peres Levy, pela cuidadosa leitura dos originais e pelas sugestões recebidas;

à colega Jaqueline Rodrigues Paiva, pela parceria na realização das entrevistas com os informantes;

aos alunos do Curso de Letras, particularmente da disciplina Linguística V, turma de 1994, pela participação ativa na realização das entrevistas;

aos informantes, pela disponibilidade e confiança depositada em nossa pesquisa;

aos bolsistas do Projeto Estudo da Fala Urbana de Rio Branco Carlos André Melo, Elda Martins Silva, Francisca Chagas dos Santos e Gerianes Chagas, pela colaboração efetiva na transcrição e revisão dos inquéritos;

a ex-aluna e amiga Ocineide Ferreira Machado, pela valiosa colaboração no levantamento e digitação dos dados;

à amiga Maria Lenice Lima Pacheco, pela valiosa e incansável colaboração na digitação deste trabalho;

aos amigos José Augusto de Araújo e Maurício Sena, pelo inestimável auxílio na operacionalização do Programa VARBRUL;

aos funcionários do Departamento de Letras, Solange Dombrowski e Pedro Andrade, pela efetiva colaboração;

à Bety, Rogério e Wagner Luís, funcionários da Coordenadoria de Pós-graduação do IEL/UNICAMP, pelo apoio recebido;

à cunhada Georgina Carvalho Assayag e à colega Laélia Maria Rodrigues da Silva, pela colaboração na coleta da bibliografia específica;

às cunhadas Isabel e Marília Carvalho e à amiga Marilda Amorim, pela amável acolhida em suas residências no Rio de Janeiro. De igual modo, às amigas Djanira, Lizete e Balbina Arraes e aos amigos Helena e Jonas, pela generosa hospitalidade em Campinas, por ocasião dos exames de qualificação e de defesa do Curso de Mestrado;

a todos os meus familiares, pelo incentivo e pela compreensão pelas costumeiras ausências;

aos motoristas da UFAC Edson, Francisco e Manoel, pela responsabilidade na nossa condução a Porto Velho;

a todos os meus amigos, pelo estímulo recebido;

a todas as pessoas que colaboraram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO	vii
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	x
LISTA DE QUADROS	xi
LISTA DE TABELAS	xii

1 - INTRODUÇÃO	16
----------------	----

2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	18
---------------------------	----

2.1 - Invariabilidade e variabilidade lingüística	18
---	----

2.2 - O Funcionalismo lingüístico	22
-----------------------------------	----

2.2.1. Introdução	22
-------------------	----

2.2.2. A proposta de Michael Halliday	26
---------------------------------------	----

2.2.3. A proposta de Simon Dik	29
--------------------------------	----

3 - O FENÔMENO EM ESTUDO	
--------------------------	--

3.1 - O fenômeno em estudo sob a perspectiva da gramática normativa	35
---	----

3.2 - O fenômeno em estudo sob a perspectiva da Sociolingüística variacionista	44
--	----

3.2.1 - A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro	44
---	----

3.2.2 - A regra de concordância de número no sintagma nominal (no Rio de Janeiro)	48
---	----

3.2.3 - A concordância nominal no linguajar de uma comunidade pobre de Porto Alegre	51
---	----

3.2.4 - Concordância nominal/verbal do analfabeto da micro-região bragantina	52
--	----

3.2.5 - Reanálise da concordância nominal em Português (Rio de Janeiro)	54
4 - PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	64
4.1 - Constituição da amostra	64
4.2 - Processo de coleta e armazenamento dos dados	69
4.3 - Enunciado das hipóteses	71
4.4 - Variáveis lingüísticas	71
4.5 - Variáveis extralingüísticas	82
5 - ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS	87
5.1 - Variável saliência fônica	87
5.1.1 - Dimensão Processos morfofonológicos de formação do plural	87
5.1.2 - Dimensão Tonicidade dos itens lexicais singulares	100
5.1.3 - Dimensão Número de sílabas dos item lexical singular	108
5.2 - Três variáveis relacionadas: Posição Linear, Classe Gramatical e Marcas Precedentes	114
5.2.1 - Posição linear	114
5.2.2 - Classe gramatical	120
5.2.3 - Marcas precedentes	126
5.3 - Variável Contexto fonético/fonológico seguinte	132
6 - ANÁLISE DAS VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS	135
6.1 - Variável grau de escolarização	136
6.2 - Variável Sexo	142

7 - CONCLUSÃO	152
8 - ANEXOS	156
Anexo I - Mapa do Estado do Acre	157
Anexo II - Mapa nº 1 da Cidade de Rio Branco	158
Anexo III - Mapa nº 2 da Cidade de Rio Branco	159
Anexo IV - Mapa nº 3 da Cidade de Rio Branco	160
Anexo V - Relação dos Bairros da Cidade de Rio Branco	161
Anexo VI - Roteiro para a entrevista	162
Anexo VII - Ficha Cadastral do Informante	166
Anexo VIII - Relatório Individual do Entrevistador	169
Anexo IX - Normas para transcrição dos dados	170
Anexo X - Pessoal envolvido com a pesquisa	172
9 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APL.	Aplicação da regra, isto é, número total de ocorrências com a marca analisada
PR.	Peso relativo
%	Percentual
Freq.	Frequência de aplicação da regra
xxx	Não ocorrência de um certo tipo de dado
SN	Sintagma Nominal
Monos.	Monossílabos
Diss.	Dissílabos

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Características sociais dos informantes do sexo masculino	68
Quadro 2 - Características sociais dos informantes do sexo feminino	69
Quadro 3 - Exemplos de Posição dos elementos no SN	76
Quadro 4 - Exemplos de Classe gramatical dos elementos no SN	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Processos morfofonológicos de formação de plural	88
Tabela 2 -	Relação entre Processos versus Grau de escolarização	91
Tabela 3 -	Processos morfofonológicos de formação do plural em relação ao Grau de escolaridade: comparação com os dados de Braga (1977)	94
Tabela 4 -	Processos morfofonológicos de formação do plural em relação ao Grau de escolarização: comparação com os dados de Scherre (1988)	96
Tabela 5 -	Processos morfofonológicos de formação do plural em relação ao Grau de escolarização: comparação com os dados de Nina (1980)	98
Tabela 6 -	Tonicidade dos itens lexicais singulares	101
Tabela 7 -	Amálgama dos fatores monossílabos tônicos com os oxítonos	103
Tabela 8 -	Amálgama dos fatores monossílabos tônicos com os oxítonos e dos paroxítonos com os proparoxítonos	103

Tabela 9 - Tonicidade dos itens lexicais singulares com relação à Posição no SN	105
Tabela 10 - Tonicidade dos itens lexicais singulares em relação à Classe gramatical	106
Tabela 11 - Número de sílabas dos itens lexicais singulares	108
Tabela 12 - Cruzamento da variável Número de sílabas com Classe gramatical	109
Tabela 13 - Cruzamento da variável Número de sílabas com Posição do elemento no SN	110
Tabela 14 - Número de sílabas dos itens lexicais singulares: comparação com os dados de Scherre (1988)	111
Tabela 15 - Posição linear dos elementos no SN	115
Tabela 16 - Amálgama das posições 2, 3, 4 e 5	116
Tabela 17 - Classe gramatical dos elementos do SN	121
Tabela 18 - Amálgama de Classe gramatical	122
Tabela 19 - Distribuição de Classe gramatical em função da Posição dos elementos no SN	123

Tabela 20 - Cruzamento de Posição e Classe gramatical nesta pesquisa	124
Tabela 21 - Cruzamento de Posição e Classe gramatical - falantes adultos nos dados de Scherre (1988)	125
Tabela 22 - Marcas precedentes	126
Tabela 23 - Cruzamento de Marcas precedentes com Posição dos elementos no SN	128
Tabela 24 - Contexto fonético/fonológico seguinte	132
Tabela 25 - Contexto fonético/fonológico seguinte: comparação com os dados de Scherre (1988)	133
Tabela 26 - Grau de escolarização do informante	136
Tabela 27 - Grau de escolarização de informante: comparação com os dados de Scherre (1988)	137
Tabela 28 - Desempenho dos subgrupos por Grau de escolaridade	139
Tabela 29 - Sexo do Informante	142
Tabela 30 - Cruzamento dos dados da variável sexo com o Grau de escolarização dos falantes	143
Tabela 31 - Sexo do Informante: comparação com os dados de Scherre (1988)	149

RESUMO

Este trabalho trata da descrição e análise da concordância de número no sintagma nominal, tendo como amostra de fala a Língua Portuguesa da classe baixa da comunidade urbana de Rio Branco (Estado do Acre), sob a perspectiva da Sociolingüística Variacionista, aliada a alguns aspectos do Funcionalismo lingüístico.

Após a fundamentação teórica, procedeu-se à descrição e à análise da variável lingüística Saliência fônica, subdividida em três dimensões: Processos morfofonológicos de formação do plural, Tonicidade e Número de sílabas dos itens lexicais singulares. Além disso, foram analisadas as variáveis Posição linear dos elementos no SN, Classe gramatical, Marcas precedentes e Contexto fonético/fonológico seguinte.

Quanto às variáveis sociais, foram observados Sexo e Grau de escolarização, sendo este distribuído em três níveis: analfabetos, de 1ª à 4ª e de 5ª à 8ª séries.

Os resultados obtidos foram comparados com os de outras cinco investigações sobre o mesmo tema, a fim de se detectarem generalidades a respeito do comportamento do fenômeno em estudo no Português do Brasil.

O fenômeno lingüístico, ora analisado, comporta-se como sincronicamente variável. A oposição presença/ausência de marcas formais de plural nos elementos flexionáveis do SN, correlacionada com as variáveis lingüísticas e sociais, indica uma tendência na direção de garantir a informação de plural no primeiro elemento do SN, e de reduzir significativamente as flexões nominais nos demais elementos.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresentamos a descrição e a análise da concordância gramatical de número, no sintagma nominal (SN), em Língua Portuguesa falada na comunidade urbana de Rio Branco, sob a perspectiva da metodologia da Teoria da Variação, aliada a aspectos do Funcionalismo lingüístico.

Dois objetivos nortearam esta pesquisa. O primeiro visa a descrever e explicar a concordância de número no sintagma nominal, em relação ao conjunto de variáveis lingüísticas e extralingüísticas, correlacionando-as com a presença/ausência da marca de plural nos elementos flexionáveis do sintagma nominal. Para tanto, utilizamos amostra de fala de 24 informantes, sendo 12 do sexo masculino e 12 do feminino. Esses informantes são da mesma faixa etária (20 a 35 anos), pertencem à classe sócio-econômica de baixa renda e estão distribuídos em três graus de escolarização: analfabetos, de 1ª à 4ª e de 5ª à 8ª séries. O segundo objetivo visa a comparar os resultados obtidos com os dos estudos realizados por outros pesquisadores que observaram o comportamento do mesmo fenômeno lingüístico, utilizando a fala de informantes de outras regiões do país. Referimo-nos às pesquisas realizadas por Braga (1977), Ponte (1979), Nina (1980) e Scherre (1978) e (1988).

Dividimos o trabalho em sete capítulos.

No segundo, apresentamos os pressupostos teóricos, englobando a Teoria da Sociolingüística Variacionista e a do Funcionalismo lingüístico.

No terceiro, apresentamos o fenômeno em estudo sob dois pontos de vista opostos. Demonstramos, em primeiro lugar, através do depoimento de vários gramáticos de Língua Portuguesa, que a concordância de número no sintagma nominal é considerada por eles como uma regra categórica. Em segundo lugar, apresentamos a síntese das investigações lingüísticas realizadas pelas pesquisadoras mencionadas no final do segundo parágrafo desta introdução, cuja

conclusão é a de que o fenômeno analisado comporta-se como uma regra variável.

No quarto, estão descritos os procedimentos metodológicos adotados: constituição da amostra, processo de coleta e armazenamento dos dados e o enunciado das hipóteses.

No quinto e sexto capítulos, analisamos os resultados das variáveis lingüísticas e extralingüísticas. Além disso, estabelecemos comparações com os resultados obtidos em pesquisas mencionadas anteriormente.

No sétimo, estão formuladas, de modo sucinto, as conclusões desta pesquisa.

Temos certeza de que este trabalho apresenta muitas limitações, mas sentimo-nos gratificada pela experiência adquirida em termos de pesquisa lingüística.

Finalmente, deixamos a nossa palavra de incentivo aos que nos sucederem na utilização dos dados que compõem o **corpus** do Projeto - “Estudo da fala urbana de Rio Branco”, do qual retiramos a amostra desta investigação lingüística.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1 - Invariabilidade e variabilidade lingüística

A questão da invariabilidade e da variabilidade lingüística vem merecendo atenção de estudiosos há vários séculos.

A literatura registra que essa problemática tem recebido tratamento diferenciado pelas gramáticas formais, estruturais e funcionais.

As gramáticas formais, assentadas na lógica e na filosofia, concebem a linguagem como um sistema autônomo abstrato, cujos princípios básicos, são:

a) orientação primariamente sintagmática;

b) interpretação da língua como um conjunto de estruturas entre as quais podem ser estabelecidas relações regulares;

c) ênfase nos traços universais da língua (sintaxe como base: organização em torno da frase) (cf. HALLIDAY, 1985).

Os estruturalistas, liderados pelo pioneiro Saussure, consideram a linguagem humana como uma abstração, ou seja, uma capacidade que o homem tem de estabelecer a comunicação com seus semelhantes por meio dos signos verbais.

Os gerativistas, tendo como expoente Chomsky, vêm elaborando a partir da década de 50 a teoria da Gramática Gerativa, fundamentada no raciocínio e na tradição lógica dos estudos da linguagem, centrando seus estudos na sintaxe que tem pôr finalidade explicar todas as frases gramaticais.

Tanto Saussure, quanto Chomsky privilegiam fundamentalmente a invariabilidade lingüística.

Mas, na década de 60, surgem idéias contrárias à invariabilidade lingüística, quando Labov (1968) argumenta que a lingüística deveria deixar de dar prioridade à invariabilidade pelo fato de que as estruturas heterogêneas não são devidas ao multidialetismo ou “mera performance”, mas deveriam ser consideradas como parte da competência lingüística.

A partir de então, Labov passa a se preocupar com a heterogeneidade do sistema lingüístico que antes era visto como um sistema determinado e uniforme.(cf. LABOV,1972).

Na concepção de Labov, não existem regras opcionais, existem regras variáveis, entendidas como “várias maneiras de dizer a mesma coisa, com o mesmo valor de verdade”. (cf. TARALLO, 1986:88).

O modelo teórico-metodológico introduzido por Labov parte do princípio que a linguagem humana é essencialmente social, defendendo, dessa maneira, a relação entre língua e sociedade e “a possibilidade vertical e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada”.(cf.TARALLO,1986:6).

Esses estudos dão origem à Sociolingüística, conceituada por Mollica (1972:13) da forma a seguir.

Entende-se então a Sociolingüística como um espaço de investigação interdisciplinar, que atua nas fronteiras entre língua e sociedade, focalizando principalmente os empregos concretos da língua.(cf. MOLLICA, 1992:13)

Atualmente, a Sociolinguística abriga diferentes vertentes, entre as quais a Sociolinguística Quantitativa, fundamentada, principalmente, em Labov (1972a e 1972b).

Quanto ao método de investigação linguística, os sociolinguistas quantitativos trabalham com uma metodologia baseada em números e estatísticas para a análise dos dados. É importante deixar claro que

essa visão teórica não se limita a fazer análises mecânicas dos dados linguísticos. Por detrás dos números, que são usados como um recurso adicional para refutar ou não hipóteses diversas, há um linguista, ser pensante, que tem como objetivo entender o funcionamento da língua, seu objeto de estudo. (cf. SCHERRE, 1996:30)

Na verdade, esse método consiste na correlação entre os fatores internos e os externos ao sistema linguístico. Através dessa correlação, são calculados os pesos relativos, associados aos fatores de cada variável analisada, com base em frequências observadas.

Nos termos concebidos por Labov, isso significa que

esta probabilidade prediz a razão ou frequência de casos em que a regra realmente se aplica em relação ao total de casos em que a regra se aplicaria no ambiente especificado, se ela fosse categórica. (cf. LABOV, 1975b:75).

Para calcular o peso relativo, ou seja, a contribuição de variáveis lingüísticas e extralingüísticas, os pesquisadores vêm adotando o modelo matemático denominado misto ou logístico, introduzido por Sankoff, em 1975, resultante do aperfeiçoamento do modelo apresentado por Cedergren e Sankoff em 1974.

Segundo Scherre (1988:55), esse aparato teórico-metodológico está respaldado em LABOV (1975b); CEDERGREN & SANKOFF (1974); GUY (1975); ROUSSEAU & SANKOFF (1978); FASOLD (1978); SCHERRE, 1978; NARO, 1981 a , 1981 b, entre outros.

Estando esse modelo matemático apoiado no cálculo do peso relativo, é, por esse motivo, considerado mais adequado do que aquele que trabalha com percentagens, pois

quantifica a influência relativa de cada variável, atribuindo pesos probabilísticos devido aos diversos fatores das diversas variáveis estudadas. (cf. SCHERRE, 1988:55).

Convém, ainda, observar que a operacionalização desse modelo vem sendo feita através do programa computacional VARBRUL, desenvolvido por SANKOFF, estando na terceira versão - VARBRUL 2S - escrito em linguagem FORTRAN, cujo funcionamento se encontra detalhado em SANKOFF (1975) e (1988), bem como em SCHERRE (1988).

Dessa forma, o VARBRUL 2S oferece, entre outras vantagens, as de calcular as percentagens e os pesos relativos dos fatores atribuídos às variáveis, realizar a seleção dessas variáveis não apenas pelo nível de significância, como também separando aquelas que são relevantes para o estudo realizado.

Ademais, permite vários tipos de análises alternativas, efetuando, inclusive, o cruzamento e a comparação entre as diversas variáveis.

Este trabalho está respaldado nessa metodologia, visto que ela vem demonstrando resultados satisfatórios nas pesquisas voltadas para a descrição e a análise sistemática da variação lingüística.

2.2 - O Funcionalismo lingüístico

2.2.1 - Introdução

Nesta seção, consideramos alguns aspectos da teoria funcionalista como vêm sendo desenvolvidos por Dick e Halliday.

Essa abordagem está justificada pelo fato de haver ponto de convergência entre os pressupostos teóricos dessa corrente do pensamento lingüístico com os da Teoria da Variação Lingüística Laboviana, principalmente o fato de ambas as correntes considerarem como objeto de estudo a língua em situação concreta de **uso**.

Os termos **função** e **funcional**, apesar de terem sentidos aproximados em lingüística e antropologia, assumem particularidades distintas quando se trata do funcionalismo, como lembra Nichols (1984):

o funcionalismo lingüístico combina certos avanços teóricos da gramática formal com o que diz respeito aos avanços teóricos da Sociolingüística e da etnografia da comunicação (cf. NICHOLS, 1984; tradução nossa).

Além do mais, o termo **função** é considerado polissêmico, visto que a maioria dos lingüistas usam-no com vários sentidos em seus trabalhos. Nos estudos funcionalistas, entretanto, ele tem sido, geralmente, usado no sentido de propósito e contexto, não havendo distinção entre os dois. Silverstein tem apresentado, contudo, distinção entre os dois sentidos, salientando, ainda, que o termo **pragmática** também engloba, de modo geral, propósito e contexto juntos. (cf. NICHOLS, 1984).

Halliday (1973a) admite usar o termo **função** do modo concebido por Bühler, apesar da divergência de abordagem teórica entre eles. Em 1978, Halliday observa que Bühler busca explicações psicolingüísticas na linguagem, deixando de se preocupar com o sistema lingüístico em termos funcionais.

Discordando, pois, de Bühler, Halliday defende uma teoria tanto extrínseca, quanto intrínseca das funções da linguagem, de modo que a pluralidade funcional seja construída na estrutura lingüística, formando a base de sua organização semântica e sintática, ou seja, lexical e gramatical. (cf. Neves, 1994:111).

Hallyday (1970, 1973a, 1973b, 1977) apresenta uma proposta de funções que são consideradas mais como “metafunções”. São elas: a **ideacional** com suas duas subfunções a “experencial” e a “lógica”; a **interpessoal** e a **textual**.

Essa proposta de Halliday dá outra dimensão ao estudo das funções da linguagem e, conseqüentemente, ao estudo do funcionalismo lingüístico.

O modelo de gramática, tendo como pressuposto básico a “competência comunicativa”, assume, já na Escola de Praga e nas outras vertentes funcionalistas, uma tendência de pragmatização do componente sintático - semântico, de modo a ser aplicável a todos os tipos de língua, buscando atingir o equilíbrio entre o geral e o particular cujas

descrições não devem ser tão específicas de uma língua que não possam ser transferíveis para outras línguas, nem podem ser tão gerais que as peculiaridades das línguas individuais sejam obscurecidas. (cf. NEVES, 1994:113).

Neves (1994:113) nos diz que a busca de adequação tipológica trouxe à tona a questão da oposição entre as gramáticas funcionais em relação às formais.

Assim sendo, Dirven & Fried (1987; in Neves, 1994:114) distinguem as Escolas e os respectivos representantes dos pólos funcionalista e formalista. Em relação ao primeiro, importa-nos salientar que, na Escola de Praga (Mathesius, Trubezkoy, Jakobson, Danes, Firbas, Sgael, etc.), o funcionalismo está bem representado, assim como nos modelos desenvolvidos por Dik e Halliday, oriundos do Grupo da Holanda e da Escola de Londres, respectivamente. Em relação ao segundo, destacam-se o estruturalismo americano e os sucessivos modelos gerativistas que vão desaguar na teoria padrão de Chomsky, apesar de serem reconhecidos traços do gerativismo, mais especificamente da Semântica Gerativa em Simon Dik. Ademais, são encontrados elementos da perspectiva funcional da frase em Chomsky.

Neves (1994:115) apresenta esse confronto entre as duas grandes correntes do pensamento lingüístico, resumindo, através dos Quadros 1 e 2, a oposição estabelecida por Dik e Halliday, respectivamente.

Impõe-nos, contudo, evidenciar o resumo desse paralelo. De acordo com Dik (1989) “no paradigma formal, uma linguagem natural é vista como um sistema abstrato autônomo em relação aos modos de uso, enquanto, no paradigma

funcional, considera-se que as expressões lingüísticas não são objetos funcionais arbitrários, mas têm propriedades sensíveis a, e codeterminadas por determinantes pragmáticos da interação verbal humana.” (cf. DIK, 1987: 81 - 82).

Halliday, por sua vez, argumenta que as gramáticas formais fundamentam-se na lógica e na filosofia, tendo, pois, uma orientação primariamente sintagmática. Por outro lado, as gramáticas funcionais fundamentam-se na retórica e na etnografia, sendo assim, primariamente paradigmáticas. (cf. NEVES, 1994:114).

Leech (1993; Apud Neves, 1994:116) relaciona as diferenças entre as abordagens do formalismo e do funcionalismo a diferentes modos de conceber a natureza da linguagem, conforme podemos visualizar no quadro a seguir.

	Formalistas (Chomsky)	Funcionalistas
natureza da linguagem	fenômeno mental	fenômeno social
universais lingüísticos	herança lingüística genética	derivação da universalidade dos usos da linguagem nas sociedades humanas
aquisição da linguagem pela criança	capacidade inata humana para aprender a linguagem	relacionada às necessidades e habilidades comunicativas da criança

Essas diferenças levam à conclusão de que os formalistas estudam a linguagem como um sistema autônomo, ao passo que os funcionalistas a estudam voltada para a sua função social.

Nesse sentido, Nichols (1984) já dividira as teorias funcionalistas em três tipos: conservador, moderado e extremo. O tipo moderado, representado por Dik, Halliday, Thompson e outros, aborda a impropriedade de uma análise

formalista ou estruturalista, mas continua propondo uma análise de estrutura e substitui as explicações formais herdadas. (cf. NICHOLS; 1984; tradução nossa).

Apesar das diferenças de abordagens de cunho funcionalista, Neves (1994:109) afirma que podemos encontrar um denominador comum, permeando todas as correntes que é a

verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente. (NEVES, 1994:109)

Na verdade, a pesquisadora argumenta, fundamentada em Hymes (1972), que toda abordagem funcionalista tem como questão básica a “competência comunicativa” entre os usuários de uma língua natural.

2.2.2 - A proposta de Michael Halliday

Vencidas essas questões mais gerais, passemos, então, aos princípios e técnicas da abordagem sistêmico-funcional da língua, cujo representante principal é Halliday.

Halliday (1985) defende um modelo de gramática funcional que seja essencialmente natural, no sentido de que todas as coisas podem ser nela explicadas, essencialmente, pela referência de como a língua é usada. (cf. HALLIDAY, 1985 : xiii).

A gramática proposta por Halliday é funcional em três sentidos distintos, embora intimamente relacionados : em sua interpretação

- (1) de textos;
- (2) do sistema;
- (3) de elementos de estrutura linguística.

A explicação dada por Halliday para essas três concepções distintas são, respectivamente, as seguintes:

(1) todas as coisas escritas ou faladas estão vinculadas a um determinado contexto sócio-cultural. Além do mais, assegura que são os usos da língua que caracterizam o sistema, acreditando que as línguas evoluem para satisfazer às necessidades de comunicação dos seres humanos.

(2) todas as línguas são organizadas em torno de dois tipos principais de significado : o ‘ideal’ ou reflexivo e o ‘interpessoal’ ou ativo. Esses dois componentes denominados ‘metafunções’ são as manifestações no sistema lingüístico que sustentam todos os usos da língua através de duas propostas mais gerais :

- (a) entender o ambiente (ideacional) ;
- (b) atuar sobre os outros nele (interpessoal).

Associando-se a essas duas propostas, o autor inclui um terceiro componente metafuncional, o ‘textual’ que tem relevância sobre os outros dois.

(3) cada elemento em uma determinada língua é explicado pela referência à sua função no sistema lingüístico como um todo. Nesse sentido, a gramática funcional está voltada para a construção de todas as unidades de uma língua - suas orações, frases e assim por diante - como configurações orgânicas das funções. Nesse particular, cada elemento é interpretado como funcional em relação ao todo.

Abordando a questão da relação entre sintaxe e semântica, Halliday nos diz que, ao longo da história da lingüística ocidental, desde a Grécia Antiga, os gramáticos estudavam primeiro as formas das palavras (morfologia) e, para

explicar essas formas, eles se valiam da sintaxe, a fim de interpretar o que essas formas significavam.

Por outro lado, em uma gramática funcional a língua é interpretada como um sistema de significados acompanhado de formas através das quais os significados podem ser realizados. Assim sendo, Halliday coloca as formas de uma língua sob uma perspectiva diferente, isto é, ao invés de considerá-las como um fim em si mesmas, passa a considerá-las como um meio para um fim. Desse modo, fica patente que Halliday dá especial relevância à semântica, advogando que o sistema da língua deve ser organizado para produzir significados.

Assim, a língua é interpretada como um sistema semântico. Observemos, pois, o depoimento do autor nesse sentido.

A language, then, is a system for making meanings : a semantic system, with other systems for encoding the meanings it produces¹ (cf. HALLIDAY. 1985, xii).

O autor observa, ainda, que o termo semântica nessa concepção não se deve restringir simplesmente ao significado de palavras, mas a todo o sistema de significados de uma língua, expressa pela gramática, como também pelo vocabulário.

Para Halliday, a relação entre a gramática e a semântica é natural e, portanto, não arbitrária, mas não há uma diretriz precisa entre as duas. Parece claro apenas que a gramática funcional é impelida em direção à semântica.

Outro ponto teórico básico da teoria de Halliday está relacionado ao processo do uso da linguagem, considerado por ele como semiótico, ou seja, um

¹ Uma língua é, então, um sistema para produzir significados: sistema semântico, com outros sistemas para codificar os significados e produzi-los.

processo de produção de significados pela escolha. A escolha representa uma língua ou qualquer parte da língua, como um recurso de significado feito por escolhas. Cada escolha colocada na rede específica (1) ambiente, consistindo em escolhas já feitas, e (2) de um conjunto de possibilidades do qual uma é (para ser) escolhida; (1) e (2) juntas constituem um ‘sistema’ em seus sentidos técnicos. Isso pode ser lido também sintaticamente ou dinamicamente : se o traço **a** (e **b**...) está presente, então também **x** ou **y** (ou **z** ...) estão presentes, ou se você tem escolhido o traço **a** (e **b** ...), então continua também a escolha **x** ou **y** (ou **z**...) (cf. HALLIDAY, 1985, xxvi).

Essa abordagem a respeito da escolha de traços está relacionada com o tipo de estrutura de gramática. Por essa razão, o autor faz distinção entre gramática estrutural e gramática funcional sistêmica.

A gramática estrutural, por um lado, é sintagmática pelo fato de ter organizado o conceito de estrutura, como também pelo fato de usar mecanismos especiais para a descrição de uma estrutura para outra. Por outro lado, a gramática funcional sistêmica é essencialmente paradigmática porque pressupõe a consideração de escolhas entre os termos do paradigma, no sentido de que cada escolha adquire seu significado, opondo-se à outra (escolha) que poderia ter sido feita na estrutura lingüística.

2.2.3 - A proposta de Simon Dik

Cabe-nos, inicialmente, observar, apoiada em estudiosos de Simon Dik, que a teoria proposta por ele apresenta pontos de vista semelhantes à dos linguistas da Escola de Praga, que deram relevante contribuição para o avanço do estruturalismo lingüístico.

Destacam-se da primeira Escola de Praga (entre as duas guerras), segundo Ilari (1996:43), os escritos de Troubetzkoi “que criaram a fonologia estrutural e constituem uma das elaborações mais conseqüentes da noção saussuriana de oposição”, opondo-se aos de W. Mathesius (antes da segunda guerra mundial) que apresentam a **Perspectiva Funcional da Sentença**, concebida como

o conjunto de características estruturais presentes na sentença pelo fato de ela ser uma unidade comunicativa real, que transmite informações capazes de alterar o conhecimento do interlocutor, num contexto que é ao mesmo tempo extra-lingüístico e lingüístico. (cf. Ilari, 1996:43).

A segunda “escola lingüística de Praga”, como diz Ilari, teve como ponto alto “dar consistência à hipótese de um “terceiro plano sintático”²” (denominação de Poldauf), cuja essência está relacionada à adequação dos discursos a uma determinada “consituação” (denominação dada à caracterização do misto de condições lingüísticas e extra-lingüísticas que dão o quadro histórico da comunicação).(cf. ILARI, 1996:44).

Esses antecedentes teóricos têm reflexos na proposta de Simon Dik, a ponto de Nichols considerar a gramática concebida por ele como mais estrutural - para - a - forma do que funcionalista, em virtude de ela fornecer uma visão de uma teoria conservadora-funcionalista que deveria, mais frutiferamente, ser

² “Os outros dois planos sintáticos são aqueles em que se estabelecem relações entre constituintes (representadas em geral como relações de dependências) e aquele em que se definem os papéis desempenhados em relação aos constituintes nominais pelo predicado”

comparada às teorias formais da gramática do que às teorias funcionalistas. (cf. NICHOLS, 1984; tradução nossa).

Na verdade, Dik apresentou sua primeira visão do funcionalismo em 1978 e a partir daí suas idéias vêm sofrendo aperfeiçoamento, contando com a colaboração de outros linguistas não apenas da Holanda, mas também de outros países.

Dik (1989), defende uma organização gramatical voltada também para a “competência comunicativa”, partindo do pressuposto de que a Gramática Funcional é uma teoria geral que se refere à organização de línguas naturais. Defende, ainda, que a teoria lingüística pode estar assentada em poucos paradigmas, sendo que cada um poderá ter sua visão particular a respeito de uma língua natural, como também a respeito da estrutura e funcionamento dessa determinada língua. O autor propõe, desse modo, a existência de dois paradigmas principais, a fim de fundamentar a teoria lingüística, ressaltando que a aceitação desses paradigmas vem sendo discutida durante a maior parte deste século. Dik refere-se, nesse particular, aos paradigmas formal e funcional.

Através do paradigma formal, Dik considera a língua como um objeto formal abstrato, citando como exemplo, um conjunto de frases. Já a gramática é vista como

*primarily as an attempt at characterizing this formal object in terms of rules of formal syntax to be applied independently of the meanings and uses of the constructions described. Syntax is thus given methodological priority over semantics and pragmatics*³. (Dik, 1989: 2-3)

³ primeiramente como uma tentativa de caracterizar este objeto formal em termos de regras de sintaxe formal a serem aplicadas independentemente dos significados e usos das construções descritas. É dada assim à sintaxe prioridade metodológica sobre a semântica e a pragmática.

Por outro lado, do ponto de vista do paradigma funcional,

a language is in the first place conceptualized as an instrument of social interaction among human beings, used with the intention of establishing communicative relationships⁴. (Dik, 1989:3)

Nesse sentido, a gramática funcional preocupa-se fundamentalmente com a teoria do paradigma funcional porque é através dele que Dik tenta conceber a língua como instrumento de interação social entre os seres humanos. Desse modo, surge a questão básica de interesse do lingüista: como interlocutores e destinatários conseguem se comunicar uns com os outros por meio de expressões lingüísticas?

Para satisfazer às necessidades de comunicação dos indivíduos, Dik (1989:3) nos diz que a lingüística deve considerar dois tipos de sistemas de regras que estão ambos ratificados pelas convenções sociais:

(1) “as regras que governam a constituição de expressões lingüísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas, e fonológicas)”;

(2) “as regras que governam os padrões de interação verbal nos quais estas expressões lingüísticas são usadas (regras pragmáticas)” (cf. Dik, 1989:3; tradução nossa).

Além disso, o autor afirma que a finalidade da Gramática Funcional é dar suporte ao paradigma funcional. Para tanto, os lingüistas devem procurar aplicar os dois princípios de explicação funcional, descritos a seguir:

⁴ uma língua é em primeiro lugar conceitualizada como instrumento de interação social entre seres humanos, usada com a intenção de estabelecer relações comunicativas.

a) uma teoria da linguagem não deve restringir suas regras e seus princípios em seu próprio benefício, mas deve tentar, tanto quanto possível, explicar essas regras e esses princípios em termos de sua funcionalidade, relacionados aos modos como são usados e aos propósitos desse uso;

b) apesar de essa teoria de expressão lingüística não ser voltada para uma teoria de interação verbal, Dik advoga que ela seja elaborada de modo que seja incorporada a uma teoria de interação verbal mais ampla. (cf. Dik, 1989:4).

Com efeito, Dik defende uma organização gramatical preocupada basicamente com a “escolha que o falante faz no momento de sua produção lingüística”, integrando a organização gramatical à teoria global de interação, ou seja, como mediação entre a intenção do falante e a interpretação do destinatário.

Como podemos depreender, essa concepção lingüística valoriza, sobremaneira, a pragmática tanto do ponto de vista do falante, quanto do destinatário, uma vez que a intenção comunicativa do falante será formulada lingüisticamente com apoio na informação pragmática que ele tem e, ainda, daquela que ele supõe seja do domínio do destinatário. Este, por sua vez, compreenderá a mensagem do falante, obviamente, a partir da informação pragmática que possui.

A respeito da relação entre pragmática, semântica e sintaxe, Dik (p.7) argumenta que

*that pragmatics is seen as the all-encompassing
framework within which semantics and syntax must be
studied. Semantics is regarded as instrumental with
respect to pragmatics and syntax as instrumental
with*

*respect to semantics*⁵.

Assim sendo, Dik propõe , de um lado, que esse postulado sobre a linguagem só atingirá efeito comunicativamente eficaz através de arranjos sintaticamente estruturados; de outro, o lingüista deixa claro que a organização de uma expressão gramatical deve incluir a descrição semântica negando, portanto, a existência de uma sintaxe autônoma. (cf. Dik, 1989:7)

⁵ ... a pragmática é considerada como a estrutura globalizadora dentro da qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas. A semântica é encarada como instrumental com respeito a pragmática, e a sintaxe como instrumental com respeito à semântica. (Tradução nossa).

3.0 - O FENÔMENO EM ESTUDO

3.1 - O Fenômeno em estudo sob a perspectiva da Gramática Normativa em Língua Portuguesa

Concordância é um processo sintático que consiste na adaptação flexional dos vocábulos determinantes às flexões dos vocábulos determinados. Esse processo em Língua Portuguesa ocorre tanto entre o verbo e o sujeito, denominado **concordância verbal**, quanto entre os constituintes do SN, ou seja, entre o núcleo (N) de um sintagma nominal (SN), (substantivo ou pronome) e seus determinantes (adjetivos, pronomes adjetivos, artigos e numerais), recebendo a denominação de **concordância nominal**.

Na opinião de Gladstone Chaves de Melo (1978), a concordância não é uma exigência “lógica” das línguas, lembrando que a maioria absoluta delas não tem flexão. O Inglês, por exemplo, que é uma língua indo-européia, como o português, já não apresenta flexões para o adjetivo, como também simplificou muito as flexões verbais.(cf. MELO, 1978:221).

A **concordância nominal** (CN) em Língua Portuguesa é considerada redundante, tanto no aspecto de gênero, quanto no de número, exigindo que o termo subordinado concorde com a forma do termo subordinante, conforme podemos verificar nos exemplos, a seguir, que são marcados para o número e para o gênero, respectivamente:

- os pequenos gatos pretos;
- a pequena gata preta.

Além de ser considerada redundante, a concordância nominal é também considerada obrigatória ou categórica positivamente, conforme podemos depreender dos conceitos emitidos pelos gramáticos.

Considerando a impossibilidade de fazer uma abordagem completa de todas as gramáticas normativas que tratam sobre a concordância nominal de número - objeto deste estudo - o que seria desnecessário, dada a repetição existente entre os autores, resolvemos enumerar apenas os conceitos de alguns gramáticos considerados representativos.

Conforme Melo (1978),

A concordância nominal é a que se faz do adjetivo - atributivo ou predicativo - com o substantivo a que se refere: casa branca, menino delicado, laranjas maduras; “estes homens são honestos”; “considero válidas as razões apresentadas”. Desnecessário é acrescentar que a concordância nominal se entende também com o artigo, os possessivos, os demonstrativos, os indefinidos, que tudo são determinantes do nome substantivo. (cf.MELO,1978 : 222).

Além desses casos comuns de **concordância do adjetivo atributivo com o substantivo**, Melo (1978:232) aborda, ainda, a concordância de alguns casos especiais. Observemo-los, então, a seguir:

1. Quando o adjetivo precede dois ou mais substantivos, geralmente concorda com o mais próximo:

*Parece se não de todo desfalecida a natureza, pelo menos presa de penoso entorpecimento, **perdidos o alento e as forças.***

(Visconde de Taunay, *Céus e Terras*, p.43)

2. Estando posposto o adjetivo, *pode* concordar com o mais próximo:

*Manifesto e portentoso sinal
do ardente amor às perfeições e
amabilidade divina.*

(Bernardes, *Luz e Calor*, ap.LP,p.145).

*Sancho, **de esforço e de ânimo sobejo,**
Avante passa e faz correr vermelho
O rio que Sevilha vai regando.
(Lus.III, 75)*

Melo (1978) observa que no caso da concordância acima (de esforço e de ânimo sobejo), poder-se-ia se dizer também:

*“Nos **portos e ilhas atrás nomeadas**”.*

(F. Mendes Pinto, ap. L.P. p.145).

3. Quando dois ou mais substantivos coordenados têm a si referido um determinante, pode este só explicitar-

se antes do primeiro nome e subtender-se junto aos mais:

No meio da confusão que produzira por toda parte este acontecimento inesperado e cujo motivo e circunstâncias inteiramente se ignoravam, ninguém reparou nos dois cavalheiros e na donzela.

(Herculano, *Eurico*, p.199).

Sobre a **concordância** do **adjetivo predicativo**, Melo (1978: 233) nos diz que:

a tendência geral é o adjetivo acompanhar o número do verbo e o gênero do substantivo mais próximo, principalmente quando há anteposição do concordante. Conforme mostram os exemplos a seguir:

*Não se almoça hoje nesta casa, onde **está metido o Sr. Visconde e a Piedade?***

(Camilo, *O Filho Natural*, ap. Mário Barreto, *Novos*, p.190).

*Será **perpétua a memória** e saudades de tão santo pastor.*

(Vieira, *Cartas*, ap.SCP, p.155).

*Eu tenho ouvido a pessoas doudas nestas matérias que estes desejos e **pretensões são boas e louváveis.***

(Bernardes, *Floresta*, ap MB, *Novos*, p.198).

Lima (1994:305-306), por sua vez, estabelece o que segue:

“ A CONCORDÂNCIA do adjetivo com o substantivo faz-se consoante os seguintes preceitos gerais:

*a) Se o adjetivo modificar um só substantivo tomará o gênero e o número deste: **homem alto, mulher alta, homens altos, mulheres altas;***

b) Se houver vários substantivos, de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode ir para o masculino plural ou concordar apenas com o substantivo mais próximo.

Lima observa, ainda que no caso acima:

A escolha está sujeita às exigências da eufonia e da clareza, e subordina-se principalmente à intenção do autor.

Assim, dir-se-á, portanto:

*O pai e a mãe **extremosos** ou **extremosa**.*

Conforme o adjetivo se refira a ambas as pessoas (pai e mãe), ou especialmente à mãe.

No caso de o adjetivo preceder os substantivos, far-se-á concordância com o primeiro destes:

***Boa** hora e local escolheste!.*

c) *Ainda as mesmas condições são seguidas, quando os substantivos são de gêneros e números variados:*

*Agastamentos e ameaças **fingidas** ou **fingidos** prantos, lamentações e mágoas **dolorosas** ou **dolorosos** propósitos e tentativas **malogradas**.*

Lima (1994:306) recomenda finalmente:

Desde que haja mais de um substantivo, a regra estritamente lógica é a concordância do adjetivo com todos os substantivos, observando-se a primazia do masculino sobre o feminino, e a do plural sobre o singular. Mas os princípios da eufonia e da clareza não raro impõem a concordância com o substantivo mais próximo.

*Paralelamente a - Os poemas camoniano e virgiliano - diremos : O poema **camoniano**, e o **virgiliano**. E assim: A indagação **histórica**, e a **geográfica**, etc.*

(cf. LIMA, 1994: 305-306).

De acordo com Said Ali (1964:53-54),

Os adjetivos acabados em vogal formam, como os substantivos, o plural com o acréscimo de -S ; os terminados em consoante tomam em regra geral-ES:

rico - ricos
 forte - fortes
 vulgar - vulgares
 sagaz - sagazes

OBSERVAÇÃO I. - “Sendo a terminação -EM, -IM, -OM ou -UM, muda-se, na escrita, M em N antes de acrescentar - S: *virgem, virgens; ruim, ruins; bom, bons; comum, comuns*”.

OBSERVAÇÃO II. - “O vocábulo *simples* conserva-se hoje invariável. Outrora dizia-se *símplices*”.

Os terminados em -AL, -OL, -UL eliminam a consoante L antes de tomarem -IS:

fatal	fatais
espanhol	espanhóis
azul	azúis

Nos adjetivos acabados em -EL, a eliminação da consoante dá lugar a que tais adjetivos terminem no plural em -EIS:

cruel	cruéis
afável	afáveis.

Os terminados em -IL têm o plural em -IS se forem oxítonos, e em EIS se forem paroxítonos:

sutil	sutis	hábil	hábeis
vil	vis	fácil	fáceis
gentil	gentis	útil	úteis

Os que acabam em -ÃO mudam as terminações em -ÕES:

folgazão folgazões valentão valentões
grosseirão grosseirões poltrão poltrões

Excetua-se:

1º) os que têm o plural em -ÃOS, a saber:

chão, cristão, comarcão, loução, pagão, temporão, são, vão.

2º) os seguintes, que formam o plural em -ÃES:

alemão, catalão, charlatão.” (cf. ALI, 1964:53-54).

Após essas três abordagens pormenorizadas, observemos os depoimentos sucintos de dois outros autores, a seguir.

Para Bechara,

concordância nominal é a que se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou particípio (vocábulos determinantes) e o substantivo ou pronome (vocábulos determinados) a que se referem. (cf. BECHARA, 1982:295).

De acordo com Cunha (1975:173):

o adjetivo toma a forma SINGULAR ou PLURAL, MASCULINA ou FEMININA, do substantivo que ele qualifica:

aluno **estudioso** alunos **estudiosos**

aluna **estudiosa** alunas **estudiosas**

Na formação do plural, os adjetivos simples seguem as mesmas regras a que obedecem os substantivos. (cf. CUNHA, 1973:173)

Convém, ainda, ressaltar que essa abordagem da Gramática Normativa privilegia apenas a língua padrão ou norma culta, baseando-se apenas nos fatos da língua escrita, deixando de considerar a modalidade falada da língua.

Entretanto, temos conhecimento de que MELO percebeu que, nas falas das camadas populares, as desinências de plural são escassas, restringindo-se apenas ao primeiro determinante do SN, conforme exemplos colhidos em seu livro *A língua do Brasil*: “**as** prima já chegaro; **os** home tá í.” (cf. MELO, 1946:78).

Apesar desse reconhecimento, Melo trata essa questão da simplificação das flexões da fala como um desvio e não como uma variação da língua.

Esse posicionamento de Melo veio ratificar estudos anteriores realizados pelos dialetólogos, cujas conclusões comprovam que, principalmente, na fala das comunidades rurais, o fenômeno da concordância não apenas nominal, mas também verbal não se realiza conforme prescreve a gramática normativa.

3.2 - O fenômeno em estudo sob a perspectiva da Sociolinguística variacionista

3.2.1 - A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro

Pesquisadores, que se debruçaram sobre o estudo da linguagem oral de pessoas escolarizadas e semi-escolarizadas de algumas cidades brasileiras, chegaram à conclusão de que a regra de concordância de número no sintagma nominal (SN) é variável porque se concretiza de formas diversas com a marca de plural presente em:

- todos os elementos do SN (as gatas pretas);
- alguns dos elementos do SN (as gatas preta);
- somente em um elemento do SN (as gata preta).

Tais estudos foram iniciados por Braga & Scherre em 1976, analisando a fala de informantes residentes no Rio de Janeiro. Nesse trabalho, além das variáveis linguísticas, foram selecionadas as variáveis extralinguísticas classes sociais, faixa etária e procedência geográfica diferenciadas.

Essa investigação pioneira apresentou resultados satisfatórios, motivando a realização de outros estudos sobre o mesmo assunto.

Em 1977, Braga deu prosseguimento à pesquisa sobre o mesmo fenômeno linguístico, considerado como regra variável no português falado no Brasil.

A amostra desse estudo foi constituída pela fala de sete (7) informantes, residentes no Triângulo mineiro, todos da mesma faixa etária (15 a 20 anos), pertencentes às classes sociais média e baixa, com escolarização de 1º e 2º graus incompletos.

Braga investigou a variabilidade lingüística na concordância nominal, selecionando quatro variáveis lingüísticas e duas extralingüísticas enumeradas a seguir:

- presença ou ausência de flexão no termo imediatamente anterior ao elemento considerado;
- natureza fonológica do contexto seguinte;
- posição que o elemento ocupa no SN;
- grau de saliência fônica na oposição singular/plural;
- grau de formalismo da gravação;
- classe social do falante.

Os resultados obtidos através do estudo da variável Presença ou ausência de flexão no termo imediatamente anterior ao elemento considerado indicam que a variante “elemento anterior não flexionado” apresenta maior chance de aplicação da regra de concordância de número no SN do que a variante “elemento anterior flexionado”.

Conforme Braga (1977:81), os índices de aplicação da regra de plural no SN foram mais consistentes na classe média porque a ambiência sócio-econômica dos falantes dessa classe facilita-lhes a aproximação dos padrões lingüísticos de maior prestígio social.

Os resultados a respeito da variável Natureza fonológica do contexto seguinte demonstram que a regra de concordância

tende a se aplicar mais vezes ante os contextos fonológicos constituídos por Velares, Labiais e Pausa, seguindo-se-lhe um segundo grupo que compreende as Vogais Nasais e Dentais e, finalmente, aplica-se menos

ainda a contexto subseqüentes constituídos por palatais.

(cf. BRAGA, 1977:51)

Na conclusão do trabalho, Braga levanta hipóteses sobre o estudo da variável em discussão nos termos que seguem.

É provável que, além do contexto fonológico seguinte, deva-se considerar a natureza fonológica do contexto imediatamente anterior ao /S/ e a posição da sílaba tônica no elemento considerado, ao se estudar o cancelamento do morfema de plural. (cf. BRAGA, 1977:81)

A variável Posição linear do elemento no SN, denominada Distância, procura verificar qual a posição que mais favorece a aplicação da regra de plural. A conclusão obtida por Braga é que os falantes da classe baixa e média apresentam uma probabilidade mais elevada de aplicação da regra na primeira posição com um declínio progressivo nas segunda/terceira posições e nas quarta/quinta posições. (cf. BRAGA, 1977:58-59).

O estudo da Saliência fônica obedeceu a escala de diferenciação material fônica em quatro níveis, visto que, devido à carência de dados, Braga deixou de investigar a variante referente ao plural duplo (ovo / óvus). As variantes selecionadas foram:

- inserção de - S e mudança silábica (milhão/milhões; imóvel/imóveis);
- inserção de - ES em palavras terminadas em - R (flor/flores);
- inserção de - S em palavras de plural regular (livro/livros);

- inserção de -ES em palavras que terminam em - S (rapaz/rapazes).

Os resultados desse estudo, com os falantes da classe média estão de acordo com o Princípio da Saliência, ou seja, as formas mais salientes e conseqüentemente mais perceptíveis são mais marcadas que as menos salientes. Já os falantes da classe baixa mineira não tiveram o mesmo desempenho, apresentando apenas uma oposição binária, ou seja, inserção de -S em itens terminados em -S, desfavorecendo a aplicação da regra de plural nos demais itens da escala de diferenciação material fônica. Observemos, portanto, a conclusão da autora:

condicionamentos morfológicos parecem, pois, não afetar a aplicação da regra de concordância de número no SN, na classe baixa. Se, diacronicamente, houve um momento em que condicionamentos, tais como os aqui rotulados, de “grau de saliência fônica”, exerceram pressão sobre a aplicação da regra de concordância de número, na Classe Baixa, hoje não se verifica o mesmo.
(cf. BRAGA, 1977:75).

A variável Grau de formalismo não exerceu forte influência nos falantes da classe baixa, tendo sido mais relevantes os resultados da classe média. Esses resultados são reforçados pela variável Classe social que mostra que os falantes de classe média apresentam desempenho lingüístico que se aproxima mais da norma de prestígio que os de classe sócio-econômica baixa. Em síntese, a autora afirma que há uma considerável distância, em termos estatísticos, entre os valores obtidos pela classe média em relação aos da classe baixa.

3.2.2 - A regra de concordância de número no sintagma nominal em português (no Rio de Janeiro)

Em 1978, Scherre retoma a análise do mesmo fenômeno que estudara, em 1976, em parceria com Braga, utilizando como amostra a fala de dez (10) informantes semi-escolarizados e escolarizados do Rio de Janeiro, na faixa etária entre 16 e 23 anos, sendo 5 (cinco) do sexo masculino e cinco (5) do sexo feminino.

A autora, tomando por base a tese de que a regra de concordância de número é de natureza variável, condicionada por fatores lingüísticos e extralingüísticos, elegeu o seguinte corpo de hipóteses para a realização de seu estudo:

- um maior grau de saliência fônica nos processos de formação do plural parece aumentar a possibilidade de aplicação da regra;
- as primeiras posições (1 e 2) mostram-se menos inibidoras do que as demais posições;
- elementos precedentes não flexionados parecem elevar a incidência de marca formal de plural nos demais elementos do SN;
- os indivíduos realizam a regra de concordância de número no SN de forma variável, apresentando diferenças na frequência global de sua aplicação;
- a situação tensa parece aumentar sensivelmente o índice de marca formal de plural nos elementos do SN.

Finalizando sua pesquisa, Scherre reafirmou sua tese de que, no português falado no Brasil, o fenômeno estudado é sincronicamente variável, condicionado tanto por fatores lingüísticos, quanto extralingüísticos.

O estudo da Saliência fônica teve por base as variantes com as quais Scherre trabalhou, em 1976, em parceria com Braga, conforme descrevemos abaixo:

- plural duplo: ovo/óvus; formoso/formósus;
- plural das formas terminadas em *ÃO* e /L/ - avião/aviões; fácil/fáceis;
- plural das formas terminadas em /R/ - mulhere/mulheres ou mulhere;
- plural das formas terminadas em /S/ - rapaz/rapazes ou rapaze; mês/meses;
- formas de plural regular - casa/casas; mãe/mães.

Convém esclarecer que Scherre (1978) considera plurais formas do tipo mulhere, mese, óvu, aviõe, etc., diferentemente de Braga (1977).

A seguir, os resultados obtidos pela pesquisadora.

Com relação aos aspectos morfológicos de formação do plural, os falantes escolarizados revelam um comportamento lingüístico em consonância com a hipótese formulada:

quanto maior o grau de saliência fônica na oposição singular/plural, mais a regra se aplica e quanto menor, menos ela se aplica (cf. SCHERRE, 1978:138).

Os falantes semi-escolarizados, por sua vez, apresentam uma hierarquia menos marcada.

Para a variável Posição, a conclusão é a de que a oposição geral ocorre entre a primeira e as demais posições no SN nos dois grupos de falantes (escolarizados e semi-escolarizados).

A autora ressalta, entretanto, que o grupo escolarizado apresenta uma oposição básica entre a primeira e as demais posições. A primeira posição,

ao contrário das demais, favorece a aplicação da regra. Todavia, o grupo semi-escolarizado demonstra uma linha decrescente em termos de desfavorecimento, partindo da primeira até a quarta posição. Com relação à quinta posição, a chance de aplicação da regra sobe no grupo escolarizado e reduz no grupo semi-escolarizado (cf. SCHERRE, 1978:85).

A observação inicial sobre o estudo da variável Marcas precedentes em função da posição é a seguinte:

- ausência de flexão ou a sua neutralização, na posição 0 (zero) favorece a aplicação da regra na posição 1⁶;

- presença de marca formal ou semântica de plural ou pelo menos um dos segmentos precedentes desfavorece a aplicação da regra (SCHERRE, 1978:110).

Scherre, contudo, realiza uma codificação mais detalhada que Braga (1977), chegando à conclusão de que ainda era necessário encontrar um princípio geral mais adequado para o estudo dessa variável, o que podemos depreender da observação a seguir.

Isto indica que o grupo em si está mal definido, pois parece não haver influência de redundância local sobre a aplicação da regra. Seria interessante partir para a reestruturação desse grupo em função do número de

⁶ A posição 0 (zero) corresponde à primeira posição.

marcas plurais precedentes - formais e semânticas - a fim de verificarmos se a única oposição existente seria em termos da anteriormente detectada. (SCHERRE, 1978: 113).

Segundo a autora, a variável Sexo não exerce influência sobre a aplicação da regra de concordância nominal de número no SN.

Sobre as variáveis grau de escolarização e grau de formalismo, Scherre conclui que

a aplicação da regra é, também, diretamente proporcionar ao nível social e de escolarização dos informantes e ao grau de formalismo, ou seja, quanto mais altos forem o nível social e de escolarização dos informantes e o grau de formalismo, mais a regra se aplica, quanto mais baixos, menos ela se aplica. (cf. SCHERRE, 1978:139).

3.2.3 - A concordância nominal no linguajar de uma comunidade pobre de Porto Alegre

Em 1979, Ponte, por sua vez, realizou estudos sobre a concordância de gênero e de número no SN. Sua amostra foi constituída pela fala de vinte (20) informantes, (dez (10) homens e dez (10) mulheres), numa faixa etária de trinta (30) a quarenta e cinco (45) anos, sendo todos semi-alfabetizados, residentes em Vila Santa Rosa - comunidade proletária de Porto Alegre.

Após a realização do estudo, que teve como norte um conjunto de hipóteses, todas confirmadas com exceção da que se refere à variável morfológica, a autora concluiu que a regra de concordância nominal

(particularmente a de número) é de natureza variável, condicionada por fatores lingüísticos e extralingüísticos, conforme síntese transcrita (com algumas adaptações) abaixo:

- a flexão de número é, na imensa maioria, colocada nas duas posições iniciais do SN, sobretudo na posição 1;
- segmentos precedentes não flexionados, na posição 1, elevam os índices de flexão de plural nos demais elementos;
- os dois fatores de maior grau de saliência fônica, na oposição singular/plural, são os que elevam a incidência da flexão (olho / olhos; condição / condições). (cf. PONTE, 1979:165);
- a variável sexo tem fraca ou nenhuma influência sobre a aplicação da regra de concordância de número;
- a regra de concordância de número é condicionada pela atuação dos informantes que apresentam diferenças em suas frequências globais na aplicação dessas regras (cf. PONTE, 1979:201-202).

3.2.4 - Concordância nominal/verbal do analfabeto da micro-região bragantina (Pará)

Em 1980, Carvalho Nina também se propôs a “descrever e analisar as realizações de concordância nominal e verbal, em sua variabilidade, na fala dos informantes.” (cf. pág. 39). A amostra dessa pesquisa foi composta pela fala

de vinte (20) informantes da micro-região bragantina do Estado do Pará. Os falantes eram todos analfabetos, de ambos os sexos, com idade entre 20 e 65 anos, residentes na zona rural.

Convém deixar claro que essa resenha restringe-se apenas à concordância nominal de número, visto que neste momento não é de nosso interesse abordar a questão da concordância nominal de gênero, nem a concordância verbal.

A pesquisadora paraense trabalhou com quatro variáveis lingüísticas:

- grau de saliência fônica;
- distância dos elementos no SN;
- natureza flexional do elemento precedente;
- posição dos determinantes no SN.

Os resultados decorrentes do estudo dessas variáveis são os seguintes:

- “os determinantes antepostos parecem ser favorecedores da regra de concordância, enquanto os determinantes pospostos são inibidores” (cf. pág. 110);

- a variável saliência fônica exerceu fraca influência, verificando-se que três dos quatro fatores atingem percentuais abaixo de 26% e o quarto fator referente à inserção de -S com mudança silábica (milhão/milhões), (casal/casais) não recebeu nenhuma marca de plural;

- “segmentos precedentes não flexionados e na posição 1 provocam a flexão de plural de um outro elemento no sintagma, favorecendo a idéia de pluralidade contida na informação” (cf. pág. 159)

- o primeiro elemento do SN é quase categoricamente marcado, ocorrendo um declínio não apenas progressivo, mas também relevante nas demais posições.

Entre as variáveis extralingüísticas, foram escolhidas duas: sexo e idade, cujos resultados transcrevemos em seguida:

- “o fator sexo parece comprovar, na micro-região bragantina, uma tendência universal: as mulheres estão mais próximas da norma que os homens;” (cf. pág. 160).

- “o fator idade parece ser o que maior influência exerce na concordância dos informantes, principalmente, na verbal, uma vez que a geração mais nova evidencia um processo de mudança⁷ em curso, pois aplica mais a regra de concordância nominal de número que os adultos velhos e médios.” (cf. pág. 119 e 160).

3.2.5 - Reanálise da concordância nominal em Português (no Rio de Janeiro)

Em 1988, Scherre realizou uma tese de grande fôlego, retomando os estudos que iniciara em 1976 e 1978, sobre a concordância nominal de número em língua portuguesa, unindo aspectos da Teoria da Variação Lingüística Laboviana e aspectos da Teoria Funcionalista, abordando, ainda, parte do arcabouço teórico da gramática gerativa.

Para esse trabalho acurado e de grande relevância para os estudos lingüísticos em português, a autora estabeleceu quatro objetivos:

⁷ A autora refere-se ao termo “mudança”, indicando que as CN e CV tendem a ser usadas sem marcas de plural.

1) apresentar a descrição e a explicação de um conjunto de variáveis lingüísticas e não lingüísticas que influenciam a variação da concordância de número no SN;

2) discutir a hipótese funcionalista de Kiparsky (1972), embutida na Teoria da Gramática Gerativa,

trazendo evidências de que uma teoria lingüística adequada que pretende ter caráter explanatório deve incorporar também motivações ou princípios gerais externos, ou seja, princípios não estritamente gramaticais determinando o uso e, conseqüentemente, a forma da língua. (cf. SCHERRE 1988:15)

3) discutir a análise da relação entre variação e mudança, a fim de verificar se o fenômeno estudado reflete um estágio de variação sociolingüística estável ou um processo de mudança lingüística em processo;

4) discutir a questão da variação inerente, isto é, se a variação grupal reflete a variação individual, ou seja,

se ela é inerente ou se é apenas fruto do agrupamento de indivíduos com comportamentos lingüísticos diferenciados entre si, mas internamente homogêneos. (cf. SCHERRE, 1988:16)

A composição da amostra compreende dois grupos de falantes cariocas. O primeiro abrange a fala de 48 informantes adultos (15/71 anos), estratificados em três variáveis sociais: escolarização, sexo e idade; o segundo

comporta a fala de 16 crianças de uma mesma faixa etária (7 a 14 anos), divididos em duas variáveis sociais: escolarização e sexo.

Com relação ao primeiro objetivo, a pesquisadora dividiu a análise dos dados sob duas perspectivas: uma atomística e outra não atomística. Na perspectiva atomística, considerou como dado de análise cada um dos constituintes flexionáveis dos SNs. Na perspectiva não atomística, assumiu o SN inteiro como unidade de análise.

Os resultados obtidos sob a perspectiva atomística indicam que as variáveis influenciadoras da concordância de número no SN, são as seguintes:

- 1) marcas precedentes e posição;
- 2) saliência fônica: dimensões - processos e tonicidade;
- 3) relação dos elementos não nucleares em função do núcleo e posição dos elementos nucleares no SN;
- 4) formalidade dos substantivos e adjetivos;
- 5) grau dos substantivos e adjetivos;
- 6) animacidade dos substantivos;
- 7) contexto fonético/fonológico seguinte;
- 8) função resumitiva.

Do ponto de vista não atomístico, revelaram influência as variáveis abaixo:

- 1) pluralidade do contexto;
- 2) configuração sintagmática do SN;
- 3) saliência fônica: dimensão processo;
- 4) grau/formalidade do SN;
- 5) pluralidade do SN;
- 6) função textual;
- 7) localização do SN.

O segundo objetivo volta-se, como vimos, para a discussão da hipótese funcionalista Kiparskiana, associada ao Princípio da Economia. Os dados revelaram que as Condições de Distintividade ou o Princípio da Economia “têm a sua atuação, se é que a têm, apenas sobre a possibilidade da concordância de número entre os elementos do SN em Português ser um fenômeno variável”. (cf. pág. 518).

Os resultados obtidos apontam para outra direção, pois “o falante escolhe uma estrutura plural, formal ou semanticamente marcada na primeira posição, o número de marcas seguintes não se pauta pelo Princípio da Economia ou pelas Condições de Distintividade, mas, sim, e principalmente, pelo Princípio do Processamento Paralelo, pelo Princípio da Saliência Fônica e pelo Princípio da Iconicidade.” (cf. SCHERRE, 1988:518).

Além disso, foram considerados contra-funcionalistas, sob a ótica Kiparskiana, os argumentos, a seguir, transcritos:

1) A ausência de marca na segunda posição em SNs de estrutura [artigo definido + possessivo + substantivo] independe da presença/ausência de marca na primeira posição;

2) o fator “circunstancial” na variável função textual apresenta a probabilidade mais alta de todas;

3) a variável formalidade dos substantivos evidencia maior importância probabilística do que a variável função resumitiva do SN na análise atomística;

4) a variável função resumitiva é a última variável linguística a ser selecionada na análise atomística;

5) na análise não atomística, a variável formalidade/grau do SN apresenta resultados mais consistentes do que a variável função textual do SN.

Scherre encerra a análise concernente à hipótese funcionalista hiparskiana, afirmando, de modo enfático, que essa hipótese é inadequada “ para explicar, de forma consistente, a ausência/presença de marcas formais de plural nos elementos flexionáveis do SN em Português”. (cf. pág. 519).

Ademais, a autora destaca que o Princípio do Processamento Paralelo teve papel relevante no seu estudo pela forma adequada como explica não só a atuação de algumas variáveis a nível atomístico e a nível global, como também “ o funcionamento de um expressivo número de fenômenos no português do Brasil”, além de explicar, ainda, o funcionamento de muitos fenômenos em línguas naturais. (cf. pág. 519)

No capítulo 7, Scherre busca apoio no Princípio do Processamento Paralelo, a fim de explicar o funcionamento de certos fenômenos lingüísticos em Português. Essa variável já se mostrou consistente em outras línguas naturais, conforme estudos realizados de 1977 a 1987. Por isso, na opinião da pesquisadora, o Princípio do Paralelismo Formal é um candidato a universal, atuando sobre o comportamento lingüístico e, como tal, deve ser incorporado pela teoria lingüística”, mesmo sendo de natureza não gramatical. (cf. pág. 520);

O terceiro objetivo da tese diz respeito à relação polêmica entre variação e mudança. As conclusões demonstraram que, de modo geral, as variáveis Sexo e Grau de escolarização tiveram comportamento relevante para influenciar o fenômeno analisado. Assim sendo, “as mulheres e as pessoas mais expostas à escola se aproximam mais das formas de prestígio.”(cf. pág. 520). Segundo a autora, está comprovado que a escola é a principal instituição que preza pelo ensino da norma culta ou de maior prestígio social e, por isso, quanto maior for o grau de escolarização do falante, mais probabilidade ele terá de aplicar a regra de plural no SN, sendo que as mulheres têm demonstrado, ao longo da história, serem mais afeitas ao uso das formas mais conservadoras.

Em contrapartida, a variável social Faixa etária foi a que menos influenciou o uso da marca de plural.

Em síntese, o resultado obtido da análise das três variáveis sociais convencionais aponta no sentido de que a concordância de número no SN reflete um estágio de variação sociolingüística estável.

Por outro lado, o estudo sob uma perspectiva não convencional, considerando o ambiente de origem do falante e o seu grau de desempenho na concordância, “se alto ou baixo, no interior de seu grupo, revelou a influência da faixa etária de forma mais polarizada e mais interessante.” (cf. pág. 521). Com base nesse resultado, a autora aponta duas tendências para o desempenho dos falantes:

1) variação sociolingüística estável, com gradação etária, para os falantes de ambiente não humilde e de concordância alta;

2) processo de mudança lingüística, caminhando em direção a um sistema sem concordância, para os falantes de ambiente humilde e concordância baixa.

Quanto aos resultados da variável Saliência fônica para os dois grupos de falantes, Scherre pôde “inferir a existência de uma mudança em progresso para o segundo grupo, ao lado da variação estável para o primeiro⁸.” (cf. pág. 521)

No que se refere à análise do ponto de vista sincrônico das variáveis não convencionais (mercado ocupacional, mídia e sensibilidade lingüística), os

⁸ O primeiro grupo refere-se aos falantes adultos e o segundo, às crianças.

resultados foram considerados interessantes principalmente a respeito da variável Mercado ocupacional, tendo em vista que seu efeito sobre o comportamento dos falantes homens é mais contundente que a influência da escola. As mulheres, por sua vez, recebem influência tanto da escola, quanto do mercado ocupacional. Além disso, a cotação positiva ou negativa no mercado ocupacional aumenta ou diminui a chance de o falante realizar a CN. (cf. pag.522)

O quarto objetivo, relativo à variação inerente, foi também atingido, porque a autora detectou “a influência uniforme da maioria das variáveis lingüísticas sobre os agrupamentos de falantes”, principalmente em duas variáveis lingüísticas (Marcas e Relação). Os resultados das variáveis Marcas precedentes, Relação e Pluralidade do contexto, levam à conclusão de que “as diferenças entre os diversos subagrupamentos de falantes são mais quantitativas do que qualitativas, ou seja, a variação é inerente” (cf. pag. 523). Além do mais, a terceira variável lingüística que também mostrou forte influência foi a Saliência fônica, apesar de indicar diferenças de influências, considerando Processos e Tonicidade como uma só variável. A autora considerou para efeito dessa análise apenas os substantivos, adjetivos e categorias substantivas por subgrupamentos de falantes, conforme mostra através da Tabela 8.6.1., pag 465. É através dessa variável que a autora observa o processo de mudança lingüística em andamento, posto que

os subgrupos de falantes que apresentam indícios etários de perda da concordância (col 1 e 4)⁹ são mais sensíveis ao eixo da Saliência fônica, especialmente na sua

⁹ A coluna 1 refere-se aos falantes de Ambiente humilde e de concordância baixa; A coluna 4 refere-se aos falantes de Ambiente não humilde de concordância baixa; a coluna 3 refere-se aos falantes de Ambiente humilde e de concordância alta; a coluna 2 refere-se aos falantes de Ambiente não humilde e de concordância alta.

dimensão Processos, do que os grupos que não apresentam estes indícios. O subgrupo mais influenciado pela escala (col 3) é exatamente o que apresenta menor sensibilidade à escala da Saliência Fônica, quer na sua dimensão Processos, quer na sua dimensão Tonicidade. Esta sensibilidade chega a ser menor do que a do grupo de ambiente não humilde, e concordância alta, que apresenta um padrão nítido de influência da dimensão da Tonicidade (cf SCHERRE, 1988:470).

Finalizando sua tese, a autora chegou a fazer generalizações a respeito de que a ausência/presença de marcas de plural no SN está condicionada a um protótipo de falante, conforme transcreveremos a seguir.

“...se o falante for do sexo feminino, com alto grau de escolarização, de meia-idade, com cotação positiva no mercado ocupacional - o protótipo do falante que faz muita concordância -, ele tenderá a deixar de colocar marcas, por exemplo,

1) em elementos não nucleares pospostos ao núcleo;

2) em núcleos que ocupam a segunda posição;

3) em elementos da terceira posição precedidos de ausência de marca na segunda posição;

4) em estruturas contendo seqüências de regulares paroxítonos;

1) em elementos não nucleares pospostos ao núcleo;

2) em núcleos que ocupam a segunda posição;

- 3) em elementos da terceira posição precedidos de ausência de marca na segunda posição;
- 4) em estruturas contendo seqüências de regulares paroxítonos;
- 5) em estruturas contendo itens lexicais informais ou diminutivos/aumentativos;
- 6) em SNs que se encontram à direita da oração ou
- 7) em contextos discursivos de menor pluralidade.

Ao contrário, “se o falante for do sexo masculino, com baixo grau de escolarização, jovem ou velho, com cotação negativa no mercado ocupacional - o protótipo do falante que faz pouca concordância -, ele tenderá a colocar marcas, por exemplo,

- 1) em elementos não nucleares antepostos ao núcleo;
- 2) em núcleos que ocupam a primeira ou terceira posição;
- 3) em elementos da terceira posição precedidos de presença de marcas na segunda posição;
- 4) em estruturas contendo itens não regulares;
- 5) em estruturas contendo itens não informais e de grau normal;
- 6) em SNs que se encontram à esquerda da oração ou
- 7) em contextos lingüísticos de menor pluralidade (cf. SCHERRE, 1988:523-524).

Ao final dessa investigação, Scherre admite com segurança que o “trabalho traz contribuições a nível da descrição/explicação de gramáticas particulares e a nível da teoria lingüística geral.” (cf. SCHERRE, 1988:524).

4. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

4.1 - Constituição da amostra

Dada a carência de estudos lingüísticos no Estado do Acre, particularmente na Universidade Federal do Acre (UFAC) e, considerando a necessidade de constituir um *corpus* para a realização desta pesquisa na área de Sociolingüística, resolvemos (Rodrigues, Paiva e nós, conforme mostra o Anexo X) acatar a sugestão da Profa. Dra. Maria Luiza Braga, nossa orientadora, no sentido de institucionalizar o Projeto Estudo da Fala Urbana de Rio Branco - EFURB, vinculando-o ao Departamento de Letras da UFAC, a fim de que os dados ficassem à disposição de outros pesquisadores.

Inicialmente, pretendíamos trabalhar com uma amostra constituída pela fala de 30 informantes, calculada da forma preconizada por Labov (1972a) e Tarallo (1986), sendo considerada “ideal” a célula composta por 5 informantes.

Todavia, tendo em vista as dificuldades de coleta e transcrição dos dados, resolvemos trabalhar apenas com 24 informantes.

Para a seleção dos informantes, utilizamos o critério da escolha aleatória, sorteando, ao mesmo tempo, um bairro e um tipo de informante, entre os bairros da cidade de Rio Branco, que, à época da coleta de dados (1994), contava com 103 bairros, conforme mostram os anexos I, II, III, IV e V.

Escolhemos como grupos de fatores extralingüísticos as variáveis Grau de formalismo, Sexo e Grau de escolarização (indivíduos com escolarização de 1 a 4 anos e de 5 a 8 anos, como também analfabetos). Além disso, controlamos o desempenho de cada subgrupo em relação ao grau de escolaridade.

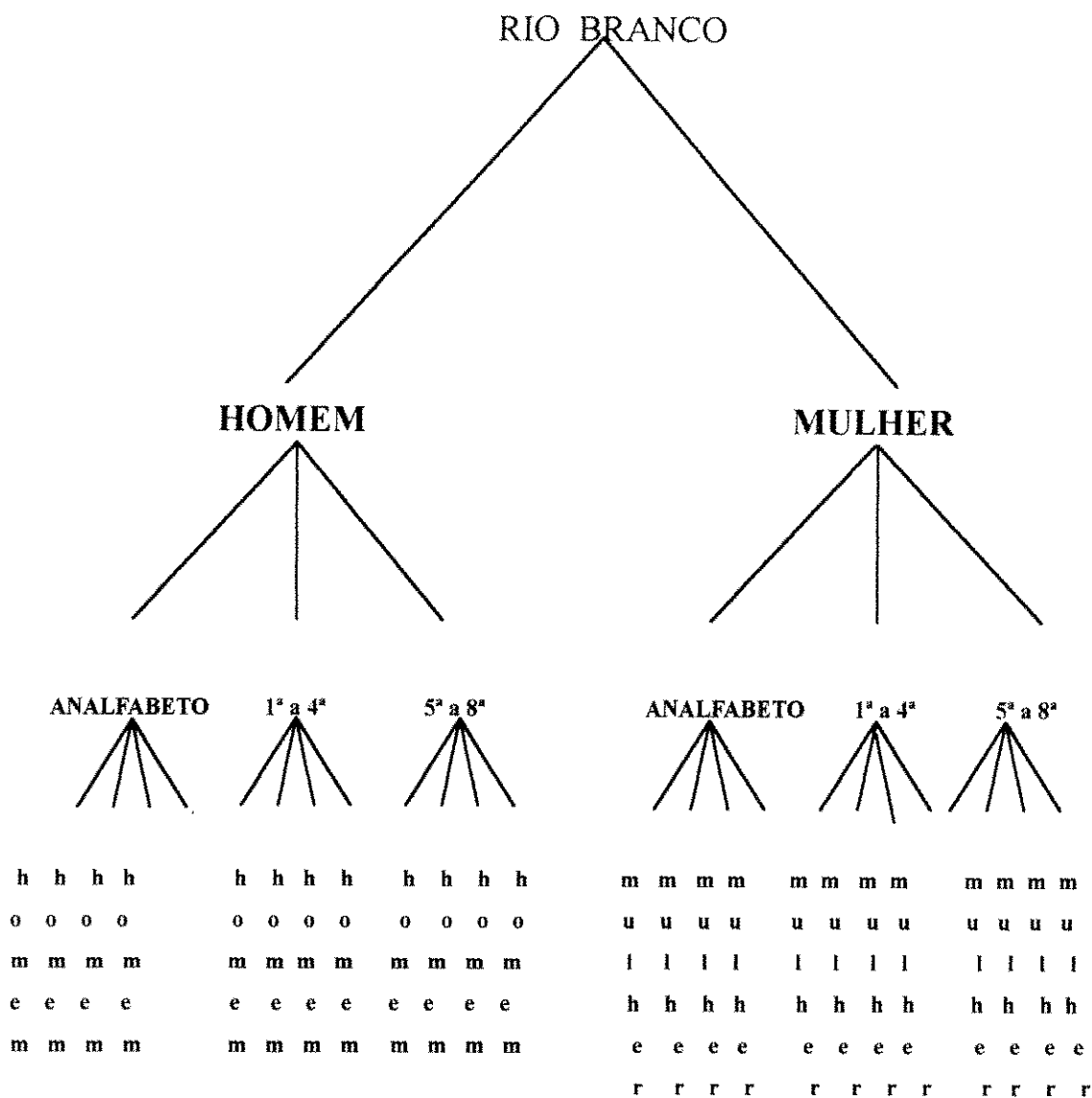
Ademais, os informantes deveriam preencher, ainda, os seguintes requisitos:

- a) estar na faixa etária de 20 a 35 anos. Pelo fato de não termos condição, neste momento, de trabalhar com uma amostra maior, resolvemos sacrificar temporariamente o fator idade, garantindo, dessa forma, que a célula composta por quatro informantes tivesse mais confiabilidade;
- b) ter nascido em Rio Branco e não ter se ausentado dessa cidade por mais de dois anos até os 7 anos de idade, a fim de que o falante não sofresse influência de pessoas de outras regiões, pois só a partir da puberdade é que ele tende a cristalizar seu dialeto;
- c) pertencer a classe sócio-econômica baixa.

Embora a estratificação em classes sociais ainda seja uma questão polêmica, no Brasil, foram considerados para a classificação da classe social baixa os fatores:

- a) instrução - analfabeto e 1º grau;
- b) local de estudo - escola pública;
- c) ocupação - trabalho/estudo;
- d) local de moradia - bairros periféricos;
- e) renda - 1 a 2 salários mínimos;
- f) bens materiais - casa própria ou alugada, TV colorida ou preto e branco, geladeira, aparelho de som e outros. (cf. Perfil sócio-econômico da cidade de Rio Branco - SEBRAE, 1991).

De acordo com esses critérios, a amostra foi composta de acordo com a ilustração a seguir:



Assim sendo, a amostra resume-se em:

Número de informantes por célula: 4

Sexo: 12 homens e 12 mulheres;

Anos de escolarização: analfabeto, 1ª à 4ª e 5ª à 8ª séries;

Faixa etária: 20 a 35 anos;

Classe social: baixa

Do **corpus** de 24 horas aproximadamente, utilizamos apenas 20 minutos de cada inquérito, por ser a concordância nominal de número um fenômeno recorrente em Língua Portuguesa. Feito o levantamento dos dados, excluídos aqueles que não eram de nosso interesse, codificamos 3001 dados.

Tal como procedeu SCHERRE (1988:29), consideramos como objeto de estudo o SN que apresentasse, pelo menos, uma marca formal ou semântica de plural. Por exemplo: **melhores** e **melhore** em:

- os **melhores** momentos (JO, pág. 40);
- as **melhore** coisa (JB, pág. 45).

Após a caracterização dos dados, importa-nos apresentar a caracterização social de cada informante, conforme consta dos Quadros 1 e 2, a seguir.

QUADRO I
CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DOS INFORMANTES DO SEXO
MASCULINO

INQUÉRITO	CÓDIGO	SEXO	ESCOLARIZAÇÃO	IDADE
008RBHA	AG	M	analfabeto	22
005RBHA	JO	M	analfabeto	35
007RBHA	AC	M	analfabeto	25
013RBHA	ES	M	analfabeto	23
010RBH4	MC	M	1ª à 4ª	35
024RBH4	JB	M	1ª à 4ª	35
009RBH4	LR	M	1ª à 4ª	24
001RBH4	AL	M	1ª à 4ª	22
003RBH8	JF	M	5ª à 8ª	30
016RBH8	JN	M	5ª à 8ª	20
014RBH8	RS	M	5ª à 8ª	23
006RBH8	VD	M	5ª à 8ª	29

QUADRO 2
CARACTERÍSTICAS SOCIAIS DOS INFORMANTES DO SEXO
FEMININO

INQUÉRITO	CÓDIGO	SEXO	ESCOLARIZAÇÃO	IDADE
011RBMA	GC	F	analfabeta	25
012RBMA	RC	F	analfabeta	28
015RBMA	GM	F	analfabeta	22
020RBMA	NL	F	analfabeta	22
018RBM4	MV	F	1 ^a à 4 ^a	25
022RBM4	JE	F	1 ^a à 4 ^a	27
025RBM4	MZ	F	1 ^a à 4 ^a	22
004RBM4	MI	F	1 ^a à 4 ^a	28
017RBM8	MF	F	5 ^a à 8 ^a	29
002RBM8	MO	F	5 ^a à 8 ^a	21
019RBM8	MS	F	5 ^a à 8 ^a	30
023RBM8	ML	F	5 ^a à 8 ^a	25

4.2 - Processo de coleta e armazenamento dos dados

No tocante à coleta dos dados, procuramos seguir os princípios éticos e metodológicos sugeridos por Labov (1972a), Tarallo (1986) e Mollica (1992). Adotamos a **entrevista** como **instrumento de pesquisa**, elaborada a partir de temas do cotidiano, tais como: situação do bairro e da cidade de Rio Branco, eleições/94, Plano Real, esporte, festas familiares, etc., de acordo com o Anexo VI. Nosso interesse era o de coletar o estilo de fala casual ou habitual. Por isso, incluímos, no roteiro da entrevista, perguntas que

permitissem a elicitção de formas lingüísticas e gêneros discursivos variados, entre os quais a narrativa.

Quanto às perguntas metalingüísticas, isto é, as que tinham por objetivo colher opiniões sobre o uso da Língua Portuguesa, foram reservadas para o final da entrevista, quando o informante já deveria estar mais familiarizado com o documentador e com a gravação de sua fala. Pretendíamos, dessa maneira, verificar se o informante usava mais a marca de plural, falando sobre o Português, uma vez que era de nosso interesse controlar o grau de formalismo no contexto.

A gravação foi feita em, pelo menos, dois contatos do documentador com o informante. No primeiro, o documentador e um auxiliar, às vezes, acompanhados por um morador do bairro, deveriam estabelecer contato e solicitar a colaboração do informante, confirmando suas características sociais, para, em seguida, preencherem a ficha de cadastro social, conforme ANEXOS VII e VIII.

Depois do preenchimento dessa ficha, o entrevistador planejava a realização da entrevista com o informante, marcando o local e o horário mais adequados.

Após a gravação da entrevista, elementos da equipe de pesquisadores ouviam a fita, com bastante atenção, a fim de obter um controle de qualidade, confirmando se o material deveria ou não passar para a fase de transcrição dos dados. Feita a transcrição, obedecendo aos critérios previamente estabelecidos pelo grupo, conforme ANEXO IX, a fita foi submetida a uma revisão, com a finalidade de garantir a qualidade desejada. O passo seguinte será a digitação desses dados e o armazenamento eletrônico, a fim de atender aos interesses de outros pesquisadores.

4.3 - Enunciado das hipóteses

Após investigar cuidadosamente a literatura existente sobre o assunto, como também os dados coletados, levantamos a hipótese de que a aplicação da regra de CN correlaciona-se com as variáveis linguísticas Posição linear dos elementos no SN, Classe gramatical, Marcas precedentes, Contexto fonético / fonológico seguinte e Saliência fônica, subdividida em três dimensões: Processos morfofonológicos de formação do plural, Tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares e Número de sílabas dos itens lexicais singulares.

Além da correlação com as variáveis linguísticas, aventamos a hipótese de que a aplicação da regra de CN correlaciona-se com as variáveis sociais Sexo, Grau de Escolarização e Grau de Formalismo do discurso.

Todas as variáveis acima estão explicitadas em 4.4, a seguir.

4.4 - Variáveis linguísticas

Para a escolha das variáveis linguísticas, levamos em consideração os resultados obtidos em pesquisas anteriores, sintetizadas em 3.2, como também as observações feitas aos dados coletados. Conforme nos diz Tarallo (1986:34), a variável < s > de marcação do plural no SN, no português falado no Brasil, comporta duas variantes: a presença do segmento /s/ e sua ausência /φ/.

A seguir, apresentamos a descrição das variáveis linguísticas com seus respectivos fatores, bem como a exemplificação dos dados.

4.4.1 - Variável Saliência Fônica

O estudo do Princípio da Saliência fônica na oposição singular/plural, em Língua Portuguesa falada no Brasil, foi introduzido por Lemle

& Naro, no período de 1974 a 1976, trabalhando com concordância verbal, especificamente sobre a dimensão que envolve a quantidade de diferenciação material fônica na relação singular/plural. Outra investigação lingüística sobre o mesmo tema foi feita por Nicolau (1984).

Lemle & Naro defenderam a tese de que as formas verbais com maior grau de saliência fônica como, por exemplo, **falaram**, **pularam** são mais perceptíveis e, por essa razão, têm mais chances de serem marcadas do que as formas com menor grau de saliência fônica como **falam** e **pulam**.

No que se refere à concordância nominal de número, os trabalhos pioneiros são de autoria de Braga & Scherre (1976), Braga (1977) e Scherre (1978). Depois, foram realizadas as pesquisas de Ponte (1979) e Nina (1980). Em 1981a, Naro dá prosseguimento ao estudo sobre concordância verbal, estabelecendo a diferenciação material fônica ou processos e tonicidade. No mesmo ano, Guy, também analisa a saliência fônica da forma proposta por Naro em 1981a. Em 1988, Scherre realiza um trabalho de grande fôlego em sua tese de doutoramento, denominada *Reanálise da Concordância Nominal em Português*, incluindo uma outra dimensão do eixo da saliência fônica - o número de sílabas.

Nossa meta a respeito do princípio da Saliência fônica leva em consideração as três dimensões propostas por Scherre (1988):

- processos morfofonológicos de formação do plural;
- tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares;
- número de sílabas dos itens lexicais singulares.

4.4.1.1 - Processos morfofonológicos de formação do plural

O princípio da Saliência Fônica defende que as formas mais salientes e, por essa razão, mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes.

Assim sendo, a expectativa em relação à dimensão Processos é a de que as formas que apresentam maior diferenciação de material fônico na relação singular/plural como, por exemplo, ovo/óvus; cordão/cordões; animal/animais sejam mais marcadas do que as que apresentam menor diferenciação, como nos exemplos, casa/casas; cadeira/cadeiras.

De acordo com os mecanismos de formação do plural dos nomes em Língua Portuguesa, a escala de diferenciação material fônica entre os elementos do sintagma nominal foi prevista em seis níveis. Vale lembrar, ainda, que foram consideradas plural as formas terminadas em -R ou -S, seguidas de -ES ou simplesmente de -E, tal como fez Scherre (1988:76). Exemplos: professor/professores ou professore; mês/meses ou mese.

A seguir, estão descritos os fatores da dimensão Processos:

- inserção de /S/ e abertura vocálica em plural metafônico - ovo/óvus; formoso/formósos;
- inserção de /IS/ e mudança silábica em palavras terminadas em /L/ - animal/animais; móvel/móveis;
- inserção de /S/ e mudança silábica em palavras terminadas em /ÃO/ - melão/melões; cordão/cordões;
- inserção de /E/ ou /ES/ em palavras terminadas em /R/ - professor/professore ou professores; pastor/pastore ou pastores;
- inserção de /E/ ou /ES/ em palavras terminadas em /S/ - mês/mese ou meses; vez/veze ou vezes;

- inserção de /S/ em palavras de plural regular - cadeira/cadeiras, casa/casas.

4.4.1.2. Tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares

Quanto à segunda dimensão - Tonicidade - esperamos que os monossílabos tônicos (lei/leis) e os oxítonos (café/cafês), pelo fato de terem o acento na sílaba que deverá receber o morfema de plural, favoreçam mais a aplicação da regra do que os paroxítonos (cadeira/cadeiras) e os proparoxítonos (lâmpada/lâmpadas) que não têm a sílaba final acentuada.

Essa dimensão foi analisada, obedecendo à seguinte subdivisão:

- monossílabo átono (a, um);
- monossílaboônico (lei, meu);
- oxítono (sofá, café);
- paroxítono (porta, pedaço);
- proparoxítono (árvore, lâmpada).

4.4.1.3 - Número de sílabas dos itens lexicais singulares

No que se refere à terceira dimensão do Princípio da saliência fônica — o número de sílabas — o comportamento esperado é o de que os termos com maior número de sílabas (lâmpada, árvore, japonês) sejam mais marcados, pelo fato de conterem mais material fônico e, por isso, são mais perceptíveis.

A discussão sobre o número de sílabas foi feita de acordo com os três fatores abaixo:

- monossílabo (o, um, cor, lei);
- dissílabo (cama, tribo, irmão);
- mais de duas sílabas (seleção, pescador, trabalhista).

4.4.2 - Três variáveis relacionadas: Posição linear, Classe gramatical e Marcas precedentes

Scherre (1988) nos diz que a Posição linear, a Classe gramatical e a natureza das Marcas precedentes são três variáveis consideradas de crucial importância para se correlacionarem com a inserção de marcas de plural no SN.

4.4.2.1 - Posição linear dos elementos no SN

Segundo Scherre, os estudiosos da variável Posição chegaram a uma conclusão uniforme: “a primeira posição do SN é a mais marcada, num índice probabilístico nunca inferior a .70” (cf. Scherre: 1988:143). Além disso, esses mesmos estudiosos observaram que, a partir da segunda posição, há um decréscimo de marcas de plural. Para outros, ocorre, entretanto, um aumento de inserção de marcas nas últimas posições.

Nossa análise relativa a essa variável consta de cinco fatores, ou seja, cinco posições, como podemos perceber através do exemplo: **alguns dos meus discos sertanejos** (MO, pág. 16). Assim temos:

- alguns (posição 1);
- dos (posição 2);
- meus (posição 3);
- discos (posição 4);
- sertanejos (posição 5).

Outros exemplos da variável em foco podem ser apreciados através do Quadro 3, apresentado em seguida.

Quadro 3

EXEMPLOS DE POSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO SN¹⁰

POSIÇÃO	EXEMPLOS	INFORMANTE
1	minhas coisas (MS, pág. 1)	
1	piores crítica (MF, pág. 2)	
1	os cara (JB, pág. 43)	
1	meus programa preferido (ES, pág. 39)	
2	os professore (MZ, pág. 4)	
2	muitos jogos (JF, pág. 48)	
2	novas universidades (JN, pág. 12)	
2	os comerciantes (JN, pág. 12)	
3	desses jogos finais (JF, pág. 49)	
3	os principais objetivos (MO, pág. 14)	
3	todos os lugares (MO, pág. 15)	
3	os próprios pais (JB, pág. 45)	
4	aqueles peixe gostoso fritinho (MZ, p. 5)	
4	esses tipos de menores (MV, pág. 22)	
4	essas meninas muito corajosas (NL, pág. 34)	
5	as fantasias enfeitadas muito bonitas (MO, pág. 16)	
5	alguns dos meus discos sertanejos (MO, pág. 15)	

¹⁰ Neste momento, levamos em consideração apenas a distribuição física dos dados. Por sugestão da Profª Dra.

Ângela Rodrigues, pretendemos analisar, posteriormente, a configuração sintática dos SNs.

4.4.2.2. Classe Gramatical

As investigações lingüísticas relativas ao comportamento da variável Classe Gramatical, no sentido da influência sobre marcas de plural nos elementos do SN, foram realizadas por Cedergren (1973) e Poplack (1980a), apresentando resultados divergentes sobre a correlação dos determinantes, dos substantivos e dos adjetivos.

Segundo Scherre (1988 : 148), Cedergren (1973), ao analisar o Espanhol do Panamá, chega à conclusão de que, nos casos do - S morfema de plural, “os determinantes inibem a forma 0 (zero) e os substantivos e adjetivos favorecem-na”. Poplack (1980 a), investigando o Espanhol de Porto Rico conclui também que “os determinantes desfavorecem o cancelamento do - S plural, enquanto os adjetivos e substantivos favorecem-no”. (POPLACK, 1980; in SCHERRE 1988: 148).

A mesma pesquisadora salienta, ainda, que as diferenças entre as conclusões de Cedergren e Poplack são pequenas. Para Poplack, os adjetivos têm menos chances de receber a marca de plural que os substantivos, ao contrário dos resultados obtidos por Cedergren, em que os adjetivos têm mais chances de ser marcados que os substantivos.

No Brasil, o estudo sobre essa variável foi iniciado por Scherre (1988), evoluindo da subdivisão tríplice (determinantes, substantivos e adjetivos) até então estudada, para uma categorização detalhada com elevado grau de complexidade.

Neste trabalho, adotamos sete dos nove fatores utilizados por Scherre (1988). Deixamos de incluir o fator “adjetivo 2”, referente aos termos **determinado, mesmo e próprio**, porque os consideramos como adjetivo, de

acordo com o posicionamento adotado por Lemle (1984:150), apesar da classificação controvertida de outros autores. Além disso, não trabalhamos com o fator “categoria substantivada”, por não termos encontrado nenhum exemplo desse tipo no **corpus** analisado.

Assim sendo, a variável Classe Gramatical compreende sete fatores, a seguir relacionados:

- o elemento do SN é um substantivo. Exemplo: meus **programa** preferido(ES, pág. 39);
- o elemento do SN é um pronome de 3ª pessoa. Exemplo: todas **elas** (GC, pág. 30);
- o elemento do SN é um adjetivo. Exemplo: muitas fantasias **bonitas** (MO, pág. 16);
- o elemento do SN é um quantificador. Exemplo: **todas** as perguntas (RS, pág. 11);
- o elemento do SN é um possessivo. Exemplo: os meninos **meus** irmão (RC, pág. 51);
- o elemento do SN é um pronome indefinido. Exemplo: **alguns** dos outros (AG, pág. 7);
- o elemento do SN é um artigo ou um demonstrativo. Exemplo: **os** pagamento (JE, pág. 25); **essas** coisa (Al, pág. 46); **dessas** ótima pessoa (RC, pág. 24).

Outros exemplos concernentes ao estudo da Variável Classe Gramatical podem ser observados através do **Quadro 4**.

EXEMPLOS DE CLASSE GRAMATICAL DOS ELEMENTOS DO SN

CLASSE	EXEMPLOS	INFORMANTE
Substantivo	os médico (MS, pag. 1) nas suas casa (MS, pag. 1) nos otros bairro (AG, pag. 7)	
Adjetivo	muitas fantasias bonitas (MO, pag. 16) grandes cargos nas empresas (MO, pag. 16) as únicas pessoas (GC, pag. 31)	
Pronome pessoal de 3ª pessoa	eles mesmo (AG, pag. 7) eles todo (GM, pag. 34) todas elas (GC, pag. 30)	
Quantificador	todas as perguntas (RS, pag. 11) toda essa entidade (ML, pag. 19) todas famílias (MI, pag. 27)	
Possessivo	os nossos amigos (RS, pag. 10) seus filho (RS, pag. 10) os meninos meus irmão (RC, pag. 51)	
Indenifido	alguns dos otro (AG, pag. 7) uns cara (AG, pag. 6) umas casinha (MZ, pag. 4)	
Artigo demonstrativo	e os pagamento (JE, pag. 25) essas coisa (AL, pag. 46) dessas ótima pessoa (RC, pag. 24)	

4.4.2.3 - Marcas Precedentes

A variável Marcas Precedentes foi estudada por todos os pesquisadores que se propuseram a estudar o fenômeno lingüístico denominado concordância de número no SN.

Todavia, Scherre (1988) nos diz que, nos estudos anteriores realizados sobre o Português do Brasil, a variável Marcas Precedentes foi investigada de modo inadequado em BRAGA (1977, 30-9;70; SCHERRE, 1978, 74-112; PONTE, 1979, 80; 162-63; GUY, 1981 a 169-80), porque “as análises citadas apresentam explicações *ad hoc* e, inclusive, explicações diferentes para resultados, idênticos” (cf. SCHERRE, 1996: 105; in Padrões Sociolingüísticos).

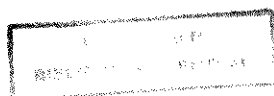
Na tentativa de buscar melhores resultados, Scherre (1988) propôs-se analisar a variável Marcas precedentes de modo semelhante a Poplack, a fim de mostrar que o português e o espanhol “apresentam mais semelhanças do que diferenças”.(cf. SCHERRE, 1996: 105; in Padrões Sociolingüísticos).

Nesta pesquisa, consideramos apenas quatro fatores para o estudo da variável Marcas precedentes, diferentemente de Scherre (1988) que trabalhou com nove fatores. Para melhor compreensão, apresentamos o dado sob análise em *itálico* e o contexto precedente, que é o fator condicionante, em **negrito**, de acordo com a descrição a seguir.

- o elemento anterior é pluralizável e tem a marca presente - **os** *cara* (JB, pág. 43);

- o elemento anterior é pluralizável, mas não tem a marca presente - **meu** *irmãos* (MF, pág. 3);

- o elemento anterior não é flexionável - As fantasias enfeitadas **muito** *bonita* (MO, pág. 16);



- o elemento anterior é um numeral - **doze** ano (MS, pág. 27).

4.4.3. Variável Contexto fonético/ fonológico seguinte

A expectativa a respeito da análise da Variável Contexto Fonético/Fonológico seguinte é a de que uma vogal seguinte aumente a chance de inserção de marca formal de plural no SN, uma vez que o fenômeno da elisão favorece a ligação entre a consoante final do item anterior com a vogal inicial da primeira sílaba do item seguinte, originando uma sílaba do padrão CV, que é uma tendência universal. De modo contrário, esperamos que uma consoante seguinte reduza a chance de inserção de marca formal de plural, pelo fato de não favorecer o fenômeno da elisão.

Em 1988, Scherre mostra que vários trabalhos já foram realizados a respeito do “cancelamento ou inserção do - S morfêmico”, e até do não morfêmico” (cf. pág. 242), evidenciando que a diferença, em termos de pesos relativos, entre o efeito da consoante e o da vogal não é relevante ou mesmo inexistente, conforme resultados colhidos por investigações levadas a efeito por CEDERGREN, 1973; POPLACK, 1980a; 1980b e 1981; BRAGA & SCHERRE, 1976; BRAGA, 1977; SCHERRE, 1979; GUY, 1981a. (cf. SCHERRE, 1988:242).

Decidimos, então, analisar essa variável utilizando apenas três fatores:

- quando o contexto fonético/fonológico seguinte iniciar por vogal - todas essas entidades (ML, pág. 19)
- quando o contexto fonético/fonológico seguinte iniciar por consoante - as crianças (VD, pág. 50).

- quando o contexto fonético/fonológico seguinte for uma pausa -
muitas fantasias bonitas... (MO, pág. 16).

4.5 - Variáveis extralingüísticas

Assim como as variáveis lingüísticas podem correlacionar-se com a oposição presença/ausência de marcas formais de plural no SN, a literatura registra que as variáveis extralingüísticas ou sociais também se correlacionam, porque como afirma DU BOIS (1985) a gramática, por construir-se em uma estrutura cognitiva, “é sensível às pressões de uso”, sendo, portanto, “passível de acomodações sob pressões de ordem comunicativa”(cf. DU BOIS, 1985; in NEVES, 1996: 35-36).

Desse modo, escolhemos três variáveis para efeito de análise, partindo do pressuposto de que elas se correlacionam com a CN no dialeto riobranquense, assim como têm se correlacionado com outros dialetos já estudados. As variáveis selecionadas são as seguintes:

- Variável Sexo;
- variável Escolarização;
- variável Grau de Formalismo;

4.5.1 - Variável Sexo

Segundo Trudgil (1974), na maioria das sociedades, a diferenciação lingüística no dialeto de homens e mulheres é muita pequena e, de modo geral, é aceita pelos grupos sociais.

Contudo, em outras comunidades, a fala masculina e a feminina apresentam variações perceptíveis a ponto de causar constrangimento caso as

variedades sexuais não sejam levadas em consideração no processo de interação social.

Geralmente, essas variações são mais evidentes nos aspectos fonéticos, fonológicos, lexicais e até mesmo nos gramaticais.

Trudgil (1974), ao discutir essa questão, apresenta não apenas vários exemplos dessas variedades sexuais, como também explica o motivo pelo qual elas ocorrem, chegando à constatação de que as mulheres são mais conservadoras do que os homens. Tal constatação resulta de pesquisas realizadas tanto em sociedades primitivas, como, por exemplo, a dos índios americanos Koasati, como em sociedades evoluídas, os falantes de língua inglesa.

No Brasil, as pesquisas realizadas sobre a variável sexo, no tocante à aplicação da regra de plural no SN, indicam que a oposição singular/plural não tem sido relevante. Mesmo assim, decidimos contrapor o desempenho lingüístico dos homens e das mulheres usuários do dialeto riobranquense, a fim de verificar qual a variedade sexual que mais se aproxima da norma culta.

Para tanto, trabalhamos com dois fatores:

- sexo masculino
- sexo feminino.

4.5.2 - Variável Grau de Escolarização

Temos conhecimento, através de estudos realizados por Scherre (1978/1988), que a variável Grau de Escolarização é de grande relevância para se correlacionar com o desempenho lingüístico do falante no que diz respeito à inserção ou não de marcas de plural no SN.

Desse modo, esperamos que o desempenho dos informantes tenha “uma relação diretamente proporcional entre o aumento dos anos de escolarização e o índice de plural nos Sns”. (cf. SCHERRE, 1988:445).

Por isso, decidimos controlar o desempenho do informante em relação ao grau de escolarização, a partir de três fatores:

- falantes analfabetos;
- falantes de 1ª à 4ª séries;
- falantes de 5ª à 8ª séries.

4.5.3 - Variável Grau de formalismo do discurso

Pretendíamos também controlar o grau de Formalismo do discurso, entretanto, o estudo sobre essa variável não pôde ser concretizado pelos motivos que passaremos a expor.

Conforme é do domínio dos pesquisadores da área de Língua, o controle sobre grau de formalidade da fala não é tarefa simples.

Como sabemos, Labov (1972a.) realizou um dos primeiros trabalhos a respeito da fala em contextos sociais diferentes, analisando o desempenho dos falantes no que diz respeito à presença ou ausência do /r/ no final de sílaba na língua inglesa de **Nova York**.

A fim de avaliar a variação fonológica da pronúncia no inglês, o linguista americano utilizou cinco tipos de contextos, tais como: a entrevista com o informante, a leitura de texto, a leitura de palavras, a leitura de pares mínimos e os trechos de conversa informal fora da entrevista.

Em 1975, Labov, reconhecendo, ainda, que há grande dificuldade em se obter a fala casual do informante, sugeriu a inclusão de mais uma técnica - O relato em situação de perigo, vivenciado pelo informante, com a finalidade de reduzir o famoso **paradoxo do observador**. Com isso, a expectativa é a de que o informante desvie a atenção para um assunto palpitante, em discussão,

envolvendo-se emocionalmente, esquecendo, dessa forma, o fato de que sua fala está sendo gravada.

Em Língua Portuguesa, há investigações lingüísticas sobre a influência do grau de formalidade do contexto, sendo Naro & Lemle (1977), que analisaram a variação em concordância verbal, os pioneiros nesse tipo de análise.

Depois, Braga (1977), Scherre (1978), Guy (1981a) e Scherre (1988) também incluíram a variável ora em discussão em seus trabalhos.

Esses pesquisadores, de modo geral, tiveram o cuidado de coletar a fala do informante, pelo menos de duas formas diferentes: na forma de entrevista de texto livre, bem como utilizando amostra de fala sem que o informante soubesse que estava sendo observado. O tempo de duração da coleta de dados também foi bem superior a uma hora de duração. Braga (1977: 29), por exemplo, coletou quatro horas e trinta minutos de cada informante.

Scherre (1988), por outro lado, trabalhou com apenas uma hora de gravação de seus informantes, optando pelo estudo da variável Formalidade, do ponto de vista lexical, tanto do substantivo, quanto do adjetivo, e não por partes da entrevista, justificando sua opção:

...não utilizamos os critérios de Labov para isolar a fala casual nas situações de entrevista, porque consideramos que as nossas entrevistas versam sobre assuntos corriqueiros e usuais, não nos fornecendo grandes possibilidades de delimitar com precisão mudanças de estilo. (Cf. SCHERRE, 1988:269)

Neste trabalho, conforme foi dito anteriormente, trabalhamos apenas com 20 minutos de cada entrevista, adotando, tal como fez Scherre (1988), um questionário voltado para assuntos do cotidiano que à época (1994) suscitavam, a nosso ver, maior interesse da comunidade (Plano Real, Copa do Mundo, Eleições/94, Religião, festas familiares, etc.). Das técnicas sugeridas por Labov (1975), utilizamos apenas a entrevista livre e o relato, pelo informante, em situação de perigo.

Todavia, durante o processo de levantamento dos dados, tivemos muita dificuldade em identificar, com precisão, as mudanças de estilo. Essa insegurança nos levou a abandonar a variável Grau de Formalismo, a fim de não comprometer o rigor científico que um trabalho dessa natureza requer.

Essa experiência, no entanto, foi importante para que tivéssemos clareza de que o estudo dessa variável não poderá lograr êxito com um tempo de entrevista tão restrito quanto o que utilizamos, como também com um só tipo de contexto.

5 - ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS

Como vimos em 4.3 e 4.4., trabalhamos com dez variáveis, sendo sete lingüísticas e três extralingüísticas. Entre essas variáveis, apenas duas (Marcas Precedentes e Contexto fonético/fonológico seguinte) não foram selecionadas como estatisticamente relevantes para a investigação lingüística sobre a concordância de número no SN, em nenhuma das rodadas do programa VARBRUL 2S que realizamos.

Nesta seção, consideramos a análise de cada variável, procurando explicar lingüisticamente os resultados obtidos. Ademais, estabelecemos, na medida do possível, comparações entre os dados desta pesquisa com os de outras realizadas sobre o mesmo fenômeno lingüístico.

5.1. Variável Saliência Fônica

Conforme foi previsto em 4.3.1 a variável Saliência Fônica foi analisada sob três dimensões, descritas a seguir:

- processos morfofonológicos de formação do plural;
- tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares;
- número de sílabas dos itens lexicais singulares.

A seguir, consideramos cada uma dessas dimensões.

5.1.1 - Dimensão Processos morfofonológicos de formação do plural

Os resultados obtidos em relação à dimensão Processos encontram-se na Tabela 1.

TABELA 1
PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS DE FORMAÇÃO DO PLURAL:
frequência , percentagem e peso relativo da regra de CN

PROCESSOS	Apl -/Total	%	PR
Duplo			
(ovo)			
(óvus)	9/10	= 90	.91
(animal)	19/49	= 39	.52
(animais)			
(melão)	31/41	= 76	.88
(melões)			
(pastor)			
(pastores)	51/75	= 68	.76
(mês)	90/170	= 53	.86
(meses)			
Regular			
(cadeira)	1.820/2.653	= 69	.45
(cadeiras)			
TOTAL	3001/2022	= 67	

INPUT .90

SIGNIFICANCE = .016

Esses resultados mostram que os itens terminados em /ÃO/ e os de plural metafônico exibem a mais forte correlação com a presença do morfema de plural. Os fatores relacionados ao plural dos termos terminados em /R/ e /S/, com o acréscimo de /ES/, evidenciam uma correlação também relevante com a diferença de .10 entre essas duas variantes. Os itens terminados em /L/, e os de plural regular apresentam uma correlação fraca com uma diferença de .07 a favor do primeiro.

Considerando a relação percentuais versus pesos relativos, percebemos que há uma discrepância no comportamento dos dados. Talvez isso se explique pelo reduzido número de células de alguns fatores.

No cômputo geral, os dados confirmam a hipótese formulada em relação à dimensão Processos, no sentido de que as formas mais salientes e, por essa razão, mais perceptíveis, obtêm os pesos relativos mais altos, enquanto que as formas menos salientes obtêm os mais baixos.

Observamos, entretanto, uma discrepância no comportamento dos dados: a variante concernente às formas terminadas em /L/ obtém peso relativo próximo ao dos itens de plural regular, fugindo da hierarquia prevista. Esperávamos que o resultado desse fator fosse igual ou aproximado ao do item referente às formas terminadas em /ÃO/, devido à semelhança existente entre os dois fatores, quanto aos mecanismos de formação do plural, conforme vimos em 3.1.

Dessa forma, podemos afirmar que, de modo geral, a taxa de concordância nominal de número no SN é considerada alta no dialeto riobranquense.

5.1.1.1. Relação entre Processos versus Grau de escolarização dos informantes

Temos conhecimento, através da literatura lingüística, de que o Grau de Escolarização é uma forte variável social para se correlacionar com a oposição presença/ausência do morfema de plural no SN. Por esse motivo, resolvemos cruzar essa variável com a dimensão Processos, cujos resultados estão dispostos na Tabela 2.

TABELA 2

RELAÇÃO ENTRE PROCESSOS VERSUS GRAU DE

ESCOLARIZAÇÃO: frequência e percentagem da aplicação da regra de

CN

PROCESSOS	TODOS	ANALFABETOS	1ª À 4ª	5ª À 8ª
	Freq. %	Freq. %	Freq. %	Freq. %
Duplo	<u>9</u> = 90	<u>1</u> = 50		<u>8</u> = 100
(ovo)	10	2	xxx	8
(óvulos)				
	<u>19</u> = 39	<u>6</u> = 26	<u>8</u> = 57	<u>5</u> = 42
(animal)	49	23	14	12
(animais)				
	<u>31</u> = 76	<u>3</u> = 30	<u>6</u> = 86	<u>22</u> = 92
(melão)	41	10	7	24
(melões)				
(pastor)	<u>52</u> = 66	<u>10</u> = 42	<u>15</u> = 75	<u>27</u> = 84
(pastores)	76	14	20	32
(mês)	<u>90</u> = 53	<u>22</u> = 29	<u>38</u> = 78	<u>30</u> = 68
(meses)	170	77	49	44
Regular	<u>1821</u> = 69	<u>607</u> = 60	<u>464</u> = 63	<u>750</u> = 82
(casa)	2655	1007	735	913
(casas)				

CHI-SQUARE FOR TOTALS = 30.911

SIGNIFICANCE = .000

Observando os percentuais relacionados aos falantes analfabetos, verificamos que o maior índice coube ao fator referente ao plural regular, contrariando a teoria de que os elementos mais salientes e conseqüentemente mais perceptíveis são os que têm mais propensão de receber a marca de plural. Em seguida, vem o plural metafônico com percentual neutro, mas com apenas duas ocorrências. Os demais fatores revelam resultados irrelevantes quanto à aplicação da regra de plural, pois obtêm índices percentuais muito abaixo de 50%.

No que concerne aos falantes de 1ª a 4ª séries, observamos que eles demonstram uma sensível elevação dos índices percentuais em relação aos dos obtidos pelo grupo dos falantes analfabetos nos itens terminados em /ÃO/, /R/ e /S/. Entretanto, o percentual do fator referente ao plural regular é semelhante nos dois subgrupos de falantes. De modo geral, a hierarquia do princípio da Saliência fônica foi mantida, levando em consideração que os índices mais altos foram obtidos pelos itens terminados em /ÃO/, /S/ e /R/. A exceção fica por conta da atuação do fator dos elementos terminados em /L/, com desempenho abaixo do previsto.

Os falantes de 5ª à 8ª séries, por sua vez, revelam percentuais mais próximos aos preconizados pela norma culta nos itens de plural duplo, bem como nos terminados em /ÃO/ e /R/. Nos itens terminados em /L/ e /S/, os índices estão um pouco abaixo dos obtidos pelo grupo de 1ª à 4ª série. Contudo, as maiores discrepâncias são verificadas com os itens de plural regular e os terminados em /L/. Os primeiros obtêm índice muito elevado, em se tratando de plural regular, e os últimos, muito baixo, numa configuração de distribuição invertida em relação ao princípio da Saliência fônica.

Pelo desempenho dos informantes, variando do analfabeto ao de 8ª série, percebemos com bastante clareza que os índices percentuais vão se

elevando à medida que se eleva também o grau de escolaridade. Isso comprova a hipótese de que quanto mais escolarizado for o falante, mais chance ele tem de aplicar a regra de concordância de número no SN.

5.1.1.2. Comparação com os resultados de outras pesquisas

A fim de atingir o segundo objetivo desta proposta de trabalho, resolvemos comparar os resultados obtidos com os de Braga (1977), Nina (1980) e Scherre (1988).

É oportuno salientar que a comparação com os dados de Ponte (1979) torna-se inviável, pelo fato de a autora ter adotado grupos de fatores diferentes dos que adotamos, o que dificultaria a análise dos resultados.

Ao realizar o cruzamento da variável Processos com o Grau de escolaridade dos falantes só obtivemos os percentuais, por isso, a comparação com outras pesquisas será efetuada somente através dessa medida estatística.

Observemos, portanto, a Tabela 3 em que estão distribuídos os resultados da dimensão Processos versus Grau de escolaridade, referente aos dados desta pesquisa com os de Braga (1977).

TABELA 3
PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS DE FORMAÇÃO DO PLURAL EM
RELAÇÃO AO GRAU DE ESCOLARIDADE: frequência, percentagem e peso
relativo da aplicação da regra de CN

FALANTES

PROCESSOS	ESTE TRABALHO	BRAGA (1977) ¹¹
	5ª À 8ª	5ª À 8ª
	Freq. %	Freq. %
Duplo	8/8 = 100	3/4 = 75
(ovo)		PR. .95
(óvus)		
(animal)	5/12 = 42	xxx ¹²
(animais)		
(melão)	22/24 = 92	11/51 = 21,6
(melões)		
		PR. .42
(pastor)	27/32 = 84	20/79 = 25,3
(pastores)		
		PR. .54
(mês)	30/44 = 68	5/145 = 3,5
(meses)		
		PR. .08
- Regular	750/913 = 82	1871/3326 = 56,2
(casa)		
(casas)		PR. .44

¹¹ Resultado referente à classe baixa em situação distensa.

¹² Fator computado com o fator /ÃO/. (cf. BRAGA, 1977: 62)

Como podemos constatar, os dados desta pesquisa em relação aos de Braga (1977) compartilham alguns resultados, mas diferem quanto ao comportamento de outros fatores. Há duas semelhanças no comportamento dos dados. A primeira refere-se aos itens de plural duplo que obtêm o maior índice percentual em ambos os trabalhos, embora o reduzido número de ocorrências (nas duas pesquisas) torne os resultados pouco confiáveis. A segunda ocorre com o plural regular que obteve percentual elevado nos dois trabalhos em detrimento de outros fatores, contrariando, dessa forma, a hierarquia do princípio da Saliência fônica.

De modo geral, cabe-nos observar que os falantes de nossa pesquisa são mais propensos à aplicação da regra de plural no SN do que os falantes mineiros, haja vista que os riobranquenses atingem percentuais elevados em quase todos os fatores, enquanto os mineiros atingem percentuais acima de 50% apenas em dois fatores. Além disso, nos demais fatores os percentuais obtidos pelos falantes mineiros é muito baixo.

A seguir, comparamos os dados com os de Scherre (1988) , a partir da Tabela 4.

TABELA 4

PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS DE FORMAÇÃO DO PLURAL EM
RELAÇÃO AO GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO: frequência, percentagem e peso
relativo da aplicação da regra de CN

PROCESSOS	ESTE TRABALHO		SCHERRE (1988: 86)	
	1ª À 4ª	5ª À 8ª	1ª À 4ª	5ª À 8ª
	Freq. %	Freq. %	Freq.%	Freq. %
Duplo	xxx	<u>8</u> = 100	<u>22</u> = 88	<u>24</u> = 92
(ovo)		8	25	26
(óvus)			PR. .84	PR. .88
(animal)	<u>8</u> = 57	<u>5</u> = 42	<u>21</u> = 70	<u>18</u> = 95
(animais)	14	12	30	19
			PR. .50	PR. .73
(melão)	<u>6</u> = 86	<u>22</u> = 92	<u>31</u> = 72	<u>61</u> = 84
(melões)	7	24	43	73
			PR. .39	PR. .32
(pastor)	<u>15</u> = 75	<u>27</u> = 84	<u>77</u> = 82	<u>74</u> = 89
(pastores)	20	32	94	83
			PR. .51	PR. .47
(mês)	<u>38</u> = 78	<u>30</u> = 68	<u>87</u> = 78	<u>68</u> = 83
(meses)	49	44	112	82
			PR. .48	PR. .27
Regular	<u>464</u> = 63	<u>750</u> = 82	<u>653</u> = 33	<u>992</u> = 53
(casa)	735	913	1990	1876
(casas)			PR. .24	PR. .24

No que tange à comparação com os dados de Scherre (1988), especificamente quanto aos falantes de 1ª à 4ª séries do 1º grau, temos a considerar que os resultados são aproximados no que se refere à formação do plural dos itens terminados em /ÃO/, /R/ e /S/.

Quanto às diferenças, observamos que:

1) os falantes de Scherre obtiveram índice elevado, referente ao plural dos itens terminados em /L/, enquanto os desta pesquisa apresentam desempenho inferior;

2) os falantes desta pesquisa não usaram o plural metafônico, ao passo que os de Scherre obtiveram percentual elevado nesse fator;

3) no que se refere ao plural regular, as hierarquias não se equivalem, já que nesta pesquisa o percentual é muito elevado em detrimento de outros fatores, mas nos dados de Scherre, esse mesmo fator atinge o último lugar na escala hierárquica.

Em relação aos falantes de 5ª à 8ª séries, as semelhanças ocorrem nos percentuais dos itens de plural duplo, /ÃO/ e /R/.

Por outro lado, as diferenças marcantes encontram-se nesta pesquisa, mostrando uma distribuição invertida dos itens de plural regular e das formas terminadas em /L/, o que não ocorre com os dados de Scherre.

Na Tabela 5, observemos a comparação com os dados de Nina (1979), apenas no que diz respeito aos falantes analfabetos.

TABELA 5
PROCESSOS MORFOFONOLÓGICOS DE FORMAÇÃO DO PLURAL EM
RELAÇÃO AO GRAU DE ESCOLARIDADE (FALANTES ANALFABETOS):
freqüência e percentagem de aplicação da regra de CN

PROCESSOS	ESTE TRABALHO		NINA (1980 : 103)	
	Freq.	%	Freq.	%
Duplo	<u>1</u> =			
(ovo)	2	50	<u>86</u> =	25,44
(óv <u>us</u>)			338	
(animal)	<u>6</u> =			
(anim <u>ais</u>)	23	26	xxx ¹³	
(melão)	<u>3</u> =		<u>0</u> =	0,00
(mel <u>ões</u>)	10	30	281	
(pastor)	<u>10</u>		<u>191</u> =	
(pastor <u>es</u>)	24	42	1138	16,78
(mês)	<u>22</u> =			
(mes <u>es</u>)	77	29	xxx ¹⁴	
Regular	<u>606</u> =		<u>648</u> =	
(casa)	1.005	60	2831	22,89
(cas <u>as</u>)				

¹³ Fator computado com o fator /ÃO/;

¹⁴ Fator computado com o fator /R/.

A comparação entre esses dados com os de Nina (1980) evidencia que, de modo geral, há semelhança no que diz respeito ao desempenho dos falantes analfabetos das duas pesquisas, considerando que os índices percentuais ficam muito abaixo de 50%.

Todavia, observamos as diferenças, abaixo, mencionadas:

a) nesta pesquisa, os falantes apresentam índices percentuais ligeiramente mais elevados, mas o desempenho lingüístico deles é considerado discrepante, tendo em vista que o maior índice percentual foi atribuído ao fator “plural regular”, o que significa uma inversão do princípio da Saliência fônica;

b) os falantes de Nina (1980), por sua vez, revelam maior índice percentual no fator plural metafônico, apesar de ser um índice muito abaixo de 50%. Além do mais, não foi detectada nenhuma ocorrência de concordância nos fatores /ÃO/ e /L/, como por exemplo, “dois milhão” e “seis casal”. (cf. NINA, 1980:103). Tal resultado chama atenção porque, como diz Scherre (1988:70):

Este fator é um dos mais altos na hierarquia até agora proposta, mesmo para os falantes semi-escolarizados cariocas e gaúchos”.(cf. SCHERRE, 1988:70).

Nina (1980) explica o baixo desempenho dos falantes analfabetos da região Bragantina (Pará) nos termos que seguem:

Talvez este fato se explique por ter-se um maior número de informantes analfabetos reais, isto é, que não tiveram quase nenhuma freqüência à escola e, talvez, por residirem em zona rural, não contataram, muitas vezes, com a classe média. (...) Talvez se possa dizer que os

analfabetos se encontram num estágio mais avançado de mudança lingüística do que os informantes cariocas, mineiros e gaúchos. (cf. NINA, 1980: 144/145).

Essa idéia de que a interação do falante com outros grupos sociais poderá ter reflexo no sentido positivo de aplicação do segmento de plural no SN é compartilhada por nós, conforme discutiremos em 6.2, analisando o resultado do cruzamento da variável Sexo com o Grau de escolarização dos falantes (Tabela 31).

Assim sendo, nos parece pertinente observar que a diferença a favor do desempenho dos falantes riobranquenses deve-se ao fato de eles residirem na zona urbana de Rio Branco, com participação ativa no mercado de trabalho. Por outro lado, os falantes da região Bragantina, no Pará, residem na zona rural e, por esse motivo, não têm oportunidade de interagir com falantes pertencentes a outros grupos sociais.

5.1.2 - Dimensão Tonicidade da sílaba dos itens lexicais singulares

Através da Tabela 6, podemos verificar os resultados da dimensão Tonicidade.

TABELA 6

TONICIDADE DA SÍLABA DOS ITENS LEXICAIS SINGULARES:
frequência , percentagem e peso relativo da aplicação da regra de CN

TONICIDADE	Apl-/Total	%	PR
monoss.	<u>858</u>	= 99	.64
Átono	869		
monoss.	<u>83</u>	= 46	.19
Tônico	181		
oxítono	<u>37</u>	= 46	.32
	81		
paroxítono	<u>1021</u>	= 57	.48
	1806		
proparoxítono	<u>23</u>		
	64	= 36	.41
TOTAL	2022/3001	= 67	

INPUT = .90

SIGNIFICANCE = .016

A tabela mostra que, por um lado, existe uma forte correlação do fator monossílabos átonos com a presença do morfema de plural e, por outro,

fraca correlação com os fatores paroxítonos e proparoxítonos. Já os monossílabos tônicos e os oxítonos obtêm valores muito abaixo de .50.

Além do mais, a relação entre índices percentuais e pesos relativos evidencia uma discrepância entre os resultados, refletindo, provavelmente, um problema de má distribuição dos dados ou até mesmo superposição de algumas variáveis.

Levando em consideração que os resultados da dimensão Tonicidade não correspondem à expectativa de que os fatores relacionados aos monossílabos tônicos e aos oxítonos deveriam ser os mais marcados, pelo fato de terem o acento na sílaba que deveria receber o morfema de plural, resolvemos realizar dois tipos de amálgamas, a fim de verificar qual o procedimento que levaria ao melhor resultado. No primeiro, amalgamamos os monossílabos tônicos com os oxítonos e no segundo, além desse tipo de amálgama, reunimos os paroxítonos e com os proparoxítonos num só fator, conforme mostram as Tabelas 7 e 8, respectivamente.

TABELA 7

AMÁLGAMA DOS FATORES MONOSSÍLABOS TÔNICOS COM OS
OXÍTONOS: peso relativo da aplicação da regra de CN

TONICIDADE	PR
Monos. Átono	.75
Monos. Tônico + oxítono	.22
Paroxítono	.42
Proparoxítono	.36
INPUT = .89	
SIGNIFICANCE = .015	

TABELA 8

AMÁLGAMA DOS FATORES MON. TÔNICOS COM OS OXÍTONOS E DOS
PAROXÍTONOS COM OS PROPAROXÍTONOS:
peso relativo da aplicação da regra de CN

TONICIDADE	PR
Monos. Átono	.75
Monos. Tônico + oxítono	.22
Paroxítono + proparoxítono	.45
INPUT = .89	
SIGNIFICANCE = .024	

Estabelecendo um paralelo entre os resultados das Tabelas 7 e 8, verificamos que:

- a) nas duas tabelas, o peso relativo dos monossílabos átonos foi alterado para mais (de .64 para .75);
- b) o amálgama dos monossílabos tônicos com os oxítonos não sofreu alteração na Tabela 8;
- c) o amálgama dos paroxítonos com os proparoxítonos também não foi alterado na Tabela 8.

Dessa maneira, concluímos que o amálgama das tabelas 7 e 8 não resolveu o problema no sentido de que o fator monossílabo átono se apresenta com o peso relativo mais alto e por esse motivo, gostaríamos de levantar duas questões que nos parecem estar, de certa forma, contribuindo para chegarmos a esses resultados:

- a) a amostra desta pesquisa é pequena, contando apenas com quatro informantes por célula;
- b) a análise isolada da variável Tonicidade parece não ser adequada para refletir a realidade lingüística dos fatos, visto que de 3.001 dados coletados, 869 são monossílabos átonos, o que corresponde a 28,95% do total de dados. Desse número, 858, ou seja 99%, são marcados.

Devemos levar em consideração, ainda, o fato de que os monossílabos átonos são todos antepostos ao núcleo, o que reforça, sobremaneira, a chance de eles serem marcados.

Por essa razão, resolvemos cruzar a variável Tonicidade com Posição e Classe, conforme mostram as Tabelas 9 e 10, respectivamente.

TABELA 9

TONICIDADE DOS ITENS LEXICAIS SINGULARES EM RELAÇÃO À
POSIÇÃO NO SN: frequência e percentagem da aplicação da regra de CN

POSIÇÃO	TONICIDADE									
	mon. átono		mon.ônico + oxítono		Paro- xítono		Pro- paro- xítono		Total	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
1	819 =	99	54 =	96	430 =	97	1 =	100	1304 =	99
	824		56		442		1		1323	
2 ¹⁵	39 =	87	66 =	32	591 =	43	22 =	35	718 =	43
	45		206		1364		63		1678	

CHI-SQUARE FOR TOTALS = 1921 .033
SIGNIFICANCE = .000

Com efeito, esse cruzamento nos leva a inferir que:

- 1) todos os fatores - monossílabos átonos, mon. tônicos + oxítonos, paroxítonos e proparoxítonos - exibem um percentual muito alto na primeira posição;
- 2) na segunda posição, apenas os monossílabos átonos obtêm percentual elevado, havendo uma sensível queda nos percentuais dos demais fatores.

15 Na variável Posição, foram amalgamados os fatores relativos às posições 2 + 3 + 4 + 5.

3) a dimensão Tonicidade sofre, como vimos, um inter-relacionamento com a variável Posição.

Observemos o comportamento dos dados de Tonicidade cruzados com a variável Classe gramatical, através da Tabela 10.

TABELA 10
TONICIDADE DA SÍLABA DOS ITENS LEXICAIS SINGULARES EM RELAÇÃO À CLASSE GRAMATICAL: frequência e percentagem da aplicação da regra de CN

CLASSE	TONICIDADE							
	mon. Átono		mon.ônico + oxítono		Paro- xítono		Pro- paro- xítono	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Substantivo	3/3 =	50	47/81 =	26	503/1218 =	41	18/54 =	33
Adjetivo	0/3 =	0	1/3 =	33	49/81 =	60	4/9 =	44
Determinante ¹⁶	850 =	99	72/78 =	92	448/480 =	93	xxx	0
	860							
Pronome	xxx		xxx		21/27 =	78	1/1 =	100
TOTAL	858	99	120/262 =	46	1021/1806	57	23/64 =	36
	869							

CHI-SQUARE FOR TOTALS = 9.320

SIGNIFICANCE = .004

16 Os determinantes foram amalgamados (artigos definidos + indefinidos + demonstrativos + possessivos + quantificadores).

Pelos resultados dessa tabela, podemos perceber que os determinantes em relação aos monossílabos tônicos e aos oxítonos (amalgamados) atingem um percentual bastante elevado nessa distribuição, porém semelhante aos fatores paroxítonos e proparoxítonos.

Os determinantes foram amalgamados (artigos definidos+indefinidos+demonstrativos+possessivos+quantificadores).

Desse modo, fica comprovado que a análise isolada da variável Tonicidade não reflete a realidade lingüística dos fatos. Parece-nos que há, nesse caso, uma superposição com as variáveis Posição e Classe.

Scherre (1988: 81-82), por sua vez, adverte-nos sobre essa questão, afirmando:

As diferenças entre as percentagens e as probabilidades ocorrem por haver forte interferência entre as variáveis Tonicidade, número de sílabas e relação dos elementos no SN¹⁷.

É oportuno salientar, finalmente, que o processo de comparação com os dados de Scherre (1988) torna-se inviável, dada a diferença no procedimento das amalgamações entre os dois trabalhos no que se refere à dimensão Tonicidade.

17 A variável "Relação dos elementos no SN", na pesquisa de Scherre (1988), engloba as variáveis Classe Gramatical e Posição dos elementos no SN.

5.1.3 - Dimensão Número de sílabas dos itens lexicais singulares

Os resultados da dimensão Número de sílabas podem ser visualizados através da Tabela 11.

TABELA 11

NÚMERO DE SÍLABAS DOS ITENS LEXICAIS SINGULARES: frequência, percentagem e peso relativo da regra de CN

Nº DE SÍLABAS	APL/TOTAL	%	PR
monossílabo	<u>989</u> 1113	= 89	.42
dissílabo	<u>675</u> 1126	= 60	.52
mais de duas sílabas	<u>358</u> 762	= 47	.60
TOTAL	2022/3001	= 67	
INPUT	= .90		
SIGNIFICANCE	= .016		

Os dados indicam que, em termos de pesos relativos, há coerência em relação à hipótese formulada, ou seja, os elementos com mais de duas sílabas têm mais chance de receber o morfema de plural que os dissílabos e os monossílabos. Assim sendo, os valores correspondem, em ordem decrescente, ao

fator com mais de duas sílabas, seguido dos fatores dissílabos e monossílabos. Contudo, a diferença entre os fatores “mais de duas sílabas” e “dissílabos” é irrelevante.

Ademais, observando a relação entre percentuais e pesos relativos, percebemos uma discrepância entre os valores.

Numa tentativa de buscar outras evidências sobre a atuação dessa dimensão, resolvemos cruzá-la com Classe Gramatical, o que mostra a Tabela 12.

TABELA 12
CRUZAMENTO DA VARIÁVEL NÚMERO DE SÍLABAS COM CLASSE
GRAMATICAL: frequência e percentagem da aplicação da regra de CN

CLASSE	Monos.	%	Diss.	%	+ de duas	%
Substantivo	29/139 =	21	256/655 =	39	286/665 =	43
Adjetivo	0/2 =	0	21/38 =	55	33/56 =	59
Determinante ¹⁸	959/971 =	99	378/407 =	93	38/40 =	95
Pronome	1/1 =	100	20/26 =	77	1/1 =	100
TOTAL	989/1113 =	89	675/1126 =	60	358/762 =	47
CHI-SQUARE FOR TOTALS		= 1354.154				
SIGNIFICANCE		= .000				

Através desses resultados, percebemos que o fator determinante é o que obtém percentuais mais altos, independente de número de sílabas do item

¹⁸ Os artigos foram amalgamados com os indefinidos, demonstrativos, possessivos, quantificadores.

lexical singular. Em termos hierárquicos, o segundo fator que obtém percentual elevado é o que se refere aos pronomes, relacionados apenas aos dissílabos. Os adjetivos atingem valores um pouco acima de 50%. Os substantivos, por seu turno, relacionados com os monossílabos, dissílabos e os de mais duas sílabas apresentam desempenho abaixo de 50%.

Mais uma vez vale lembrar a questão de que os determinantes, em sua maioria monossílabos átonos, são marcados pelo fato de estarem antepostos ao núcleo e não porque sejam monossílabos átonos.

Convém, ainda, cruzar Número de sílabas com Posição, a fim de verificarmos o comportamento dos dados, o que pode ser observado através da Tabela 13.

TABELA 13

CRUZAMENTO DA VARIÁVEL NÚMERO DE SÍLABAS COM POSIÇÃO DO ELEMENTO NO SN: frequência e percentagem da aplicação da regra de CN

POSIÇÃO	Monos.	%	Diss.	%	+ de duas	%
1	904/911	99	352/361 =	98	48/51 =	94
2	85/202 =	42	323/765 =	42	310/711 =	44
T	989/1113 =	89	675/1126 =	60	358/762 =	47

CHI-SQUARE FOR TOTALS = 1142.240

SIGNIFICANCE = .000

O cruzamento entre as variáveis Posição e Número de sílabas do item lexical singular, nos leva à constatação de que na primeira posição os fatores monossílabos, dissílabos e os de mais de duas sílabas são altamente marcados, o que não ocorre com os que se encontram na segunda posição. Esse resultado

demonstra, assim como o da Tabela 12, que há forte inter-relação entre as variáveis Número de sílabas, Classe e Posição.

5.1.3.1. Comparação com os dados de Scherre (1988)

A fim de comparar esses resultados com os de Scherre (1988), apresentamos a Tabela 14.

TABELA 14
NÚMERO DE SÍLABAS DOS ITENS LEXICAIS SINGULARES
COMPARAÇÃO COM OS DADOS DE SCHERRE (1988:51): percentagem e
peso relativo da aplicação da regra de CN

NÚMERO DE SÍLABAS	ESTE TRABALHO		SCHERRE (1988: 51)	
	%	PR	%	PR
monossílabo	89	.42	95	.48
dissílabo	60	.52	64	.51
+ de duas sílabas	47	.60	58	.51

A comparação entre os dados das duas pesquisas indica que

1) em termos percentuais, obtivemos não apenas a mesma hierarquia, como também valores análogos aos de Scherre (1988);

2) em relação aos pesos relativos, os dados desta pesquisa comportam-se de modo hierárquico, de acordo com a hipótese formulada, com a ressalva de que a diferença entre os fatores é irrelevante;

3) os resultados das duas pesquisas são semelhantes, considerando que a diferença entre os fatores é muito pequena.

5.1.3.2 Tentativa de explicação lingüística/funcionalista para o comportamento dos dados

Do ponto de vista lingüístico, o comportamento dos dados concernentes à variável Saliência fônica nas dimensões Processos, Tonicidade e Número de sílabas dos itens lexicais singulares pode ser explicado da seguinte maneira:

- na dimensão Processos, os dados têm desempenho coerente com a hipótese formulada, ou seja, as formas mais salientes e, por esse motivo, mais perceptíveis obtêm os pesos relativos mais altos, respeitando obviamente a hierarquia prevista, com exceção apenas do fator dos elementos terminados em /L/. Em sentido contrário, as formas menos salientes obtêm o peso relativo mais baixo.

- nas dimensões Tonicidade e Número de sílabas, o princípio da Saliência Fônica parece sofrer o efeito da variável Posição, tendo em vista que (1) através do cruzamento de Tonicidade e Posição, conforme mostra a Tabela 9, todos os fatores exibem percentuais próximos a 100% na primeira posição, enquanto que na segunda, apenas os monossílabos átonos são muito marcados pelo fato de ocuparem sempre posição antes do núcleo do SN, ocorrendo uma queda acentuada nos demais fatores;

(2) por meio do cruzamento de Número de sílabas e Posição, como podemos conferir na Tabela 13, todos os fatores são altamente marcados na primeira posição, cujos percentuais variam de 94 a 99%, mas na segunda posição esses mesmos fatores sofrem um declínio bastante acentuado.

Do ponto de vista do Funcionalismo lingüístico, vimos que há uma busca pela interação dos fatores internos com os externos ao sistema lingüístico.

Neves (1996:36) conclui que esta posição intermediária entre as forças internas e as externas, atuando não apenas dentro de uma mesma língua, mas também entre diversas línguas, está ligada a

*uma aceitação da variabilidade da língua no espaço e no tempo, isto é, à concepção fundamental no estudo do **uso** lingüístico - de que as línguas têm um caráter dinâmico.*

Em se tratando de concordância nominal de número, os gramáticos estabelecem que todos os elementos flexionáveis do SN concordem com o termo ao qual se referem. Contudo, no momento da produção lingüística, essa regra entrou em competição com os fatores externos, no caso com o Grau de escolaridade, com o Sexo e com outros que não foram controlados, resultando “nas diversas maneiras de dizer a mesma coisa com o mesmo valor de verdade”.(cf.TARALLO, 1986:88).

Assim sendo, o falante, tendo em vista as pressões de uso que atuaram sobre seu desempenho, fez a sua escolha de modo que fosse preservada a “competência comunicativa” na veiculação da mensagem.

Objetivando, pois, satisfazer suas necessidades de comunicação, era de interesse do informante riobranquense veicular a marca de plural no SN, o que foi feito, pelo menos, em um dos elementos.

5.2 - Três variáveis relacionadas: Posição linear, Classe gramatical e Marcas precedentes

5.2.1 - Posição linear dos elementos no SN

A seguir, apresentamos a Tabela 15, em que constam os resultados sobre a variável Posição linear dos elementos no SN.

TABELA 15

POSIÇÃO LINEAR DOS ELEMENTOS NO SN: frequência, percentagem e peso relativo da aplicação da regra de CN

POSIÇÃO	APL.	%	PR.
Primeira	$\frac{1304}{1323} =$	99.	.83
Segunda	$\frac{606}{1432} =$	42.	.22
Terceira	$\frac{95}{212} =$	45.	.21
Quarta	$\frac{13}{27} =$	48.	.27
Quinta	$\frac{4}{7} =$	57.	.20
Total	$\frac{2022}{3001}$	67	
INPUT	$= .90$		
SIGNIFICANCE	$= .016$		

Pelos resultados evidenciados nessa tabela, depreendemos que a primeira posição é quase categórica no sentido positivo de aplicação da regra,

uma vez que de 1.323 ocorrências, 1.304 são marcadas, obtendo um percentual altíssimo e, conseqüentemente, o mais alto peso relativo. Percebemos também que da primeira para a segunda posição há um distanciamento muito acentuado.

Além disso, verificamos que da segunda até a quinta posição os pesos relativos são muito baixos, como também a diferença entre eles é irrelevante. Isso nos leva a inferir que nessas posições há correlação negativa em relação à inserção do segmento de plural no SN. Em decorrência da semelhança dos pesos relativos nessas posições, resolvemos amalgamá-los, conforme mostra a Tabela 16, a seguir.

TABELA 16

AMÁLGAMA DAS POSIÇÕES 2, 3, 4 e 5: freqüência, percentagem e peso relativo da aplicação da regra de CN

POSIÇÃO	APL/TOTAL	%	PR
1	1304/1323 =	99	.82
2	718/1678 =	43	.23
INPUT	= .89		
SIGNIFICANCE	= .015		

Esse procedimento de amálgama é considerado clássico na Sociolinguística Quantitativa, porque os resultados revelam não apenas compatibilidade lingüística, mas também estatística, considerando-se que o peso relativo resultante do processo de amálgama é quase igual ao dos fatores anteriores (PR da segunda à quinta posição). Além do mais, vale reafirmar que a diferença entre a primeira e a segunda posição é muito acentuada.

Assim sendo, os resultados obtidos convalidam a conclusão de que somente a primeira posição exerce correlação positiva com a inserção de marcas de plural no SN, estabelecendo-se uma forte oposição entre os valores da primeira com os da segunda posição.

Essa conclusão a que chegamos ratifica os resultados obtidos pelos pesquisadores que nos antecederam. Vejamos, portanto, o depoimento deles.

Braga (1977) afirma que as classes sociais média e baixa

apresentam a probabilidade mais elevada de aplicação da regra estudada na posição 0, abaixando-a, progressivamente, nas distâncias 1 e 3. (cf. BRAGA, 1977:59)

Scherre (1978), por sua vez, nos diz que a primeira posição SN

é a que mais favorece a inserção de marca de plural... Em ambos¹⁹ os grupos estudados, há também uma queda considerável entre os números probabilísticos da posição zero (primeiro elemento) e posição um (segundo elemento). (cf. SCHERRE, 1978:84)

¹⁹ Grupos escolarizado e semi-escolarizado.

Ponte (1979), obtém resultados semelhantes aos de Scherre (1978), no sentido de que a primeira posição é a que mais favorece a inserção de marcas de plural, verificando uma acentuada distância da posição 0 (.98) para a posição 1 (.48) e daí para as posições 2, 3 e 4, amalgamadas, (.25) há um declínio no comportamento dos dados. Observa, ainda, que em virtude de ter detectado apenas um dado na quarta posição não foi possível retirar conclusão sobre esse fator. (Cf. PONTE, 1979:160/161)

Nina (1980), por seu turno, demonstra através dos dados que há uma sensível queda da posição 0 (92,62%) para a posição 1 (22,23%). Observemos, ainda, a conclusão da autora:

os resultados da análise apontaram que a flexão de número dá-se mais provavelmente nos primeiros elementos do sintagma nominal, sendo que as posições zero e um são as que mais favorecem a aplicação da regra de concordância de número, enquanto as demais posições inibem a concordância. (cf. NINA, 1980:104).

Scherre (1988), reanalisando a variável Posição, mostra que a primeira posição é fortemente marcada e que há um distanciamento da primeira para a segunda posição.

Além disso, a mesma autora sintetiza o pensamento de outros autores a respeito da variável em estudo da forma a seguir.

Todos os pesquisadores envolvidos concluem que a variável Posição é a mais importante de todas, no sentido de exercer influência polarizada e uniforme

sobre a regra de concordância de número entre os elementos do SN em Português. (cf. SCHERRE, 1988:147)

Ela nos diz, ainda, que os mesmos pesquisadores explicam que esse condicionamento ocorre em função do fenômeno da redundância de marcas de plural, que é uma característica da Língua Portuguesa, tendo em vista que apenas uma marca formal ou semântica de plural é suficiente para garantir a informação.

Mas as observações de Scherre (1988) não páram aqui. Ao término de uma complexa e criteriosa análise em que interrelaciona as variáveis Posição linear, Classe Gramatical e Marcas Precedentes, a linguista reafirma que a variável posição geralmente apresenta resultados semelhantes, salientando que nas pesquisas realizadas há dois tipos de comportamento dos dados. No primeiro tipo, os dados apresentam “uma linha decrescente em termos de desfavorecimento da concordância, a partir da primeira posição” (pág. 239). No segundo, os pesquisadores “detectaram uma elevação da concordância na quarta posição” (pág. 239).

É exatamente para o segundo tipo de comportamento dos dados que Scherre (1988) apresenta um desafio aos futuros pesquisadores que se depararem com essa situação. Vejamos, então:

É possível levantar a hipótese de que, nas análises que detectaram a tendência à elevação da probabilidade na quarta posição, os Sns em jogo terminassem em substantivos ou tivessem o seu último elemento precedido de elementos anteriores marcados. (cf. SCHERRE, 1988:239).

Apesar dessa importância que os pesquisadores têm imputado à variável Posição, Scherre (1988:240) adverte que

a variável Posição isolada das Marcas Precedentes e da Classe Gramatical não dá conta do fenômeno lingüístico em estudo na sua totalidade.

Para a lingüista, portanto, a análise mais adequada para o fenômeno em estudo é a que considera as três variáveis (Posição, Marcas e Classe Gramatical) transformadas em duas: (1) Marcas precedentes em função da posição e (2) Relação entre elementos nucleares e não nucleares e posição dos elementos nucleares dentro do SN.

Embora estivéssemos a par dessa advertência, trabalhamos de forma diferenciada, principalmente pelo fato de a variável Marcas precedentes não ter sido considerada como estatisticamente relevante. Além disso, não trabalhamos com SNs do tipo “um grupo de crianças abandonadas”, “uma série de outras coisas” e “uma porção de carro” pela escassez de ocorrências no *corpus*.

Assim sendo, na medida do possível, estabelecemos cruzamento da variável Posição com outras, conforme já o fizemos quando analisamos Tonicidade e Número de Sílabas.

5.2.2 - Classe gramatical

Observemos, a seguir, os resultados da variável Classe gramatical, através da Tabela 17.

TABELA 17
CLASSE GRAMATICAL DOS ELEMENTOS DO SN: freqüência, percentagem e peso relativo da aplicação da regra de CN

CLASSE	APL/TOTAL	%	PR
Substantivo	571/1459 =	39	.18
Adjetivo	54/96 =	56	.28
Pronome	22/28=	79	.62
Quantificador	57/60 =	95	.82
Artigo indefinido	208/227 =	92	.48
Artigo/demonstrativo	1016/1025 =	99	.88
Possessivo	94/106 =	89	.85
Total	2022/3001 =	67	

INPUT .90

INSIGNIFICANCE = .016

Os dados atinentes à Classe gramatical revelam, de modo geral, que há semelhança entre os pesos relativos relacionados aos determinantes, cujos valores estão acima de .80, com exceção apenas dos artigos indefinidos que apresentam resultado muito abaixo. Os pronomes, por sua vez, mostram valores significativos. Já os nomes (substantivos e adjetivos) são os que apresentam pesos relativos bastante irrelevantes, apresentando correlação negativa com a inserção de marcas de plural no SN.

Considerando os resultados dos determinantes em termos de pesos relativos, resolvemos amalgamá-los, conforme mostra a Tabela 18, a seguir.

TABELA 18

AMÁLGAMA DE CLASSE GRAMATICAL: frequência, percentagem e peso relativo da aplicação da regra de CN

CLASSE	FREQ/TOTAL %	PR	PR AMALGAMADO
Quantificador	57/60 = 95	.82	
Artigo Indefinido	208/227 = 92	.48	
Artigo/demonstrativo	1016/1025 = 99	.88	
Possessivo	94/106 = 89	<u>.85</u>	.78
Substantivo	571/1459 = 39	.22	.22
Adjetivo	54/96 = 56	.34	.34
Pronome	22/28 = 79	.79	.79
INPUT	.89		
INSIGNIFICANCE = .015			

O resultado desse amálgama mostra que o comportamento dos determinantes baixou, no cômputo geral, permanecendo, ainda, com o peso relativo mais alto, semelhante apenas aos pronomes.

Examinemos, agora, o comportamento dos dados em função da posição que ocupam no SN, através da Tabela 19, lembrando que foram amalgamados não só os determinantes, como também as posições segunda, terceira, quarta e quinta em uma só.

TABELA 19

DISTRIBUIÇÃO DE CLASSE GRAMATICAL EM FUNÇÃO DA POSIÇÃO DOS ELEMENTOS NO SN: frequência, percentagem e peso relativo da aplicação da regra de CN

CLASSE	P O S I Ç Ã O					
	Primeira		Segunda		TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%
Substantivo	17/20 =	85	554/1439 =	38	571/1459 =	39
Adjetivo	11/12 =	92	43/84 =	51	54/96 =	56
Pronome	10/10 =	100	12/18 =	67	22/28 =	79
Determinante	1266/1281 =	99	109/137 =	80	1375/1418 =	97
Total	1304/1323	99	718/1678 =	43	2022/3001 =	67

CHI-SQUARE FOR TOTALS = 2350.220

SIGNIFICANCE = .000

Verificamos nessa tabela que todas as classes gramaticais atingem percentuais elevados na primeira posição. Em termos hierárquicos, os valores mais altos são exibidos pelos pronomes (com reduzido número de ocorrências) e pelos determinantes que são quase categoricamente marcados no sentido positivo de aplicação da regra. Os primeiros apresentam um declínio considerável na segunda posição, ao passo que nos segundos a queda é de apenas .19.

Os substantivos e os adjetivos, que também são muito marcados na primeira posição, apresentam uma brusca queda na segunda. Comparando o

desempenho dos substantivos em relação ao dos adjetivos, verificamos que estes apresentam uma ligeira chance de serem mais marcados que aqueles, tanto na primeira, quanto na segunda posição.

Apesar de não termos realizado a análise das variáveis Classe e Posição sob a perspectiva não atomística como fez Scherre (1988), os resultados da tabulação cruzada recém comentada nos levam a inferir que há interdependência entre as duas variáveis. Cumpre lembrar, ainda, que embora as duas variáveis tenham sido selecionadas como relevantes pelo VARBRUL, Classe o foi em primeiro lugar e Posição em terceiro.

A seguir, tentaremos, na medida do possível, comparar os resultados deste trabalho com os de Scherre (1988), apenas no que se refere aos falantes adultos pesquisados pela autora. Observemos, para tanto, os dados das tabelas 20 e 21.

TABELA 20

CRUZAMENTO DE POSIÇÃO E CLASSE GRAMATICAL

NESTE TRABALHO: frequência e percentagem da aplicação da regra de CN

CLASSE	PRIMEIRA POSIÇÃO %	SEGUNDA POSIÇÃO %	TERCEIRA POSIÇÃO %
Determinante	1266/1281 = 99	109/137 = 80	xxx
Substantivo	17/20 = 85	554/1439 = 38	xxx
Adjetivo	11/12 = 92	43/84 = 51	xxx
CHI-SQUARE FOR TOTALS = 2350.220			
SIGNIFICANCE = .000			

TABELA 21

CRUZAMENTO DE POSIÇÃO E CLASSE GRAMATICAL EM TODOS OS DADOS DOS FALANTES ADULTOS DE SCHERRE (1988:158): frequência e percentagem da regra de CN

CLASSE	PRIMEIRA POSIÇÃO %	SEGUNDA POSIÇÃO %	TERCEIRA POSIÇÃO %
Determinante	3692/3792 = 97	120/123 =96	0/1 = 0
Substantivo	153/161 = 95	2277/5196=53	317/514 = 62
Adjetivo	47/48 = 98	125/163 =77	125/307 = 41

A comparação desses resultados reflete uma situação análoga nas duas pesquisas, uma vez que

a) os determinantes são quase categoricamente marcados nas duas posições na pesquisa de Scherre (1988). Nesta pesquisa, esse resultado é compartilhado apenas na primeira posição. Na segunda, obtivemos percentual elevado, mas com uma diferença significativa (.19) em relação aos dados da primeira;

b) os substantivos são altamente marcados na primeira posição, com uma queda significativa na segunda nos dois trabalhos;

c) os adjetivos, por sua vez, apresentam percentuais um pouco mais elevados que os substantivos na primeira e na segunda posições nas duas pesquisas. Entretanto, neste trabalho, o declínio da primeira para a segunda posição é maior que nos dados de Scherre (1988).

5.2.3 - Variável Marcas precedentes

A investigação sobre a variável Marcas precedentes consta de quatro fatores, conforme Tabela 22.

TABELA 22

MARCAS PRECEDENTES: frequência, percentagem e peso da aplicação da regra de CN

FATORES	APL/TOTAL	%	PR
Elem. ant. pluralizável com marca presente.			
Ex: minhas coisa (MS, pág. 1)	641/1418 =	45	.51
Elem. ant. pluralizável sem marca presente.			
Ex: meu irmãos (MF, pág. 3)	47/85 =	55	.36
Elem. ant. não flexionável.			
Ex: as fantasias... muito bonitas (MO, pág. 16)	3/8 =	38	.31
Elem ant. numeral			
Ex: doze anos (MC, pág. 43)	61/169 =	36	.52
INPUT = .90			

Os resultados da variável Marcas precedentes indicam que ela não se correlaciona com a inserção de marcas formais de plural no SN.

Todavia, os dois pesos relativos mais elevados e, por sinal, similares referem-se ao fator que apresenta marca formal de plural no elemento anterior, como também ao que contém numeral no termo antecedente. Os outros dois fatores evidenciam pesos relativos também análogos, porém muito abaixo de .50.

Diante desse quadro comparativo entre os quatro fatores, talvez a única inferência que se possa fazer é a de que há indícios de que se o elemento anterior for marcado ou tiver a presença do numeral, há mais chance de a marca de plural se repetir no elemento seguinte.

Talvez a escolha dos fatores para o estudo da variável ora investigada não tenha sido adequada, considerando “que o efeito da variável Marcas precedentes é regular, podendo ser interpretado de maneira bastante uniforme, com poucas explicações *ad hoc*.” (cf. SCHERRE:1996; in Padrões Sociolingüísticos).

É importante lembrar, ainda, que as conclusões obtidas por Scherre (1988), devem-se à transformação das variáveis Posição, Marcas e Classe em apenas duas:

- 1) Marcas Precedentes em função da posição e
- 2) Relação entre elementos nucleares e não nucleares e posição dos elementos nucleares dentro do SN. (cf. SCHERRE, 1988:240).

Particularmente sobre a variável em pauta, Scherre (1988:278) conclui que ela exerce correlação positiva com a presença de plural no SN em função da posição.

Essa conclusão nos leva a proceder, também, ao cruzamento de Marcas e Posição, conforme podemos conferir na Tabela 23.

TABELA 23
CRUZAMENTO DE MARCAS PRECEDENTES COM A POSIÇÃO
DOS ELEMENTOS NO SN: frequência e percentagem da aplicação da regra de
CN

FATORES	P O S I Ç Ã O					
	Primeira		Segunda		TOTAL	
	Freq.	%	Freq.	%	Freq.	%

Elem. ant. pluralizável
com marca presente. 31/32 = 97 610/1386 = 44 641/1418 = 45

Elem. ant. pluralizável
sem marca presente 24/25 = 96 23/60 = 38 47/85 = 55

Elem. ant. não
flexionável 1/1 = 100 2/7 = 29 3/8 = 38

Elem. ant. numeral 3/3 = 100 58/166 = 35 61/169 = 36

CHI-SQUARE FOR TOTALS	=	172.571
SIGNIFICANCE	=	.000

Através dos resultados estatísticos, podemos constatar que a variável Posição exerce seu efeito sobre Marcas precedentes, visto que todos os percentuais na primeira posição são quase categoricamente marcados, embora tenhamos reduzidíssimo número de ocorrências em dois fatores (elemento

anterior não flexionável e numeral). Percebemos, ainda, que há uma significativa diferença, para menos, nos percentuais da segunda em relação à primeira posição.

Desse modo, concordamos com Scherre (1988):240) que a variável Marcas Precedentes sofre o efeito da variável Posição.

5.2.4 - Refletindo sobre o cruzamento da variável Posição com outras variáveis

O Funcionalismo está preocupado com a interdependência entre ordem e significado. Nas primeiras décadas deste século, Mathesius (1939; in FIRBAS, 1987) investiga as inter-relações entre posição, por um lado, e tema e rema, por outro. Essa mesma inter-relação faz parte das diversas abordagens funcionalistas. Halliday (1985), por exemplo, defende a íntima inter-relação entre posição e status temático, propondo que o tema seja identificado a partir de critérios posicionais. Dik (1989), por sua vez, busca apoio em critérios posicionais, ao abordar a caracterização das funções pragmáticas, *theme and tail*.

Fizemos essa rápida abordagem, a fim de mostrar a relevância da Posição nos estudos funcionalistas, mas nossas considerações serão sob outro ângulo, conforme veremos a seguir.

De acordo com a Tabela 15, a primeira posição é quase categoricamente marcada, em termos percentuais, no sentido positivo de aplicação da regra de CN, atingindo também o PR mais elevado.

Além do mais, a variável em discussão parece estender seu efeito às variáveis Tonicidade, Número de sílabas, Classe gramatical e Marcas precedentes como constatamos por meio da análise das Tabelas 9, 13, 19 e 23, respectivamente, cujos resultados, em termos percentuais, são os seguintes:

(1) os fatores monossílabos átonos, monossílabos tônicos+oxítonos, paroxítonos e os proparoxítonos são quase categoricamente marcados na **primeira posição** (99%, 96%, 97% e 100%, respectivamente);

(2) os fatores monossílabos, dissílabos e os de mais de duas sílabas são altamente marcados na primeira posição (99%, 98% e 94%, respectivamente);

(3) todas as classes gramaticais são muito marcadas na primeira posição (substantivo 85%; adjetivo 92%; pronome 100%; determinantes 99% (quantificadores, artigos definidos e indefinidos, demonstrativos e possessivos).

(4) todos os fatores da variável Marcas precedentes exibem percentuais muito elevados na primeira posição, variando de 96 a 100%.

Com relação ao desempenho desses fatores na **segunda posição**, temos a considerar que:

(1) na variável Tonicidade, todos os fatores atingem percentuais abaixo de 36%, excetuando-se os monossílabos átonos que, ainda, exibem percentual elevado, porque são usados antes do núcleo do SN como, por exemplo, todos os caminhos (MO, pag. 15) ;

(2) na variável Número de sílabas, todos os fatores apresentam uma queda acentuada, atingindo valores em torno de 40%;

(3) na variável Classe gramatical, os fatores comportam-se de modo diversificado, senão vejamos: Determinantes 80%; Pronomes 67%; Substantivos 38%.

(4) na variável Marcas precedentes, todos os fatores exibem percentuais abaixo de 45%.

Outra relevância no que diz respeito à variável Posicional foi obtida por Rodrigues (1997:), estudando a Concordância verbal de terceira pessoa plural, utilizando o mesmo *corpus* com o qual trabalhamos. Segundo a autora,

(1) Os falantes de Rio Branco aplicam mais a regra de CV nos segmentos linguísticos em que o sujeito se coloca antes do verbo com o qual se relaciona. Contudo, a CV aumenta mais ainda se o sujeito ocupa posição imediatamente antes do verbo:

(2) As correlações de CV são mais difíceis quando se trata de sujeito em posição pós-verbal.

Ademais, Scherre (1988:516-517) conclui que os

SNs que se encontram à esquerda da oração tendem a ser mais marcados do que os que se encontram à direita ou em posição neutra²⁰.

Face ao considerado acima, levantamos a hipótese de que a marca formal de plural ocorre no primeiro elemento, devido a uma relevância processual, ou seja, é provável que o primeiro elemento seja mais relevante para veicular a informação do plural

²⁰ Scherre (1988) chegou a essa conclusão, analisando a variável Localização do SN com três fatores, sob a perspectiva não atomística, cujos resultados de aplicação da regra de CN são os seguintes: (TABELA 6.3.3.5):

SOBRE A LOCALIZAÇÃO DO SN

LOCALIZAÇÃO	Apl./Total		%
À esquerda da oração	112/178	=	63
À direita da oração	349/712	=	49
Indistinta	23/58	=	40

Exemplos:

À esquerda - **As outras** pessoa taca garrafa. (Sam 01, mp, 18 a).

À direita - Pelé teve **seus momento** bão. (Car 19, mg, 20 a). (cf. SCHERRE, 1988:323).

5.3 - Variável Contexto fonético/fonológico seguinte

Ao realizarmos o estudo sobre a variável Contexto fonético/fonológico seguinte, nós o fizemos levando em consideração a correlação da consoante, da vogal e da pausa com a presença/ausência do morfema de plural no SN, conforme resultados constantes da Tabela 24.

TABELA 24
CONTEXTO FONÉTICO/FONOLÓGICO SEGUINTE: frequência, percentagem e peso relativo da aplicação da regra de plural na CN

FATORES	APL/TOTAL	%	PR
Consoante	1505/2095 =	72	.49
Vogal	380/586 =	65	.53
Pausa	135/317 =	43	.49
INPUT	= .90		

Esses dados demonstram que a variável ora analisada não se correlaciona positivamente com a oposição presença/ausência de marca de plural no SN, uma vez que os pesos relativos atribuídos aos três fatores estão muito próximos de .50.

Isso vem justificar o porquê de a variável Contexto fonético/fonológico seguinte não ter sido selecionada como estatisticamente relevante para o estudo da concordância de número no SN.

É importante, ainda, estabelecermos um paralelo sobre o comportamento dos dados desta pesquisa em relação aos de Scherre (1988), conforme mostra a Tabela 25.

TABELA 25

**COMPARAÇÃO DA VARIÁVEL CONTEXTO FONÉTICO FONOLÓGICO
SEGUINTE EM RELAÇÃO AOS DADOS DE
SCHERRE (1988): peso relativo da aplicação da regra CN**

FATORES	ESTE TRABALHO	SCHERRE (1988: 250)
	Todos	Falantes adultos
Consoante	.49	0,44
Vogal	.53	0,49
Pausa	.49	0,57

Conforme verificamos, no dialeto riobranquense, inexistente a correlação entre Contexto fonético/fonológico seguinte, referente à oposição singular/plural entre os elementos do SN, enquanto nos dados de Scherre a diferença entre o efeito da consoante e o da vogal é irrelevante, ocorrendo uma ligeira elevação no peso relativo concernente à pausa.

Assim sendo, podemos afirmar que há semelhança quanto aos resultados da variável em foco nas duas pesquisas.

Scherre (1988) também chegou à conclusão de que a correlação da variável Contexto fonético/fonológico

não se mostra muito forte, principalmente, se relacionada à influência (1) das Marcas precedentes e posição e (2) da Relação entre elementos nucleares e não nucleares e posição dos elementos nucleares no SN. (cf. SCHERRE, 1988:256/257)

Além do mais, Scherre (1988:242) observa que, em diversos trabalhos realizados a respeito do cancelamento do - S morfológico e mesmo do não morfológico, o efeito da consoante em relação ao da vogal, em termos de pesos relativos, não tem sido considerado forte e em alguns casos inexistente, conforme pesquisas desenvolvidas por CEDERGREN, 1973:43; POPLACK, 1980a:61; 1980b:376 e 1981:61; BRAGA & SCHERRE, 1976:471; BRAGA, 1977:31, SCHERRE, 1979:7-8; GUY, 1981a:166.

Finalmente, Scherre, de acordo com Labov (1981), levanta a hipótese que transcrevemos abaixo:

...se a variação no número de marcas formais de plural no SN estiver refletindo um processo de mudança lingüística, certamente não será um tipo de mudança preconizada pelos neogramáticos, a qual se supõe altamente regular e não condicionada por fatores outros que não os fonéticos. (cf. SCHERRE, 1988:257).

6 - ANÁLISE DAS VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS

A Sociolingüística de orientação laboviana considera de grande relevância a relação entre língua e sociedade e, por esse motivo, preocupa-se com o efeito que as características sociais do falante possam ter sobre seu próprio desempenho lingüístico.

Para a abordagem funcionalista, a integração do componente pragmático na interação verbal humana é fundamental.

Dick (1989:3) aborda essa questão nos termos a seguir.

Rule system (i) is seen as instrumental with to the goals and purposes of rules system (ii) : the basic requirement of the functional paradigm is that linguist expressions should be described in provided by the pragmatic system of verbal interaction²¹.

²¹ O sistema de regra é visto (1) como instrumental com respeito aos objetivos e propósitos do sistema de regras (2) a necessidade básica do paradigma funcional é que as expressões podem ser descritas e explicadas em termos de estrutura geral estabelecidas pelo sistema pragmático da interação verbal. (cf. DICK, 1989:03; tradução nossa.)

Assim sendo, investigamos a correlação da aplicação da regra de CN com duas variáveis sociais - grau de escolarização e sexo, descritas a seguir.

6.1 - Variável Grau de escolarização

A literatura específica sobre o estudo da concordância de número no SN vem confirmando a hipótese de que quanto maior for o grau de escolarização do informante mais propensão ele terá de aplicar a regra de plural, como também o inverso é verdadeiro, isto é, quanto menor for o grau de escolarização menos chance terá o informante de usar marcas de plural no SN.

Vejamos, então, a tabela abaixo, mostrando os resultados referentes à variável Grau de Escolarização no dialeto riobranquense, através da Tabela 26.

TABELA 26
GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO DOS INFORMANTES: frequência, percentagem e peso relativo da aplicação da regra de CN

FATORES	APL/TOTAL	%	PR
Analfabetos	649/1143	= 57	.28
1ª à 4ª	531/825	= 64	.46
5ª à 8ª	842/1033	= 82	.76
TOTAL	2002/3001	= 67	

INPUT = .90

SIGNIFICANCE = .016

Conforme podemos depreender dos dados acima, em termos de pesos relativos, os falantes analfabetos atingem resultados muito abaixo de .50, não se correlacionando positivamente com a inserção de marcas de plural no SN;

os falantes de 1ª à 4ª, por sua vez, apresentam valor indicando uma certa correlação desse fator em relação ao fenômeno analisado; já os informantes de 5ª à 8ª apresentam valores demonstrando correlação positiva no sentido da aplicação de marcas de plural no SN.

Dessa forma, os resultados variam numa escala progressiva de .28 a .76 no sentido do menos para o mais escolarizado, numa demonstração clara de que os dados convalidam a hipótese relacionada com o Grau de escolarização do informante.

Na tabela 27, observemos o confronto entre os resultados desta investigação com os de Scherre (1988), no tocante ao grau de escolarização dos informantes.

TABELA 27

**GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO DOS INFORMANTES
EM RELAÇÃO AOS DADOS DE SCHERRE (1988): frequência., percentagem e
peso relativo da aplicação da regra de CN**

GRAU ESCOL. NESTA PESQUISA				SCHERRE (1988)		
	APL/TOTAL	%	PR	APL/TOTAL	%	PR
1ª a 4ª	531/825	= 64	.46	2413/3903	= 62	.32
5ª à 8ª	842/1033	= 82	.76	2605/3613	= 72	.53

Em termos percentuais, os dados apontam semelhança entre os resultados, referentes aos dois graus de escolaridade nas duas pesquisas. Todavia, os pesos relativos refletem que os falantes riobranquenses se aproximam mais da norma de maior prestígio social que os cariocas, principalmente os de 5ª à 8ª séries, com uma diferença de .23. Por outro lado, a diferença entre os informantes de 1ª à 4ª é pouco significativa.

Convém, ainda, esclarecer que durante a análise da variável Saliência Fônica fizemos não apenas cruzamentos com os dados da variável ora em estudo, mas também comparações com os dados de Braga (1977), Nina (1979) e Scherre (1988) e, por essa razão, julgamos desnecessário repeti-los.

É conveniente, ainda, analisar o desempenho de cada subgrupos com Grau de escolarização, a fim de verificarmos se há consistência interna com relação aos resultados apresentados pelos componentes de cada subgrupo, conforme podemos observar através da Tabela 28, a seguir.

TABELA 28
DESEMPENHO DOS SUBGRUPOS POR GRAU DE
ESCOLARIZAÇÃO: frequência e percentagem da aplicação da regra de
CN

MASCULINO			%	FEMININO			%
SUBGRUPO: ANALFABETOS							
AG	105/170	=62		GC	153/278	=55	
JO	45/71	=63		RC	99/178	=56	
AC	57/89	=64		GM	54/105	=51	
ES	85/162	=52		NL	49/87	=56	
SUBGRUPO: 1ª A 4ª SÉRIES							
MC	63/88	=72		MV	103/153	=67	
JB	61/113	=54		JE	46/83	=55	
LQ	67/87	=77		MZ	61/105	=58	
AL	57/78	=73		MI	73/118	=62	
SUBGRUPO: 5ª A 8ª SÉRIES							
JF	88/94	=94		MF	59/110	=54	
JN	100/109	=92		MO	165/194	=85	
RS	188/191	=98		MS	24/47	=51	
VD	48/83	=58		ML	170/205	=83	

Os resultados percentuais distribuídos nessa tabela mostram, no cômputo geral, que o grau de escolarização exerce forte correlação com a oposição presença/ausência do morfema de plural no SN, relacionada ao desempenho de cada informante.

Vimos, em 6.1, que a variação, do ponto de vista dos pesos relativos, foi de .28, .46 e .76 para os informantes analfabetos, de 1ª à 4ª e de 5ª à 8ª série, respectivamente.

Em termos percentuais, os informantes analfabetos, de modo geral, apresentam índices análogos, porque as diferenças entre os valores obtidos pelos homens e pelas mulheres não são relevantes. O comportamento das mulheres, por sinal, é bastante homogêneo. Cumpre-nos registrar apenas que os homens AG, JO e AC apresentam desempenho um pouco acima dos demais.

Entre os informantes de 1ª à 4ª séries há também semelhanças nos valores, ficando as diferenças para mais, também, por conta do desempenho dos homens MC, LQ e AL. A exceção nesse subgrupo é verificada através do desempenho de JB, mostrando um percentual muito abaixo dos demais. Quanto às mulheres, os menores índices foram atribuídos a JE e MZ. Quando analisamos a variável Sexo, buscamos informações através das fichas dos informantes, a fim de explicar por que os homens apresentam formas consideradas mais “corretas” que as mulheres. Esse rastreamento nos levou à constatação de que os homens se aproximam mais da norma culta em decorrência do grau de escolaridade, aliado, provavelmente ao engajamento deles no mercado ocupacional, ao contrário das mulheres que, em sua maioria, trabalham nos afazeres domésticos. Talvez essa mesma razão explique a variação de informante para informante.

Observando os percentuais obtidos pelos falantes de 1ª à 4ª séries, supomos que as profissões exercidas por JB, JE e MZ não contribuem para que eles sintam necessidade de melhorar seu desempenho lingüístico, em outras

palavras, eles não sofrem pressões sociais para usarem formas de prestígio, visto que o primeiro é mecânico e as duas últimas são donas de casa. Ao contrário disso, os demais informantes desse subgrupo são funcionários públicos e balconistas, tendo, portanto, oportunidade de relacionamento com pessoas da classe média.

O informante AL, por exemplo, fala muito em sua entrevista, relatando, inclusive, que é muito respeitado pelo seu desempenho profissional e, por esse motivo, causa inveja aos demais balconistas.

Os informantes de 5ª à 8ª séries, por sua vez, apresentam semelhanças, mas também diferenças. As semelhanças podem ser vistas através do elevado índice de desempenho de cinco informantes, incluindo homens e mulheres, que atingem percentuais variando de 83% a 98%. São eles: JF, JN, RS, MO e ML.

As diferenças são verificadas por meio do desempenho dos VD, MF e MS que obtêm percentuais de 51 a 58%, semelhantes, aos dos informantes de 1ª à 4ª e até mesmo aos dos analfabetos. Revendo as fichas cadastrais desses informantes, chegamos à conclusão de que, nos três casos, o baixo desempenho deles, talvez, esteja relacionado ao problema da distorção idade/série, o que é comum nas camadas dos menos favorecidos economicamente, uma vez que somente, por volta dos vinte anos de idade, eles tiveram acesso à escola através do ensino supletivo. Por outro lado, os informantes JF, JN, RS, MO e ML, tiveram acesso à escola mais cedo, ou seja, de sete a dez anos de idade através do ensino regular.

Assim sendo, podemos afirmar que os homens empregam mais o morfema de plural que as mulheres, devido à variação inerente, ao grau de escolaridade, aliado, provavelmente, ao engajamento diferenciado no mercado de trabalho.

Ademais, afirmamos, com maior segurança, baseada no cômputo geral do desempenho dos falantes, que a aplicação da regra de CN funciona de modo consistente em cada subgrupo, tendo em vista que os percentuais exibidos pelos membros de cada subgrupo são quase homogêneos com raras exceções.

6.2 - Variável Sexo

No Brasil, entre os pesquisadores que investigaram o fenômeno lingüístico ora estudado, apenas Braga (1977) não incluiu a variável Sexo em seu trabalho.

De modo geral, os resultados obtidos por Scherre (1978), Ponte (1979), Nina (1980) e Scherre (1988) apresentam indícios de correlação fraca da variável Sexo com a concordância nominal de número no SN, conforme mostraremos no decorrer desta análise.

Analisemos, então, o comportamento dos informantes masculinos e femininos, através da Tabela 29.

TABELA 29

SEXO DO INFORMANTE: freqüência, percentagem e peso relativo da aplicação da regra de CN

FATOR	Apl/Total	%	PR
Feminino	1057/1664	= 64	.42
Masculino	963/1334	= 72	.60

INPUT = .90

SIGNIFICANCE = .016

Pelos resultados, percebemos que os homens tendem a se aproximar mais da norma culta que as mulheres.

Vejamos a Tabela 30, mostrando o cruzamento da variável Sexo com o Grau de escolaridade dos falantes.

TABELA 30

CRUZAMENTO DOS DADOS DA VARIÁVEL SEXO COM O GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO DOS FALANTES: frequência e percentagem da aplicação da regra de CN

ESCOLARIDADE	MASCULINO	%	FEMININO	%	TOTAL	%
Analfabeto	<u>293</u>		<u>356</u>		<u>649</u>	
	493	= 59	650	= 55	1143	= 57
1ª a 4ª	<u>248</u>		<u>283</u>		<u>531</u>	
	366	= 68	459	= 62	825	= 64
5ª a 8ª	<u>422</u>		<u>420</u>		<u>842</u>	
	475	= 89	558	= 75	1033	= 82
CHI-SQUARE FOR TOTALS = 1.789						
SIGNIFICANCE = .186						

Através desse cruzamento dos dados, verificamos uma diferença insignificante, em termos percentuais, no que se refere ao desempenho lingüístico dos homens em relação ao das mulheres, tanto dos falantes analfabetos, quanto dos de 1ª à 4ª séries. Contudo, entre os falantes de 5ª à 8ª séries, a diferença é mais elevada a favor do desempenho dos falantes do sexo masculino (14%).

Esses valores nos levam à conclusão, portanto, de que nesta pesquisa os homens são mais propensos ao uso da marca de plural que as mulheres.

Antes de passarmos ao processo de comparação com outras pesquisas, resolvemos recorrer à ficha dos informantes, na tentativa de buscar elementos sobre o tipo de vida e as possíveis relações dos falantes com outros grupos sociais, a fim de estabelecer um confronto entre o desempenho lingüístico das mulheres em relação ao dos homens que demonstraram um ligeira elevação do peso relativo.

Como vimos no decorrer deste trabalho, pesquisamos a fala de 24 informantes de classe sócio-econômica baixa, sendo 12 do sexo masculino e 12, do feminino.

Por meio da ficha cadastral, fizemos o levantamento da atividade ocupacional de cada falante, obtendo as informações que seguem.

Os homens exercem as seguintes profissões: balconista 2; pedreiro - 2; pintor - 1; mecânico - 1; torneiro mecânico - 1; auxiliar de enfermagem - 1; guarda noturno - 1; funcionário público - 1; estudante - 2.

Entre as profissões exercidas pelas mulheres, constatamos: dona de casa e/ou empregada doméstica - 9; vendedora autônoma - 2; funcionária pública - 1.

Estabelecendo um paralelo entre os dois grupos, percebemos com nitidez que entre os homens, 10 trabalham fora e 2 são estudantes, ao contrário das mulheres que 9 são donas de casa e/ou empregadas domésticas, ao passo que apenas 3 trabalham em outras profissões.

Assim sendo, talvez possamos inferir que os homens se aproximam mais das formas de maior prestígio social pelo fato de terem oportunidade de interagir com outros grupos sociais, diferentemente das mulheres que, em sua

maioria, vivem apenas para as lides domésticas, interagindo apenas com os familiares e com os vizinhos que também pertencem à classe social baixa.

Essa observação orienta-nos a levantar a hipótese de que a cotação positiva no mercado ocupacional poderá refletir no comportamento lingüístico do informante, levando-o a aplicar mais a regra de plural no SN.

Scherre (1988), analisando a influência de variáveis sociais não convencionais que atuam sincronicamente sobre a presença/ausência de marcas de plural no SN, verificou que mercado ocupacional, mídia e sensibilidade lingüística apresentaram resultados merecedores de estudos futuros com “amostras estratificadas em função destas variáveis” (cf. SCHERRE, 1988:522). Observemos, pois, o abalizado depoimento de Scherre (1988).

A variável mercado ocupacional revelou-se de particular interesse, considerando que seus resultados, além de indicarem que a cotação positiva ou negativa favorece ou desfavorece, respectivamente, a presença de concordância, evidenciaram, também, que o seu efeito sobre o comportamento dos homens é mais contundente do que a influência da escola. Evidenciaram, ainda mais, que as mulheres, além de receberem a influência marcante da escola, recebem, também, a influência do mercado ocupacional no seu desempenho lingüístico. (cf. SCHERRE, 1988:522).

Contudo, parece-nos que, em se tratando de variedades sexuais a questão não é tão simples quanto se pensa. Por isso, reportamo-nos às observações de Scherre (1978), respaldada em Labov (1975a), a respeito da

afirmação feita por alguns estudiosos, no sentido de que as mulheres fazem mais uso da norma de prestígio que os homens. A pesquisadora nos diz que Labov considera

um erro adotar como princípio geral que as mulheres conduzem o curso da mudança lingüística, pois há também evidências de influências exercidas pelos homens. (cf. SCHERRE, 1978:115)

Ainda sobre essa questão, Scherre (1978) observa que há evidências de que, quando se trata da fala casual, como é o caso dos falantes desta pesquisa, as mulheres são mais propensas ao uso de formas estigmatizadas que os homens. Por outro lado, quando se trata do uso de fala mais cuidada, as mulheres são mais conservadoras que os homens. Através dessa discussão, podemos perceber que as mulheres são mais afeitas às mudanças lingüísticas, conforme foi observado na evolução de outras línguas como o francês e o inglês, por exemplo. (cf. SCHERRE, 1978:114).

Nessa linha de pensamento, e, considerando, ainda, que, trabalhamos com a fala casual, as mulheres (.42) que tiveram desempenho abaixo do obtido pelos homens (.60), apresentam, portanto, resultados compatíveis com o postulado de Labov (1975a), pois demonstraram usar formas mais avançadas que vão talvez influenciar o processo de mudanças lingüísticas.

Conforme abordamos em 4.4.1 Trudgil (1984), por sua vez, afirma que as variedades sexuais são decorrentes de vários fatores, entre os quais destacamos alguns:

- ainda no século XVII, observações feitas à língua dos índios Caraíbas, indicam que os dialetos sexuais são resultantes de dois fatores: a

invasão e o tabu. Tais conclusões não se sustentam por vários motivos expostos abaixo.

- nos anos 30, o estudo da língua dos índios americanos Koasati, constata, fundamentado na atitude dos homens adultos, que as mulheres são mais conservadoras que eles. Essa constatação foi ratificada, posteriormente, em pesquisas desenvolvidas em sociedades de língua inglesa. De modo geral, foi comprovado, através de estudos sociológicos, que as mulheres, falantes do inglês, têm mais consciência de “status” do que os homens. Por esse motivo, elas são mais sensíveis à significação social das variáveis que têm relação com classe social. Além do mais, surgem as pressões sociais sobre os falantes, a fim de que passem a adotar formas consideradas mais “corretas”, com a finalidade de adquirirem, conseqüentemente, maior prestígio social.

Em sentido contrário, Trudgil (1974) relata o exemplo da comunidade de Martha's Vineyard em que as pressões são para que os falantes continuem a usar formas menos prestigiadas socialmente, com o objetivo de defenderem não apenas a manutenção de identidade pessoal, como também em solidariedade a um determinado grupo social. Pelo fato de as pressões serem mais fortes sobre os homens, devido ao conceito de masculinidade, a fala deles é, portanto, considerada menos “correta” do que a das mulheres.

Trudgil (1974) considera essa questão da “masculinidade” como, talvez, a mais importante para explicar o porquê dos dialetos sexuais. Eis o que nos diz o linguista:

Linguistic sex varieties arise because, as we have already seen, language, as a social phenomenon, is closely related to social attitudes. Men and women are socially different in that society lays down different

social roles for them and expects different behaviour patterns from them. (cf. TRUDGIL, 1974: 94)²²

Travaglia (1997:47), também aborda essa questão dos dialetos na dimensão sexo, argumentando que as variações ocorrem provavelmente por restrições sociais. Segundo o autor, a sociedade espera que homens e mulheres apresentem comportamento apropriado, inclusive, em termos de desempenho lingüístico.

Respalhada nesses linguistas, compreendemos que o desempenho lingüístico diferenciado entre homens e mulheres, falantes do dialeto riobranquense, explica-se provavelmente pelos diferentes papéis sociais que eles desempenham na comunidade.

Além do mais, conforme vimos nos pressupostos teóricos deste trabalho, o Funcionalismo lingüístico defende a existência de uma interação entre as forças internas com as externas ao sistema lingüístico.

Assim sendo, o uso lingüístico não deve ser considerado apenas como resultado do conhecimento das regras gramaticais que o falante possui. Por outro lado, o desempenho lingüístico desse falante é resultante também das regras que governam os padrões de interação verbal (regras pragmáticas). (cf. DIK, 1989:3).

²² As variedades lingüísticas determinadas pelo sexo surgem porque, conforme já vimos, a língua, sendo um fenômeno social, está intimamente relacionada com as atitudes sociais. Homens e mulheres são socialmente diferentes no sentido de que a sociedade lhes impõem diferentes papéis sociais e, por esse motivo, deles espera diferentes padrões de comportamento. (cf. TRUDGIL, 1974; tradução nossa).

6.2.1. Comparação com outras pesquisas

Passemos à segunda fase da análise desta variável em que apresentamos os resultados da pesquisa de Scherre (1988) para efeito de comparação com os desta pesquisa. Observemos para tanto a Tabela 31.

TABELA 31

SEXO DO INFORMANTE: frequência, percentagem e peso relativo da aplicação da regra de CN

ESTE TRABALHO				SCHERRE (1988:491)			
SEXO	APL/TOTAL	%	PR	SEXO	APL/TOTAL	%	PR
F	1057/1664	= 64	.42	F	4397/5680	= 77	.59
M	963/1334	= 72	.60	M	3464/5289	= 65	.41

Como vimos, os homens nesta pesquisa apresentam resultados mais favoráveis à aplicação da regra de plural no SN com uma diferença significativa de .18 em relação ao peso relativo atribuído às mulheres.

Scherre, por outro lado, obteve resultados inversos, demonstrando que “as mulheres se aproximam do padrão mais do que os homens” (cf. pág. 445).

A seguir, apresentamos as conclusões de outras pesquisas.

Scherre (1978) trabalhou com um grupo de informantes semi-escolarizado e outro escolarizado, concluindo que em ambos os grupos a tendência de aplicação da regra é bastante fraca, cujos pesos relativos se aproximam de .50. Ressalta, entretanto, que, feito o cruzamento dos dados no grupo escolarizado, as mulheres (.46) apresentam uma tendência a aplicar menos

a regra do que os homens (.50). Ao contrário, no grupo semi-escolarizado as mulheres (.55) apresentam peso relativo superior ao dos homens (.45).

Ao finalizar seu trabalho, Scherre (1978) conclui que

a aplicação da regra não é influenciada pelo fator sexo. (cf. SCHERRE, 1978:139)

Ponte (1979) também não apresenta resultados diferentes, conforme podemos deduzir de sua conclusão:

a variável sexo tem fraca influência sobre a aplicação da regra de concordância de número e gênero. (cf. PONTE, 1979:202)

Nina (1980), por seu turno, observa que

o fator sexo parece comprovar, na micro-região bragantina, uma tendência universal: as mulheres estão mais próximas da norma que os homens (cf. NINA, 1980:160)

Por outro lado, verificando as percentagens obtidas por Nina (1980), observamos que as mulheres obtiveram 37,17% e os homens, 23,14%. Na verdade, o valor atribuído ao desempenho das mulheres é superior ao dos homens, mas ambos os valores estão muito abaixo de 50%, o que nos leva a inferir que a variável Sexo não se correlaciona positivamente com a aplicação da regra de plural no SN.

Diante dessas conclusões, fica comprovado que a variável Sexo, nos estudos anteriores, não apresenta resultados relevantes para efeito de correlação com a inserção do morfema flexional marcador de plural no SN.

Todavia, os dados desta investigação mostram que essa variável foi considerada relevante para o estudo do fenômeno lingüístico em análise, apresentando uma diferença significativa (.18) a favor do desempenho dos homens.

7. CONCLUSÃO

Após a realização desta pesquisa, consideramos atingido o primeiro objetivo, porque mostramos que o fenômeno lingüístico - concordância de número no SN - em Língua Portuguesa falada pela classe baixa na área urbana de Rio Branco, comporta-se como sincronicamente variável. Ademais, mostramos que a oposição presença/ausência de marcas formais de plural nos elementos flexionáveis do sintagma nominal correlaciona-se com um elenco de variáveis lingüísticas e sociais.

Quanto às variáveis lingüísticas, observamos que Saliência fônica, cujo pressuposto básico é o de que “as formas mais salientes, e por isto mais perceptíveis, são mais prováveis de serem marcadas do que as menos salientes” (cf. SCHERRE, 1988:64), apresenta, de modo geral, correlação positiva, principalmente no que concerne à dimensão Processos, exibindo índice de concordância alta, com exceção de um fator (as formas terminadas em /L). Por outro lado, a dimensão Tonicidade, analisada isoladamente, apresenta forte correlação com o fator monossílabos átonos e fraca correlação com os fatores paroxítonos e proparoxítonos, além de correlação negativa com os fatores oxítonos e monossílabos tônicos. A forte correlação do fator referente aos monossílabos átonos com a inserção de marcas formais de plural no SN explica-se, provavelmente, pelo fato de eles ocuparem, de modo geral, a primeira posição e, ainda, por estarem antepostos ao núcleo do SN. Parece, contudo, que a análise isolada da variável Tonicidade não é eficaz para refletir a realidade lingüística dos fatos, uma vez que os resultados apresentam discrepância entre os índices percentuais e os pesos relativos, indicando, talvez, má distribuição dos dados ou até mesmo inter-relação com outras variáveis.

Quanto à dimensão Número de sílabas do item lexical singular, confirma-se a hipótese formulada, ou seja, os itens lexicais com mais de duas sílabas têm mais chance de receber a marca de plural que os dissílabos e os monossílabos. Desse modo, podemos afirmar que o Princípio da Saliência fônica atua mais fortemente sobre a dimensão Processos morfofonológicos de formação do plural.

O desempenho das variáveis Posição, Classe gramatical e Marcas precedentes mostra-se bastante inter-relacionado. A variável Posição, analisada isoladamente, evidencia que a primeira posição é quase categoricamente marcada, ocorrendo um decréscimo muito acentuado na segunda posição. Já Classe gramatical, em relação à Posição dos elementos no SN, demonstra que os determinantes são os mais marcados nas duas posições. O processo comparativo entre adjetivos e substantivos revela que os primeiros são ligeiramente mais marcados que os segundos nas duas posições. A variável Marcas precedentes aponta inexistência de correlação com a inserção de marcas formais de plural no SN, provavelmente, em decorrência dos critérios de escolha dos dados, como também da escolha dos fatores. Além disso, essa variável não foi considerada estatisticamente relevante para o estudo da Concordância de número no SN.

É importante ressaltar que a variável Posição cruzada com Tonicidade, Número de sílabas, Classe gramatical e Marcas precedentes apresenta resultados bastante interessantes, evidenciando uma tendência de que a marca formal de plural ocorre mais no primeiro elemento do SN, talvez, devido à sua relevância para o processamento da informação.

Em se tratando da variável Contexto fonético/fonológico seguinte, verificamos que ela não foi selecionada pelo Programa, apresentando pesos relativos próximos a .50, levando-nos à constatação de que inexistente correlação

dessa variável com a presença/ausência de marcas formais de plural no SN no dialeto riobranquense.

No que diz respeito às variáveis extralingüísticas, verificamos que Grau de escolarização é uma variável que se correlaciona fortemente com o fenômeno da concordância de número no SN, porquanto à medida que se eleva o grau de escolaridade do informante, mais chance ele tem de aplicar a regra da norma de maior prestígio social. Além do mais, constatamos que a regra, ora estudada, funciona de modo consistente em cada subgrupo de informantes (analfabetos, de 1ª à 4ª e de 5ª à 8ª séries), considerando que os percentuais exibidos por esses subgrupos são quase homogêneos. As raras exceções observadas parecem se explicar pelos diferentes papéis sociais que o informante desempenha na comunidade.

A variável Sexo, por sua vez, não confirma a hipótese de que as mulheres se aproximam mais da norma culta que os homens, haja vista que eles demonstram maior propensão para o uso das formas consideradas mais “corretas” que as mulheres. Tal resultado está relacionado, provavelmente, ao engajamento deles no mercado ocupacional, tendo, dessa forma, mais oportunidade de interagir com falantes da classe média, ao contrário das mulheres que, em sua maioria, são donas de casa, ficando restritas ao contato com familiares e vizinhos que também pertencem à classe social baixa.

Numa tentativa de explicar o funcionamento das variáveis lingüísticas e sociais, à luz das teorias funcionalistas defendidas por Halliday (1985) e Dik (1989), depreendemos que ambas as teorias foram ratificadas pela análise realizada, porque há evidências de que a fala do informante resulta das acomodações lingüísticas feitas para satisfazer suas necessidades de comunicação, considerando, por um lado, as pressões de uso estabelecidas pela norma culta da língua, cultivada principalmente, pela escola e, por outro, as forças

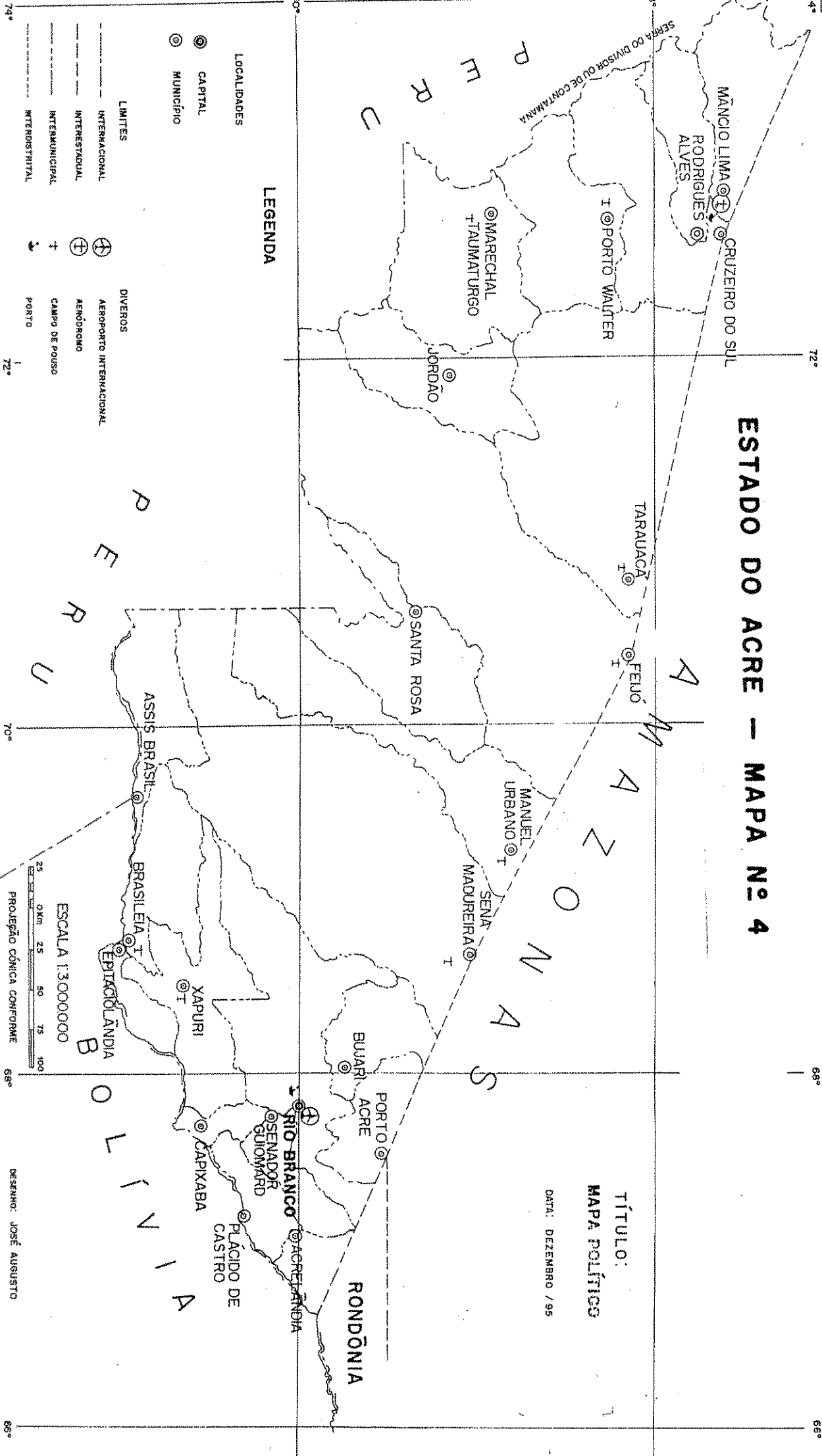
motivadoras que se originam em fenômenos externos que “penetram no domínio da língua e, ao se encontrarem com as forças internas”, entram em competição e se resolvem no sistema. (cf. DUBOIS, 1985; in NEVES, 1996: 35-36).

Pelos dados analisados e pelas comparações estabelecidas com outras pesquisas, percebemos que há não apenas uma tendência generalizada na direção de garantir a informação de plural no primeiro elemento do SN, como também uma significativa redução das flexões nominais nos demais elementos. Isso decorre, como já vimos, do fato de que uma única marca formal de plural é suficiente, tanto para o informante garantir a informação de pluralidade em sua mensagem, quanto para o interlocutor compreender o enunciado. A nosso ver, esse comportamento lingüístico abala as crenças relativas à redundância em Língua Portuguesa.

Em relação ao segundo objetivo, realizamos a comparação com as pesquisas desenvolvidas sobre o mesmo fenômeno lingüístico em três regiões do país, cujos pesquisadores são: Ponte (1979), representando a região Sul; Braga (1977) e Scherre (1978/1988), a região Leste; Nina (1980) e este trabalho, a região Norte. Consideramos alcançado também esse objetivo, visto que efetuamos, à medida daquilo que era comparável, os paralelos propostos, chegando à conclusão de que, apesar das peculiaridades lingüísticas regionais e das especificidades de cada investigação desenvolvida, os resultados apresentam semelhanças, mas também diferenças, conforme abordamos ao final da descrição de cada variável. De modo geral, concluímos que a variação lingüística no fenômeno analisado ocorre, nas três regiões do país, de modo sistemático, correlacionada tanto com fatores internos, quanto externos ao sistema lingüístico.

8. ANEXOS

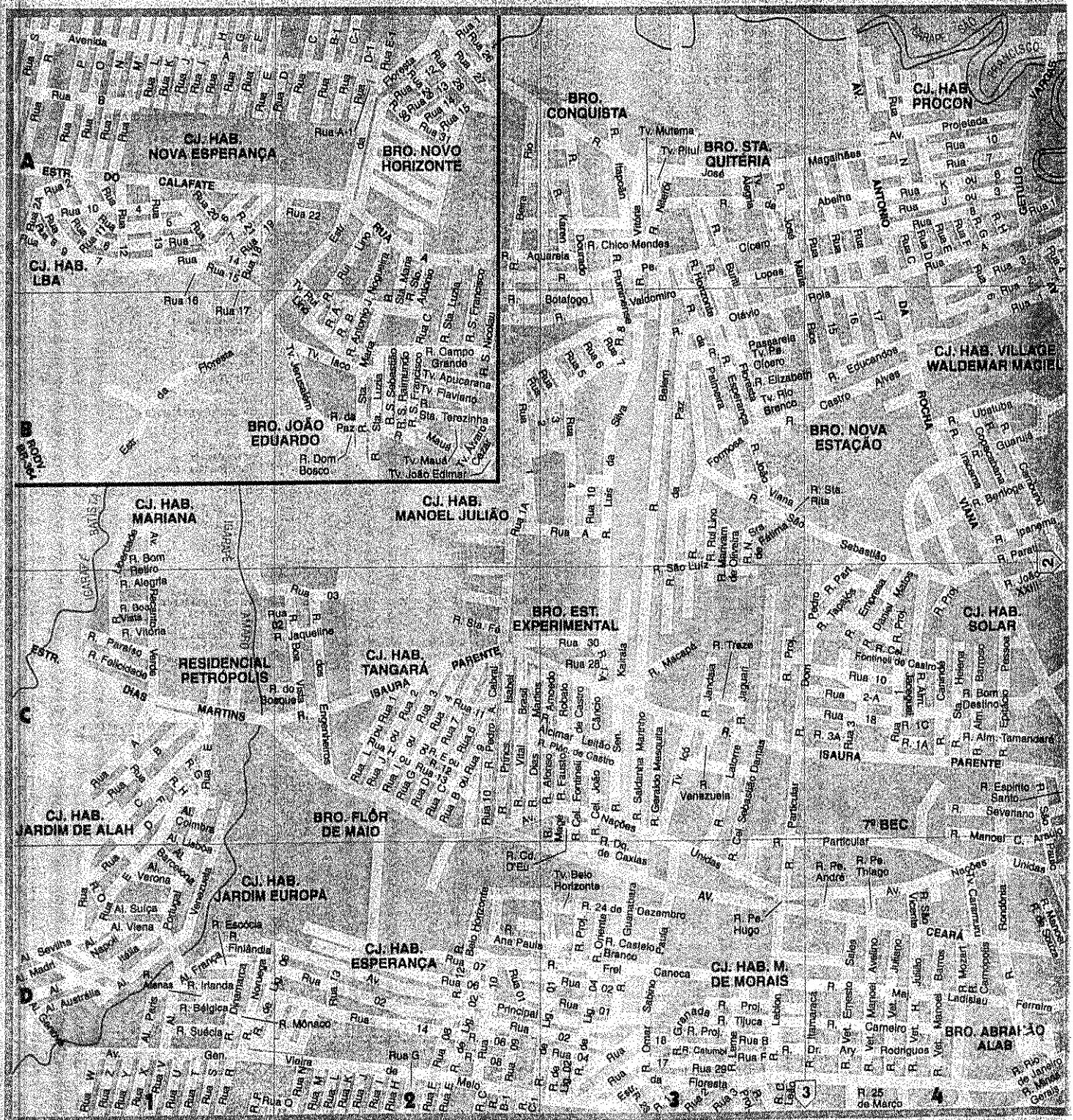
ESTADO DO ACRE - MAPA Nº 4



ANEXO II

* RIO BRANCO *

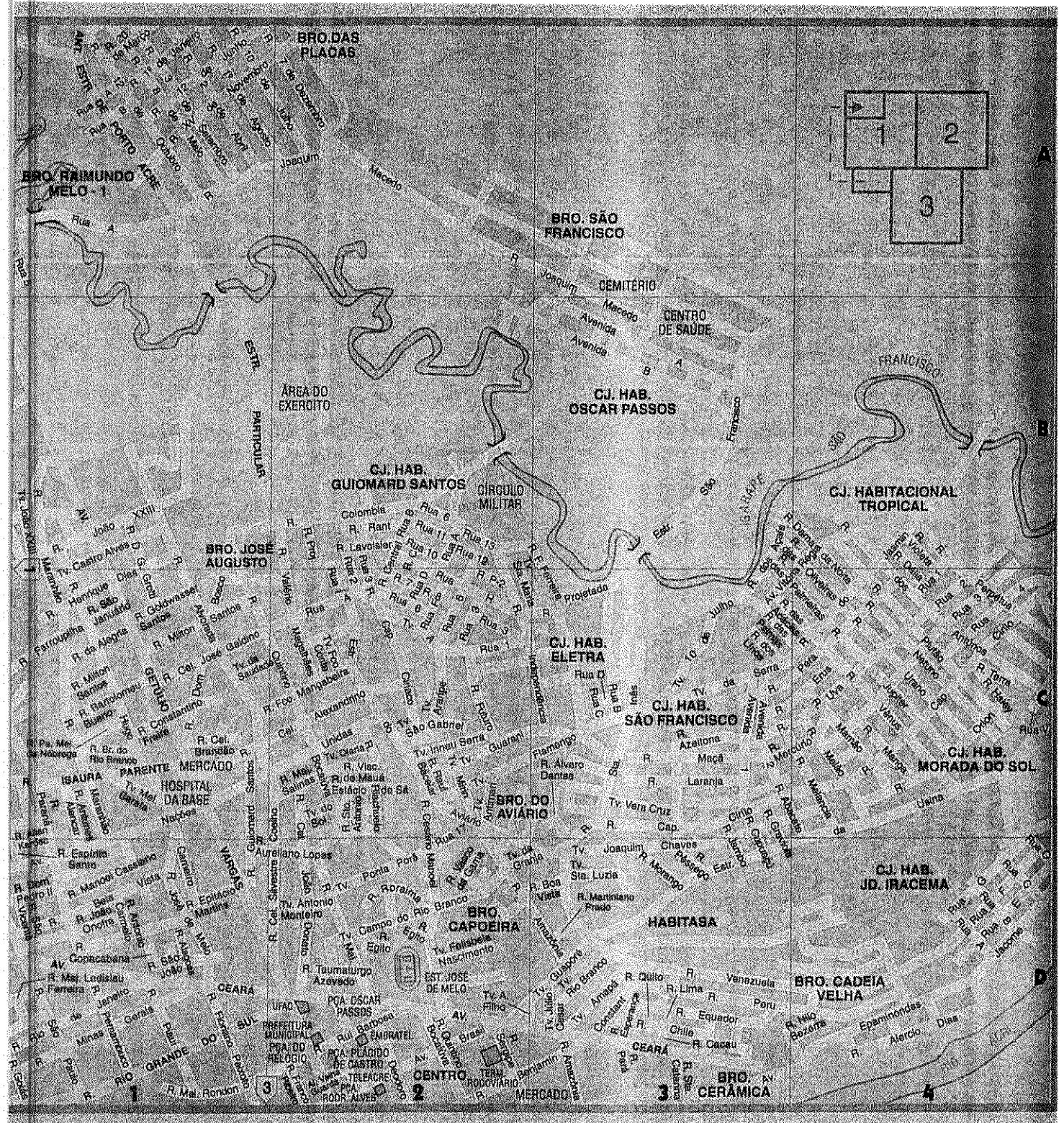
* MAPA Nº 01



ANEXO III

* RIO BRANCO *

* MAPA Nº 02 *



ANEXO IV

* RIO BRANCO *

* MAPA Nº 03 *



ANEXO V

BAIRROS DE RIO BRANCO ENVOLVIDOS NA PESQUISA

CÓDIGO	DESCRIÇÃO	Nº DE CASAS	POPULAÇÃO
035	Sobral I	1154	4.237
025	Centro	898	836
088	Novo Horizonte	385	1.259
046	João Eduardo	1.718	6.079
100	Conj. Tangará	530	2.189
090	Alto Alegre	391	883
068	Nova Esperança	524	1.486
060	Sobral II		
027	Cidade Nova	1305	8.808
007	Abraão Alab	477	1.565
	Areal		
	LBA	161	687
047	São Francisco	1153	2.589
054	Preventório	214	591
	Vitória	930	4.650
002	Distrito Industrial	115	53
099	Manoel Julião	846	1.491
017	Santa Inês	484	631
038	Invernada	192	422
009	Oscar Passos	265	982
010	José Augusto	233	744
046	João Eduardo	1.718	6.079
076	Taquari	1.557	7.122
096	Xavier Maia	547	835

Quadro dados sobre dos bairros envolvidos na pesquisa

ANEXO VI

ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

I. CIDADE E BAIRRO

- Você gosta de morar aqui? Por quê?
- O que falta em seu bairro? Por quê?
- Ah, acontece muitos casos de violência? Então, conta um desses casos para nós.
- E essa casa? É sua ou alugada?
- O aluguel é muito caro?
- Quantas pessoas moram aqui com você?
- Sim, e o seu pai trabalha fora? O que ele faz?
- E sua mãe também trabalha fora ou só em casa?
- E o que é que ela faz em casa? Todo o serviço?
- E você trabalha? Como é que é esse trabalho? Onde fica isso?
- E o patrão, você gosta dele?
- Você está satisfeito com seu salário? Por quê? Quanto você ganha?
- Esse dinheiro é suficiente para todas as despesas pessoais ou da casa?
- Sobra alguma coisa para a cerveja com os amigos no final de semana?
- E por falar em final de semana, o que você costuma fazer dia de domingo? Pesca? Caça?
- Ótimo. Então fala para nós como foi uma pescaria ou caçada ou passeio.
- Falando sobre a cidade de Rio Branco. Você acha que a violência é muito grande aqui? Lembra de algum caso que lhe deixou muito impressionado?

II. SITUAÇÃO ECONÔMICA, POLÍTICA E SOCIAL

- O que você está achando do PLANO REAL?
- Na sua opinião, esse PLANO vai dar certo? Por quê?
- Qual é sua opinião sobre o atraso de salários?
- O que você faria para melhorar a situação do Estado se fosse o próximo Governador?
- O que você está achando da cidade de Rio Branco? Você gosta de morar aqui? Por quê?
- O que você achou da eleição da Marina?
- O que você achou do desempenho do PT nas últimas eleições, principalmente em relação ao Tião e ao Lula?
- Você ficou contente com a eleição para Presidente da República? Por quê?

III. ESPORTE

- Você pratica algum tipo de esporte?
- E o tetra? Você acha que esse título foi importante para nós? Por quê?
- Onde e em companhia de quem você assistiu aos jogos da Copa do Mundo?
- Quais foram os melhores jogadores da Seleção Brasileira? Por quê?
- Quais os melhores momentos da nossa Seleção?
- Quais foram os momentos em que você mais sofreu?
- E o vôlei feminino, você achou justo o resultado final? Por quê?
- Este ano, infelizmente, o nosso esporte não teve só momentos de alegria, como a conquista do tetra. Você lembra da tragédia com o nosso tricampeão, Ayrton Senna? Como você encarou a morte dele?
- E por falar nisso, você já passou por algum perigo de vida? Ou alguém de sua família?

IV. LAZER E FESTA EM FAMÍLIA

- O que você faz no final de semana?
- Conta como é lá?
- Como vocês comemoram as festas de final de ano?
- O que vocês fazem no Natal?
- Você sabe fazer alguma comida? O quê, por exemplo?
- Como você faz esse prato?

V. COMPORTAMENTO

- Você frequenta alguma igreja? Como é que é lá?
- Como é o movimento jovem (ou o trabalho das senhoras) em sua igreja?
- O que você acha do namoro de hoje?
- Você se preocupa com a AIDS?
- E o aborto? Você concorda? Por quê?
- O que você acha do uso de drogas entre os jovens?
- E a escola? Você acha importante estudar?
- E os professores? Como é que eles são?
- O que você acha do ensino em sua escola?
- Você gosta de Matemática? Por quê?
- Qual é a matéria mais difícil que você acha ou achava?
- O que você pensa sobre o ensino de Português?
- E você se dá bem com essa matéria?
- Você gosta de Português? Por quê?
- Quais são os seus programas preferidos da TV? Por quê?
- E os de rádio? Quais são os que você ouve? Por quê?

Observações para desenvolver o papo:

- Como é que é isso?
- Como isso aconteceu?
- Fale mais sobre isso.
- Ah! Então conta ...
- Legal.
- Ok!
- Sim. Muito bem. Então fala.
- Isso é ótimo. Como é que foi mesmo?

ANEXO VII

FICHA DE CATALOGAÇÃO DO INFORMANTE*A) Dados de identificação do inquérito*

Número: _____

Entrevistador

(a): _____

Data de
aplicação: _____

Rua: _____

Bairro: _____

B) Dados fornecidos pelo informante

1. O informante:

1.1. Nome completo: _____

1.2. Local de nascimento: _____

1.3. Tempo de residência em Rio Branco: _____

1.4. Sexo: _____ Idade: _____ Estado Civil: _____

1.5. Escolaridade:

() Analfabeto () 1ª à 4ª série () 5ª à 8ª série

1.6. Idade que foi para a escola: _____

1.7. Série (s) que repetiu: _____

1.8. Serviço militar: () Prestou () Não Prestou

Onde prestou: _____ Duração: _____

1.9. Residência fora de Rio Branco: () Sim () Não

1.10. Local e tempo de permanência fora de Rio Branco: _____

1.11. Experiência de trabalho: _____

1.12. Onde a exerce: _____

1.13. Renda mensal: _____

1.14. Casa própria: () Sim () Não

1.15. Tipo de lazer nas horas de folga: _____

OBS.: _____

2. O Pai:

2.1. Nome: _____

2.2. Local de nascimento: _____

2.3. Local de residência: _____

2.4. Profissão: _____

2.5. Ocupação atual: _____

Ocupações anteriores: _____

2.6. Instrução: _____

OBS.: _____

3. A Mãe:

3.1. Nome: _____

3.2. Local de nascimento: _____

3.3. Local de residência: _____

3.4. Profissão: _____

3.5. Ocupação atual: _____

Ocupações anteriores: _____

3.6. Instrução: _____

OBS.: _____

C) Assinatura do Entrevistador (a):

ANEXO VIII

RELATÓRIO INDIVIDUAL DO ENTREVISTADOR (A)

IDENTIFICAÇÃO DA FITA: Nº

DATA DA IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE: ____/____/____

DATA DA REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA: ____/____/____

ENTREVISTADOR (ES): _____

OBSERVAÇÕES GERAIS:

ANEXO IX

NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
** Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda ... () nível de renda nominal ...
** Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé / e reinicia
** Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
** Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ... o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
** Interrogação	?	e o Banco ... Central ... certo?
** Qualquer pausa	...	são três motivos ... ou três razões... que fazem com que se retenha a moeda ... existe uma ... retenção
** Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
** Superposição, simultaneidade de vozes	_ligando as _linhas	A. na _ casa de sua irmã B. _ sexta-feira? A. fizeram _ lá ... B. _ cozinham lá?
** Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo	(...)	(...) nós vimos que existem ...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião ... “O cinema em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...

* Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP nº 336 EF e D².

** Indicam as normas que foram utilizadas no presente trabalho.

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhm, tá* (não por *está: tá?* Você *está* brava?)
3. Nomes de obras de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (*alongamento e pausa*)
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na *Introdução*.
9. No presente trabalho, usa-se /N/ para marcar a despalatalização. Ex.:
colônia - coloNa, galinha - galiNa.

Obs.: O critério n.º 9 foi incluído pela equipe do Projeto FALA URBANA DE RIO BRANCO.

FONTE: Análise de textos orais, Projeto NURC/SP, FFLCH/USP, SP, 1993.

ANEXO X

PESSOAL ENVOLVIDO NAS ENTREVISTAS:

PROFESSORES E ALUNOS DE LETRAS

a) PROFESSORES:

1. Dinah de Araújo Rodrigues
2. Jacqueline Rodrigues Paiva
3. Raimunda Coelho de Carvalho

b) ALUNOS DE LETRAS/VERNÁCULO:

1. Aurinete Souza Brasil Freire
2. Ana Paula de Carvalho Medeiros
3. Carla Eliane Felício da Cruz
4. Cleide Bezerra Furtado
5. Disney Costa Dantas
6. Elena Feitosa de Oliveira
7. Eleonora Maria Leite Guimarães
8. Elisângela dos Santos
9. Elza Cristina L. Mesquita
10. Gilson Gomes Bardalles
11. Inês Domingos de Assis Souza
12. Jairo Castro da Penha
13. Lucinéia Aparecida Oliveira da Silva
14. Manoel Estêbio Cavalcante da Cruz
15. Maria Auxiliadora Maia Cavalcante
16. Maria Elena Cassiano de Souza
17. Maria José da Cruz Gutierrez
18. Maria do Socorro de Oliveira
19. Marta Luana Moura do Nascimento
20. Maureen Ticiane de Oliveira Barroso
21. Pedro Paulo Rocha de Araújo

22. Regina Maura Lima dos Santos
23. Sheila Maria dos Santos Carvalho
24. Suely de França Vieira
25. Temístocles Batista dos Santos
26. Têrgila Machado Lima
27. Vera Lúcia Pires
28. Verônica Coelho Dantas

c) ALUNOS DE LETRAS/INGLÊS:

29. Ana Clívia Leão de Oliveira
30. Aurilucijoni Valente Santana
31. Carlos André Alexandre de Melo
32. Catianregina Machado Alves Pinto
33. Cristine Kelly Figueiredo de Alencar
34. Elias de Lima
35. Francisco Osvanilson Dourado Veloso
36. Heitor de Oliveira da Silva
37. Jalmir Rufino Vieira
38. Janislêia Emília de Souza T.Machado
39. Wilson Azevedo de Souza

d) ALUNOS DE LETRAS/FRANCÊS

41. Carlos Afonso Martins de Lima
42. Danielle Maria Diógenes Leão
43. Elda Martins Silva
40. Francilene da Silva Coutinho
44. Francisca Chagas dos Santos
45. Francisca Juscelaine C. Dourado
47. Gerusa Arruda Rangel
46. Jane de Araújo Medeiros
48. Lea Silva Melo da Silva

SUMMARY

This work deals with the description and analysis of number agreement in the noun phrase (NP) in a variety of Brazilian Portuguese, based on a corpus of recorded oral speech of lower class inhabitants of the city of Rio Branco (the capital of Acre - a Brazilian state in the Amazon). It follows the Quantitative Sociolinguistics model of data processing combined with some aspects of the linguistic functionalistic theory.

The introduction of the theoretical framework within which the investigation is developed is followed by the description and analysis of the linguistic variable Phonetic Saliency comprising three main dimensions: Morphophonological processes in plural formation, the tonic accent Position, and Number of syllables of the lexical item in its singular form. Besides these dimensions, other linguistic factors are considered, such as, the phonetic/phonological Environment after the item, the linear Position of the constituents of the NP, the grammatical Class, and the plural Marks preceding the item under analysis.

The social variables studied were Sex, individual Performance, and level of Schooling, subdivided in three categories: (a) illiterate, (b) one to four years of primary school instruction, and (c) one to four years of high school instruction.

The results of the analysis were then compared with those of five other studies on the same subject in order to find out possible generalizations concerning the behavior of nominal agreement in Brazilian Portuguese.

The correlation of linguistic and social variables with the formal marking of plural in the NP shows that agreement in the NP in Brazilian Portuguese is a case of synchronic variation rule, favoring the tendency to guarantee the presence of plural indication in the first constituent of the NP, and to significantly reduce the nominal inflection marks in the other elements.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALI, M. Said. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo, melhoramentos, 1964.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática do Português*. 27 ed. São Paulo, Nacional, 1982.
- BRAGA, Maria Luiza. *A concordância de número no sintagma nominal no Triângulo Mineiro*. Rio de Janeiro, PUC, 1977. Dissertação de Mestrado, inédito.
- _____ & SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A concordância de número no SN na área urbana do Rio de Janeiro*. In: ENCONTRO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA 1o, 1976. Anais... Rio de Janeiro, PUC, 1976.p .464-77.
- BÜHLER, Karl. *Sprachtheori*. Iena, 1931.
- CEDERGREN, Henrietta J. *The interplay of social and linguistic factors in Panamá*. Cornell University, PH.D. Dissertation, 1973.
- CELADA, Maria Teresa. *Acerca dos gestos temporais e das migrações na teoria de Labov*. In: DELTA, São Paulo, Vol. 8, 1992, p.135-157.
- CHOMSKY, Noam. *Aspectos da teoria da sintaxe*. Coimbra, Arménio Amado, 1965.

CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. 5 ed. Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1975.

DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Foris Publications - Dordrecht - Holand, 1989.

DU BOIS, Jean. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo, Cultrix, 1978.

_____. (1985) In. NEVES, Maria Helena de Moura. *A Gramática de usos é uma gramática funcional* In. ABRALIN, Boletim da Associação Brasileira de Lingüística. Vol. 19. Maceió, 1996, p. 27-37.

EGGINS, Suzanne. *An introduction to systemic functional linguistics*. Printer publis Levs Ltd. Londres, 1994.

FIRBAS, J. 1987 "On the delimitation of the theme in functional sentence perspective". In: Dirve, JR and Fried, Vv (eds). *Functionalism in Linguistic*. Amsterdan/Philadelphia. John Benjamins Publishing Company.

FISHMAN, Joshua A. *Sociolinguistics: a brief introduction*. Rowley, Massachusetts, Newbury House Publishers, 1972.

FONSECA, Maria Stella Vieira da e NEVES, Noema Facure (org.) *Sociolingüística*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974.

GEBRUERS, R.S.C. (1959) Dik's *functional grammar*: a pilgrimage to Prague?
In: DIRVEN, R., FRIED, V. (Ed) *Functionalism in Linguistics*. Philadelphia:
John Benjamins, 1987 p. 101-34.

GUY, Gregory R. *Linguistic variation in brazilian portuguese : aspects of the
phonology, syntax, and language history*. PH.D. Dissertation, University of
Pennsylvania, 1981 a . inédito.

HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. Baltimore:
Edward Arnold, 1985.

ILARI, Rodolfo. *Temas em funcionalismo: da organização temática ao
processamento cognitivo*. In: ABRALIN. Boletim da Associação Brasileira
de Lingüística. Vol. 19. Maceió, 1996, p.39-49.

LABOV, William. *Sociolingüístic patterns*. 3. ed. Philadelfhia, University of
Pennsylvania Press, 1972 a.

_____. *Language in the inner city*. Philadelphia, University of Pensylvania
Press, 1972b.

LEMLE, Miriam. *Análise sintática (Teoria geral e descrição do português)*. São
Paulo, Ática, 1984.

_____. NARO, Anthony J. *Competências básicas do português*. Rio de Janeiro,
MOBRAL, Fundação Ford, 1977.

- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 32 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1994.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da lingüística contemporânea*. São Paulo, Cultrix, 1976.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1978.
- _____. *A língua do Brasil*. Rio de Janeiro, Agir, 1946.
- MOLLICA, Maria Cecília (Org.) *Introdução à sociolingüística variacionista*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1992.
- NEVES, Maria Helena de Moura. In: ALFA. *Revista de Lingüística*. Universidade Estadual Paulista - UNESP. São Paulo. Editora UNESP, 1994. p.109-127.
- _____. *A gramática de usos é uma gramática funcional*. In: ABRALIN. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística. Vol. 19. Maceió, 1996, p.27-37.
- NICHOLS, J. *Functional theories of grammar*. Annual Review of Anthropology, n. 43. 1984, p.97-117.

NICOLAU, Eunice Maria da Dore. *A ausência de concordância verbal em português: uma abordagem Sociolingüística*. Belo Horizonte, 1984. Dissertação de mestrado, inédito.

NINA, Terezinha de Jesus Carvalho. Concordância nominal/verbal do analfabeto na micro-região Bragantina. Rio Grande do Sul, PUC, 1980. Dissertação de Mestrado, inédito.

PONTE, Vanessa Maria. *A concordância nominal no linguajar de uma comunidade pobre de Porto Alegre*. Rio Grande do Sul, PUC, 1979. Dissertação de Mestrado, inédito.

POPLACK, Shana. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish : competing constraints on / s / deletion. In : LABOV, William. (eds). *Locating language in time and space*. Philadelphia, University of Pensylvania, 1980 a .

PRETI, Dino (Org.) *Análise de textos orais. Projeto de estudo da norma lingüística urbana culta de São Paulo* (PROJETO NURC/SP), FFLCH/USP, 1993.

PROJETO: Estudo da fala urbana de Rio Branco - EFURB, 1994.

RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. São Paulo, USP. 1987. Tese de Doutorado, inédito.

RODRIGUES, Dinah de Araújo. *A concordância verbal na fala urbana de Rio Branco*. Campinas, UNICAMP, 1997. Dissertação de Mestrado, inédito.

SANKOFF, David. *Variable rules*. In: AMONN, Ulrich; DITTMAR, Norbet & MATTEIR, Klauss J. (eds.) *Sociolinguistic - An internacional hadbook of the science of language and society*. Berlin/New York, Walter de Gruyter, 1988.

_____, Varbrul Version 2. Centre de Récherches Mathématiques, Université de Montréal, 1975. mimeo.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 5 ed. São Paulo, Cultrix, 1973.

SEBRAE/AC. *Perfil sócio-econômico da cidade de Rio Branco*, 1991.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A regra de concordância de número no sintagma nominal em Português*. Rio de Janeiro, PUC, 1978. Dissertação de Mestrado, inédito.

_____. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1988. Tese de Doutorado, inédito.

_____. *Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em Português*. In : SILVA, Giselle Machline de Oliveira e SCHERRE, Maria Marta Pereira. Orgs. *Padrões Sociolingüísticos. Análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1996. Tempo Brasileiro.

SILVA, Giselle M. de Oliveira e TARALLO, Fernando. (Orgs.) *Cadernos de estudos lingüísticos 20. Sociolingüística*. UNICAMP/IEL, Campinas, 1991.

_____. *Apresentação da mesa redonda sobre a visão da variação na Sociolingüística*. I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Lingüística - ABRALIN. Salvador, 1994. mimeo.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo, Ática, 1986.

_____. (org.) *Fotografias Sociolingüísticas*. Campinas Pontes, 1989.

_____. *Tempos lingüísticos*. São Paulo, Ática, 1990.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. 2 ed. São Paulo, Cortez Editora, 1997.

TRUDGILL, Peter. *Sociolingüistic: an introduction*. New York, Penquim Books, 1974.

WEINREICH, V., LAVOV, W. E HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. IN: LEHMAN, W. e MALKIEL, Y. (Eds). *Directions for Historical Linguistics*. Austin, University of Texas Press, 1968.